NO SUPLEMENTO LITERÁRIO: ENTREVISTA «EXPLOSIVA» COM FONSECA COSTA

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 7 DE AGOSTO DE 1969 N.º 16 750 ANO 49.º UM ESCUDO

às sextas-feiras em MESA REDONDA vamos discutir...

«CONTRABANDO» DE PEIXE NA LOTA DA RIBEIRA

Alguma coisa pouco clara, na verdade, se está a passar no mercado da Ribeira, alguma coisa que alarma os comissários de vendas de peixe miudo — que vêem o volume de transacções diminuir constantemente. E a cidade nem por isso deixou de consumir menos peixe...

Camionistas e armazenistas estão a mover uma concorrência (ilegal?) cada vez maior a quem labuta no mercado (exercendo profissão devidamente autorizada e pagando impostos camarários).

Os prejudicados com esta concorrência, porém, não são sómente os comissários de vendas. Também os homens que, em padiolas, transportam as caixas de peixe para a lota, se ressentem do facto e estão necessàriamente preocupados com o seu futuro.

(LER REPORTAGEM NA PAGINA CENTRAL)

"Soberania ilimitada"

—proclama Ceausescu

BUCARESTE, 7 — (A. N. I.) — O secretário do Partido Comunista russo Konstantin Katushev deve falar hoje no décimo congresso do Partido Comunista romeno, respondendo à «doutrina Ceausescu», proclamada ontem pelo presidente da Roménia.

Perante 3200 delegados que o aplaudiram, Nicolae Ceausescu afirmou que os países comunistas devem ter o direito de «progresso livre e soberano», sem «interferências» seja de quem for, e avisou que o povo romeno irá para a guerra, se necessário, «na defesa da liberdade, da soberania e da integridade da pátria».

Os observadores declaram ter sido a primeira vez que o presidente enunciou os princípios de independência contidos na «declaração Ceausescu de soberania ilimitada», a ser aprovada pelo Congresso do Partido, onde os comunistas traçam a sua política.

Nicolae Ceausescu afirmou ainda, no seu discurso de ontem, que a amizade com os Estados Unidos é «uma das pedras base da política externa romena».

REAFIRMAÇÃO DOS INTERESSES SOVIÉTICOS

MOSCOVO, 7 — (F. P.) — A revista «Vida Internacional» recorda aos dirigentes dos países socialistas que «os interesses fundamentais do povo soviético — os seus interesses de classe, de Estado, de nação e os de sua segurança — estão ligados á existência e ao desenvolvimento da Polónia, da Roménia, da Bulgária, da Checoslováquia, da Hungria e da R.D.A. como Estados socialistas».

O CHANCELER alemão ocidental, Kurt Georg Kiesinger, actualmente em Washington, para conversações com o presidente Nixon

Sondagem em Moscovo acerca de Berlim?

WASHINGTON, 7 — (R.) — O presidente Nixon e o chanceler alemão ocidental, Kurt Georg Kiesinger, iniciam, esta tarde, em Washington, dois dias de conversações acerca das relações entre o Leste e o Oeste, no meio de esperanças de que a U. R. S. S. poderá estar preparada para tornar mais fácil o problema de Berlim.

Fontes diplomáticas disseram que uma diligência coordenada aliada em Moscovo, sondando possível interesse soviético em garantir acesso livre á cidade dividida, poderia ser feita mesmo quando o presidente e o chanceler conferenciavam em Washington.

Os portos e aeroportos portugueses estão abertos a quem deles necessite

— afirmação do ministro dos Negócios Estrangeiros a propósito dos aviões que, de S. Tomé, vão para o Biafra

O ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Franco Nogueira, deu mais uma das suas habituais conferências de Imprensa, abordando hoje, fundamental-

(Continua na 13.ª página)

O dr. Franco Nogueira no uso da palavra, esta manhã, durante a conferência de Imprensa a jornalistas nacionais e estrangeiros

CONVITE PARA O JAPÃO

É hoje eleita a representante portuguesa

Uma jovem portuguesa terá hoje a grata alegria de ser escolhida como representante de Portugal no Concurso Internacional de Beleza, conquistando, assim, uma maravilhosa viagem ao Japão, graças á

(Continua na 13.ª página)

HOJE 28 PAGINAS

VISADO PELA CENSURA

DE ONTEM PARA HOJE

DUAS CRIANÇAS AFOGADAS

Duas crianças morreram afogadas na tarde de ontem, perto de Bragança, em condições trágicas e algo insólitas. A primeira foi um miúdo de 2 anos, Marcelino António Afonso Correia, que se encontrava perto da mãe, a lavar roupa, com outras mulheres, num pequeno agueiro do rio Sabor. Em certo momento desapareceu, sem que ninguém de tanto se tivesse apercebido. Quando os seus gritos foram ouvidos e o pequeno retirado ainda estava com vida — tendo vindo a morrer no Hospital Regional, para onde foi conduzido. A segunda criança foi António Manuel Carrazedo Martins, de nove anos, que encontrou a morte num pequeno ribeiro no sítio do Vale de Moinho. Andava, por ali perto, a ajudar o pai, José dos Santos Martins, na labuta da rega. Cheio de calor, resolveu tomar um banho — e foi o último...

PALÁCIO DE BELÉM

O Presidente da Republica recebeu em audiência os srs. brigadeiro Bettencourt Rodrigues, ministro do Exército; prof. dr. Gonçalves de Proença, ministro das Corporações e Previdência Social, com os srs. drs. Veiga de Macedo, José Manuel Charters, Mendeiros Casquilho, Óscar Xardonal e Ferraz de Oliveira, do Instituto de Obras Sociais; D. Custódio Alvim Pereira, arcebispo de Lourenço Marques; dr. Moreira Baptista, almirante Henrique Tenreiro e dr. Sousa Barriga, na qualidade de membros da antiga comissão executiva das comemorações do 40.º aniversário da Revolução Nacional; dr. Ascensão Azevedo, governador civil de Castelo Branco, acompanhado do director-geral de Minas e da administração das Minas da Panasqueira; António de Medeiros e Almeida, presidente do conselho administrativo da Fundação Salazar; general Câmara Pina, do Instituto de Altos Estudos da Defesa; dr. Jorge da Fonseca Jorge, antigo governador civil do Porto, e esposa; eng.º Mário Dias Trigo, presidente da União dos Inválidos de Guerra; eng.º Fernando Moniz Galvão, e a direcção do Grémio dos Industriais de Panificação de Lisboa, acompanhada de delegados do Instituto Nacional do Pão.

A MORTE NA ESTRADA

Também nas estradas de outros países os portugueses continuam a encontrar a morte. Próximo de Leon, em Espanha, um carro português e outro espanhol chocaram com violência: quatro mortos e outros tantos feridos foi o balanço. Do lado português morreu o condutor, Agostinho Rodrigues, de 27 anos. Ficaram feridos com gravidade os de mais ocupantes: Manuel Fernandes, de 30 anos, Justiniano Rodrigues Domingos, de 33, António da Cunha Barreiros, de 20, e Manuel Rodrigues de Carvalho, de 25, todos de Melgaço. Do lado espanhol morreu o condutor — o industrial Caledonio Martinez —, a mulher e a filha, que vinham de férias.

APARECEU MORTO

Desaparecera no dia 1 do corrente o jornaleiro Adelino Pereira, de 59 anos, viuvo, residente em Barreiros (Aveiro). Foi agora encontrado, morto, no fundo de um barranco, nos areais da Esgueira. Julga-se que tenha ali caído por acidente, não havendo suspeita de crime.

CÂMARA DE SINTRA

Foi exonerado, a seu pedido, o presidente da Camara Municipal de Sintra, coronel de eng.ª Joaquim Medonça Duarte Pedro, a quem foi conferido público louvor pela forma como exerceu aquele cargo administrativo.

CRIME GRAVE

João da Silva Marques — diz a acusação já enviada para tribunal pela G. N. R. de Guimarães — tentou praticar crime grave; no lugar de Castelões, da freguesia de S. João da Ponte, atacou, à vez, duas menores que iam para o trabalho, tentando molestá-las, do que elas se conseguiram escapar. Momentos depois uma delas ouviu gritos aflitivos, que julgou ser da outra. Foi chamar pessoas a uma casa próxima, e quando estas chegaram ao local verificaram que aquele serrador, de 34 anos e casado, tinha arrastado á força uma mulher durante mais de 80 metros, derrubando as culturas ali existentes, e já dominava a vítima de boca tapada, preparando-se para prosseguir os seus intentos. A atacada estava grávida e ficou bastante mal.

VISITA MINISTERIAL

O ministro da Saude visitou as instalações da Docapesca, acompanhado pelo almirante Henrique Tenreiro, representante do Governo junto dos organismos corporativos das pescas. O dr. Lopo Cancela de Abreu percorreu todas as instalações, tendo-lhe merecido especial atenção os serviços médicos e sociais.

A última eliminatória para a eleição da Rainha do Sado

SETÚBAL, 7 — Disputou-se ontem á noite a segunda e última eliminatória distrital do concurso para a eleição da Rainha do Sado. Havia que escolher 6 das 9 candidatas. Melhor — havia que eliminar três das eleitas pelos concelhos de Moita, Setúbal e Alcochete. A escolha foi no final de um espectáculo que durou até de madrugada e, como os anteriores, se efectuou no Pavilhão do Clube Naval Setubalense.

Nesta eliminatória foram escolhidas: Maria Olinda Ramos, com 25 pontos, e Ana Paula dos Santos, com 18, da Moita; Noémia Benedita Baptista, com 24 pontos, e Maria Elisabete Ribeiro Brás, com 21, de Setúbal; Maria Teresa Cruz da Silva, com 25 pontos, e Maria Isabel Silva Marques, com 19, de Alcochete.

O público manifestou certa discordância relativamente á pontuação máxima dada ás concorrentes da Moita e de Alcochete, bem assim como ao facto de até as concorrentes de Setúbal, Noémia ter ficado com mais pontuação que a Elisabete. Porém, na eliminatória do concelho, essa diferença ainda foi de mais um ponto e o público sublinhou com aplausos a decisão. E, aliás, se o júri é o mesmo, á excepção de um dos seus cinco elementos, como havia de ser diferente a sua decisão? Mas, desta feita, parte do público ruidosamente discordou.

A final será no dia 30 do corrente, sendo catorze as concorrentes: as oito agora apuradas e as que já haviam sido escolhidas para representar os concelhos de Grândola, Palmela, Montijo e Santiago de Cacém.

ora diga-nos...

— Porque é que não está de férias fora de Lisboa?

Agosto é o mês de férias por excelência, aquele em que maior numero de pessoas estão fora de Lisboa, «a banhos». Logo, e segundo um esquematismo que faz honra ao nosso raciocínio aristotélico, quem quer que nós encontremos durante os trinta e um dias agostinios por estas ruas lisboetas, é porque: 1) já gozou as suas férias; 2) ainda está por gozá-las; 3) não tem férias este ano (hipótese que pode abarcar duas sub-hipóteses, as de que nunca as teve ou não as tem agora acidentalmente); e 4) está de férias mas não saiu de Lisboa. Vejamos.

● *O cobrador sr. Joaquim André respondeu-nos:*

— Porque não tenho possibilidades, não tenho fundos. Fico em Lisboa os quinze dias que tenho de férias — aliás, já fiquei, porque já as gozei.

— *Mas já houve tempo em que...*

— Houve! Olhe, a ultima vez foi há três anos, em Santa Cruz. Gostei muito, pois então, mas foi muito pouco tempo, só oito dias. As pessoas ali parece que estão no paraíso, esquecem-se de tudo...

— *Mas nem vai á praia uma vez por outra?*

— Sim, isso vou. Vou de manhã — quando em férias — e volto á hora do almoço. A Paço de Arcos, que é mais barato.

● *A seguir, auscultámos a sr.ª D. Maria Helena Brás dos Santos, ajudante de enfermeira no Hospital de Almada.*

— Já estive este ano quinze dias em Sesimbra, que é aliás a minha terra. Se gostava de ter ido a outro sítio? Sim, ao Algarve, gosto muito daquilo.

— *Porque é que não teve mais dias de férias?*

— Tenho que trabalhar no hospital. Mas acho pouco, lá isso acho. Um mês é que me parecia justo.

● *O sr. António Rodrigues, «que compra e vende por conta próprias», contou-nos desta forma:*

— Não posso, a minha vida profissional não mo permite: compro e vendo objectos para encadernação por conta própria, não tenho empregados, colaboradores, estou sózinho... Não posso ter férias, homem!

— *Mas em outros anos, já as teve?*

— Lembro-me de uma vez em que tive oito dias de férias que fui passar ao Gradil, concelho de Mafra, que é a minha terra. Estava nessa época empregado numa casa da Calçada de S. Francisco, numero 7 — e quando regressei de férias, fui despedido...

— *E agora, aos domingos, não vai á praia de vez em quando?*

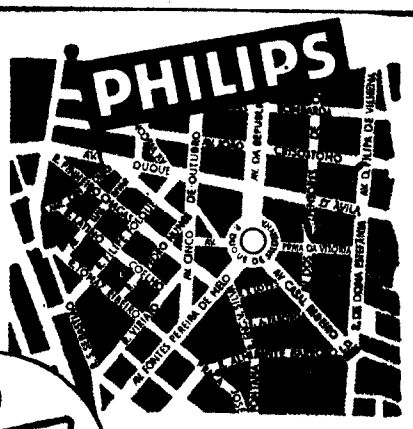
— Sim, com a família. À Cruz Quebrada.

CRÉDITO PARA AS FORÇAS MILITARES NO ULTRAMAR

Foi aberto no Ministério das Finanças um crédito especial de 1 356 129 014$00 para ser adicionado á verba destinada ás «Forças militares extraordinárias no Ultramar»—diz o «Diário do Governo» de hoje, revelando este decreto-lei. O diploma entrou imediatamente em vigor.

3.º CICLO
EXAMES DE 2.ª ÉPOCA
LABORATÓRIOS
Telef. 831416 (ao Chile)

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO



CENTRO COMERCIAL DOS SERVICOS TÉCNICOS DA
PHILIPS PORTUGUESA
ÀS SUAS ORDENS PARA:
MONTAGEM DE AUTO-RÁDIOS
VENDA DE ACESSÓRIOS
REPARAÇÕES RÁPIDAS

ENGENHEIRO

Electrotécnico ou Mecânico como chefe de Departamento Técnico (70 pessoas), para planeamento, programação e lançamento mecanizados, tempos e métodos, qualidade, conservação preventiva, alguns estudos técnico-económicos e pequenos fabricos, admite-se.

Férias 3 semanas, 9/12 contos mínimo conforme experiência a comprovar. Fotografia.

Resposta dentro de 8 dias para o Apartado n.º 3068, Lisboa-3.

CINQUENTA HOMENS EM ÓRBITA

De todo o material Apolo, só o foguetão Saturno-5 se destina a sobreviver, enquanto não se conseguirem outros meios de propulsão de homens no espaço (de preferência baratos), e se não se realizar um material novo, mais espaçoso, para os abrigar. São estas, na verdade, as duas direcções que os E.U.A. parecem decididos a tomar.

O problema, noutros termos, consiste em definir uma grande estação orbital, uma base espacial permanente, e os meios económicos de assegurar a ligação entre ela e a Terra: uma nave de transporte regular, de ida e volta.

Se o projecto da estação vai encontrando, pouco a pouco, a unanimidade, o que é preciso é que os técnicos americanos cheguem a acordo sobre o meio de realizar esse veículo de transporte regular, com interesse económico e técnico.

■ Para uns, será necessário evitar todas as ideias utópicas e limitar-se, no imediato, a recuperar peças soltas dos foguetões disparados.

■ Para outros, deverá tentar-se a definição dos veículos que sejam parcialmente reutilizáveis: engenhos que descolariam verticalmente, largariam os reservatórios de carburante depois de esgotados, cumpririam a sua missão espacial e voltariam a descer á Terra onde pousariam como um avião.

■ Finalmente há quem se mostre partidário da realização de veículos inteiramente reutilizáveis: engenhos compósitos, cujas diferentes partes regressariam todas à Terra, uma vez cumprida a sua missão, e fosse qual fosse essa missão. Assim se recuperaria o que é actualmente o primeiro e o segundo andar, bem como, naturalmente, o próprio veículo.

Destas três vias é, paradoxalmente, a primeira que é menos realista: desde há muito que têm vindo a ser feitos ensaios, que serviram, mais para a constituição de uma reserva de peças históricas do que para a recuperação de peças desligadas.

Mas as outras duas soluções suscitam idênticos problemas: a forma dos engenhos, os motores, os materiais...

O problema das «banheiras volantes»

A forma, nos seus princípios, está perfeitamente definida: é a dos «lifting bodies», esses estranhos engenhos que poèticamente se classificam de «banheiras volantes» e que valorosos pilotos de ensaio se esforçam, com risco da própria vida, por afeiçoar... até agora com êxito variável.

O problema é delicado: tem que se definir um engenho que corresponda simultâneamente aos critérios espaciais e aos aeronáuticos. Está fora de causa um engenho munido de asas: as asas volatilizar-se-iam. Igualmente fora de causa é o avião sem asas: esmagar-se-ia ao pousar no solo.

Uma vez mais, a solução tem de ser de compromisso e terá de ser encontrada mais em esquemas muito «ousados» que em geometrias variáveis.

Motores revolucionários

Não há, pois, nada de surpreendente no facto de estarmos agora a assistir a uma áspera concorrência entre quatro soluções, defendidas por outras tantas grandes firmas aero-espaciais: «Lockheed, North American, general Dynamics e Convair».

Esperam-se rendimentos muito mais importantes destes novos motores do que os motores actualmente em uso. Por exemplo, o motor F-1, que propulsiona, em cinco exemplares, o primeiro andar do foguetão Saturno fornece um impulso de 750 toneladas. Procura-se um motor de 500 toneladas de impulso, mas muito mais «económico». Existem duas soluções: a clássica, de Pratt e Witney — um «motorista» insigne da industria aeronáutica — e a revolucionária, de Rocketdyne, o fabricante de F-1.

As dificuldades não param aí. Exige-se que seja reutilizável, no todo ou em parte, e, finalmente, deve ser protegido, aquando da reentrada na atmosfera, por um material que não se deteriore. Se assim não for, terá de ser reparado. A questão da termo-protecção é, pois, de primeiríssima importância.

Mas, para que seja plenamente económico, seria também conveniente que esse engenho carecesse de muito menor ajuda do solo para preparar o lançamento: para quê dispor de um engenho reutilizável se, de cada vez que o quiserem lançar, for necessário proceder a uma interminável contagem decrescente? Seria, pois, necessário que ele pudesse assegurar, por si próprio (e em toda a segurança, é bom de ver) a sua própria verificação.

Todas as questões se ajustam estreitamente: o desenho dita o ângulo de entrada na atmosfera e este ângulo define as condições ás quais o material deve resistir. Se a nave espacial deve ser munida de um equipamento electrónico que lhe permita proceder, por si própria, á contagem decrescente, no entanto tem que se tomar conta dela, quanto mais não seja para a alimentar de combustível. Terá, pois, de partir de uma base e, para ser reutilizável, pousar nessa base: o equipamento electrónico deve também permitir uma condução extremamente precisa.

Isto tudo parece um quebra-cabeças. A verdade é que os estudos estão em curso há muito tempo e, se ainda não chegaram a bom termo, estão a envidar-se todos os esforços para se chegar, dentro de dois ou três anos, ao desenho (pelo menos a traços largos) de uma nave espacial, cujo peso será equivalente ao de um Boeing-707: mais de 100 toneladas.

O que significa que, se se tomar a decisão de ir para a frente, a partir do próximo ano financeiro, a nave — «shuttle» — poderia estar pronta na segunda metade do decénio. Quanto ás despesas necessárias, ninguém ousa pronunciar-se, mas os cálculos situam-se entre os 5 e os 10 biliões de dólares.

Uma base espacial de cinquenta homens

Para uma nave, são necessárias duas «estações»: uma base terrestre — muito verosimilmente o Centro Espacial Kennedy — e uma base espacial.

Também neste ponto os americanos querem ir depressa. A NASA lançou há pouco um apelo de oferta á industria para o desenho de uma grande estação cuja primeira versão poderia não ser, claro, permanente, mas que depressa levasse a uma base permanente. Sugere varios desenhos, mas todos eles apresentam denominadores comuns:

A estação deveria ser colocada em órbita em peças separadas, podendo cada uma delas ser «entregue» no lugar por um Saturno-5.

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

A alimentação em energia seria assegurada por reactores nucleares, que, como se espera, acabariam por ser «operacionais».

● A estação compreenderá uma zona de gravidade nula e, graças a um movimento de rotação sobre si mesma, outras zonas, nas quais será recriada uma gravidade artificial igual, por exemplo, a mais de metade da gravidade terrestre.

● Uma parte da estação não será animada de nenhum movimento de rotação para

(Continua na 12.ª página)

Nota do dia

QUEM QUER PENSAR?

VIAGEM DE AUTOCARRO é salutar para refresco da imaginação dos que se condenaram ao isolamento de viajar todo o dia em transporte individual. Tomam-se outros ares, vê-se que há gente, uma gente diferente daquela que os praticantes do isolamento não vêem todos os dias. E gente que não se isola nem se cala, pelo contrário, que comunica, que fala pelos cotovelos, com exuberância de gestos, para quem quiser ouvir-lhes também, tanto lhes faz, se não quiserem não ouçam...

As duas mulheres falavam simplesmente da sua vida. Eram pessoas de trabalho, reluzentes de tudo, do penteado, do ouro, do próprio vestuário. Teriam o seu negócio, porventura nalgum mercado. Mas, pelos vistos, talvez não fosse por muito tempo, ao menos para uma delas, a avaliar pela conversa em que iam e pelos projectos que fazia. Sabiam coisas de cá e da estranja, era isso o que de momento as acalorava, o que lhes dava o fogo da conversa, o que nelas animava o calor interior que se sentia à volta.

Tinham gente na emigração. Pareceu que na Alemanha. Davam pormenores dos ganhos, das condições de trabalho, dos projectos de que os ausentes davam parte, maridos ou filhos, tinham comprado isto e mais aquilo, enfim, a promoção social sentida e comunicada. Cada uma das duas tinha pormenores de valia para oferecer à outra. E na conclusão uma delas não se fazia esquisita nem mostrava hesitante: ia arrumar as coisas por cá e ia ter com o seu.

Eis o quadro de alarme. O problema da emigração está a ser desde há um par de anos e continua a ser um dos capítulos mais inquietantes do livro da nossa existência nacional. Não adianta aqui citar números porque não estamos a dizer nada que se não saiba, apenas a rememorar aspectos desse bem sabido capítulo e a pretender tirar conclusões que dificilmente convencerão alguém a ir ou não ir. Mas teremos de nos convencer a nós próprios.

Nós próprios, quem? Nós todos os que por obrigação ou devoção pensamos nestas coisas que sabemos nos tocarem a todos, clero, nobreza e povo deste «reyno» feliz do deixa andar, enquanto há vida há esperança e quem vier atrás que feche a porta. É que não há tempo para deixar andar, é preciso acudir com urgência, estancar a sangria que nos debilita, que nos deixa inertes e pálidos de anemia, que nos deixa à espera positivamente de sapatos de defunto.

O pesadelo da emigração é que os que emigram são os melhores, os mais estimulantes, os mais activos e empreendedores, os que não se resignam à mediania conformada dos fados e guitarradas. São setecentos mil só em França? O número já foi citado e não foi contestado. Quem não sente com ele o frémito de alarme e quem é capaz de se esquivar a raciocínios comparativos de outros números para outros destinos? Não faltam dramas a contrariar o quadro, mas os que se adaptam são muitos.

O segundo acto do drama talvez nem seja o dos que regressam derrotados e desiludidos. O segundo acto do drama talvez seja o dos que partiram sózinhos, se instalaram, se deram bem, acham que sim, que a vida é isso mesmo e fazem de lá sinal ás famílias deixadas na terra que se aprestam para ir ter com eles. Deixa de ser o caso do indivíduo isolado, moído de saudades, para ser o caso da família inteira que vai, que liquida tudo por cá e leva consigo todo o seu futuro.

O terceiro episódio será o dos clandestinos. Quantos saíram no último ano? Deve saber-se já. E este ano? Sabe-se ao menos que a torneira se fechou? Ninguém o disse nem parece que tenha fechado. Mas todo este desfiar de contas do nosso rosário de fragilidades tem toda a cor de ser um dos problemas mais angustiosos da nossa existência como comunidade. Claro que pedimos ao Governo que acuda. Mas pedimos também a todos os homens conscientes deste País que se apercebam do drama colectivo que estamos a passar. Como seria o nosso amanhã?

RECTÂNGULOS DA VIDA

UM TERRENO PARA CONSTRUÇÃO

Ela prosseguiu:

— Pois foi. Uma prima afastada lembrou-se de me deixar aquele terreno. Não, não é em Saint Tropez, quem dera, é muito simplesmente em São Torpes, um grande areal, belíssimo, ali perto de Sines. Sempre gostava de saber quem foi este santo banhista que se pôs a baptizar praias pelo mundo fora... Um terreno portanto. Não é muito grande mas fica óptimamente situado, perto do mar. Dá perfeitamente para uma casa ampla, com jardim, embora eu não vá ter jardim nenhum, não gosto de jardins. Uma árvore bonita, isso sim, e um relvado. Mas talvez seja preferível choupos, dão-se bem nos terrenos arenosos, não é verdade? Gosto deles com aquelas flores gordas, rosadas... Estou a ver-me numa cadeira de repouso. Ou numa rede? Tenho-me divertido muitíssimo com o meu terreno em São Torpes. Bem, divertido não é bem o termo. Tenho é ocupado com ele as horas vagas ou aborrecidas. Já visitei vários modelos de casas prefabricadas. Há-as lindas, feitas de madeiras não sei donde, creio que do Canadá. Mas pensando melhor, uma casa de pedra e cal é outra coisa, inspira mais confiança, não é verdade? Tenho um amigo arquitecto que já me desenhou várias plantas. Boas, sem duvida, mas... Quase todas as semanas compro uma revista de decoração. E leio atentamente os anuncios: móveis normalizados, móveis por elementos, sei lá! Aqui há tempos falaram-me de uma coisa que me deixou deslumbrada: móveis-imóveis de pedra. Mesa de sala de jantar em pedra, não é óptimo para uma casa de praia? Fresco, não acha? Belo.

— Há quanto tempo tem o terreno?

— Há dez anos e dois meses.

— Tanto? Porque espera para mandar construí-la?

— Nem eu o sei. É que na verdade tem sido apaixonante. Por assim dizer já tive várias casas, sempre melhores, mais novas, mais actuais. Se me resolvo por uma, acabou-se a história, sou forçada a parar para todo o sempre. De longe em longe vou até lá, estudo o vento, o lado do sol, sou muito minuciosa. Os amigos já se riem, claro. Paciência. O meu terreno em São Torpes é a melhor coisa que tive até hoje. Um achado. Quando estou aborrecida, quando a vida não me corre bem, lá está a casa á espera de que eu sonhe com ela e resolva mais umas coisas.

— Por esse andar nunca mais a constrói...

Ela ficou pensativa.

— É que não sei se isso compensaria — declarou sorridente. — O que é uma casa, mesmo em São Torpes, senão o fim de um sonho, um pré-jazigo? Agora uma casa-imagem, em mutação constante...

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

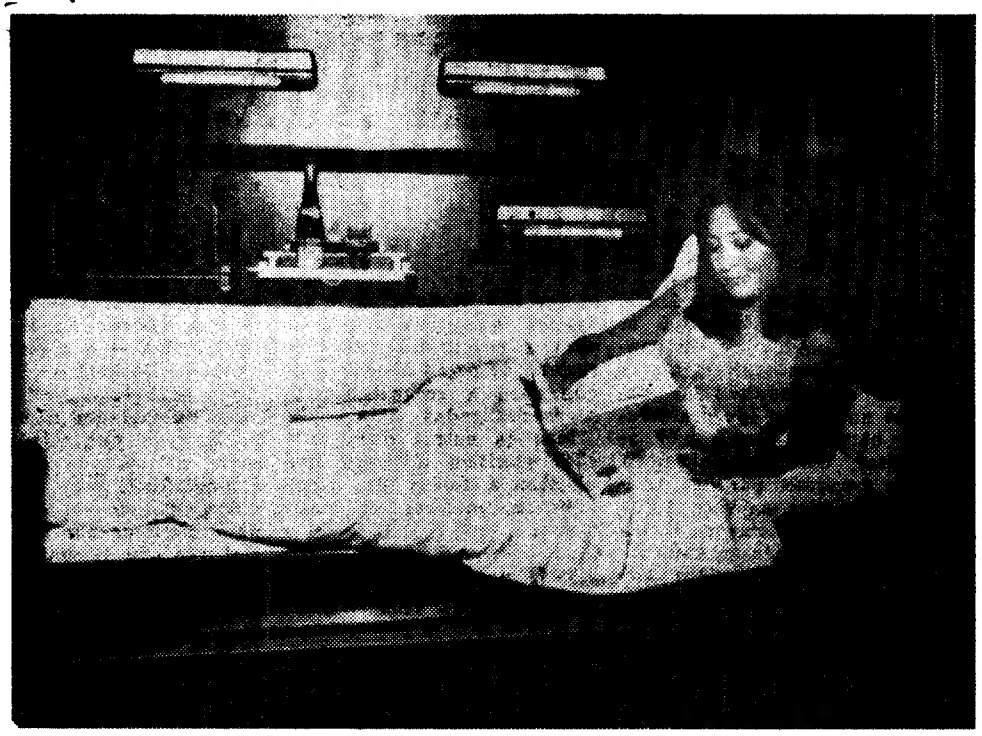
Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

EXAMES LICEAIS NA ÉPOCA DE OUTUBRO

O chefe de gabinete do ministro da Educação Nacional desmentiu-nos que, contrariamente a boatos insistentes entre os estudantes liceais interessados e seus encarregados de educação, estivesse sequer em estudo a possibilidade de ser permitido que na próxima época de Outubro os alunos do 7.º ano dos liceus possam candidatar-se a exame de três disciplinas. Este ano, tal como nos anteriores, têm sido recebidos naquele Ministério numerosos requerimentos a pedir que alunos naquelas circunstâncias possam fazer exame, os quais têm sido evidentemente indeferidos, por serem contrários á lei vigente. Como é sabido, há alguns anos não existia época de Outubro para os alunos do liceu, tendo primeiro sido concedida a possibilidade de os finalistas do ensino secundário se submeterem a um exame, e alguns anos após, a dois exames em Outubro.

Tanto num caso como noutro, no entanto, os setanistas só poderão fazer exame da ou das disciplinas que lhes faltarem para completarem a alínea em que estiverem inscritos.

Em princípio, e desde que se aceita a legitimidade de o finalista dos liceus poder fazer *alguns exames* em Outubro, a determinação de quantos pode fazer e não pode, é relativamente arbitrária e releva de oportunidades quantitativas e não já qualitativas. A fixação de um limite (na pressuposição de que esse limite tem de existir) deixará sempre os mais imediatamente impedidos de fazer exame—actualmente os que precisariam de passar em *três* exames — na convicção de que são os directamente visados pela eventual injustiça daquela delimitação. Ao que parece é o que se passa com as centenas de estudantes nas circunstâncias que apontámos.



VIAJAR E DANCANSAR — O conforto que os caminhos-de-ferro da Alemanha oferecem aos seus clientes é cada vez maior e ainda há pouco se afirmou que as carruagens-cama da Alemanha Federal são das mais confortáveis da Europa. Será verdade? Bem, a avaliar pela gravura (que mostra um compartimento individual numa das carruagens modernas de ar condicionado automático) estamos em crer que sim. E parece que as estatísticas o confirmam: o número de passageiros que viajaram em carruagem-cama no primeiro trimestre deste ano acusa um aumento de 25 mil sobre idêntico período do ano passado

Começa no sábado o 1.º Festival de Música Popular Portuguesa

Está a despertar vasto interesse por parte do publico em geral e, fundamentalmente, nas pessoas ligadas á musica portuguesa e á sua evolução a realização do 1.º Festival de Musica Popular Portuguesa.

O certame principia no próximo sábado, dia 9, pelas 16 horas, no Grande Casino Peninsular da Figueira da Foz.

São admitidas todas as composições, *estilo balada*, em língua portuguesa e as inscrições devem impreterívelmente ser feitas até ás 24 horas do próximo dia 8 em carta registada para «Presença Coimbrã», Rua da Sofia, 97, em Coimbra, programa «Nocturno» Rádio Clube Português, Lisboa-1; ou Casino Peninsular, Figueira da Foz.

Os concorrentes devem indicar o nome do intérprete ou intérpretes, os títulos e respectivos autores das baladas em numero de três, que podem ou não ser inéditas.

Todos os concorrentes devem dirigir-se á Sala da Organização instalada nas dependências do Casino Peninsular e que funciona no próprio dia 9 das 11 ás 13 horas e das 14 ás 15 e 30, para apreciação do juri selectivo.

Como artistas convidados actuam, no próximo sábado, Manuel Freire e Adriano Correia de Oliveira.

O COMÉRCIO E OS FINS-DE-SEMANA E AINDA TURISMO E CIRCULAÇÃO

Do nosso leitor sr. eng.º F. Lancastre de Almeida Garrett, Visconde de Almeida Garrett, a propósito de assuntos versados nas colunas do nosso jornal, recebemos a carta que, a seguir, publicamos na íntegra:

Leitor diário do v/ conceituado Jornal (e já estou tão habituado, ao longo de tantos anos, que nunca deixo de o ler, salvo quando ausente do País), é com vivo interesse que acompanho os diversos assuntos focados. Daí, permita-me V. Ex.ª dizer:

O Comércio e os fins de semana — Estou inteiramente de acordo com o desejo de todos os empregados/as, de terem seus «fins-de-semana», quer de Verão quer de Inverno.

Se quisermos deixar de ser retrógrados, temos que encerrar os estabelecimentos comerciais (os escritórios fecham hoje em dia, na sua quase totalidade, ás 13 horas de sábado e, até, já são aos milhares os que só se mantêm abertos — durante todo o ano — apenas da 2.ª à 6.ª-feira) nos sábados á tarde.

Sei que os «cabeçudos» teimarão em «o comércio vai mal» «é preciso aproveitar todos os momentos», etc., etc., aquela lamúria de sempre (tenho 60 anos e há bem 53 que o oiço diàriamente, admitindo-a apenas na Lavoura porque aí, com fracos solos e clima sempre instável, há que manter uma fé e uma persistência notáveis para continuar a ser lavrador).

Mas os «inteligentes», aqueles que tenham saído do País, que tenham contactado com a vida progressivo de outros povos (e conheço muitos que assim pensam, quando deixam de ser só individualistas), preferem um trabalho realizado da 2.ª à 6.ª-feira, com alta rentabilidade, às horas seguidas... encostadas à incerteza.

Assim, em três afazeres meus, há muito que concluí por ser essa a programação conveniente. Mesmo na Indústria e até quando de laboração contínua. Para tal há que estabelecer horário de 40 horas com três turnos e revisão geral do equipamento ao sábado, simultâneo com um profundo exame do que necessita de modernização quer em técnica, equipamento e investigação, quer em organização para uma crescente rentabilidade da mão-de-obra.

Como poderão então, os que nessas condições trabalham, efectuar suas compras? A resposta é simples.

Os grandes armazéns, hoje verdadeiros multi-stores, vendendo artigos de *todo* o género (como o Grandella, o Chiado e o Drugstore) estariam abertos ao sábado e fechariam à 2.ª-feira. Ora os grandes armazéns não são mais, hoje em dia, do que um conjunto de secções das mais variadas firmas comerciais que ali expõem e vendem seus artigos, a par do que fazem, em seus próprios estabelecimentos.

Há portanto, satisfação de uma reivindicação justa da parte dos «empregados/as de balcão», há diversidade na apresentação dos artigos (loja-armazém) e é sempre possível efectivar suas compras.

Vou mais além, tal como se observa em Munique, por exemplo, com a existência, nos vestíbulos da grande gare dos caminhos-de-ferro, de um conjunto de estabelecimentos onde todo o essencial (de um «prego» a um par de meias, de cigarros a uma gravata, de um perfume a uma camisa, etc., etc.) pode ser adquirido enquanto não cessa o movimento dos comboios. Chegaremos em breve a esse estado de civilizados?

Turismo e facilidade de circulação. — Propagandeamos constantemente, ser necessário desenvolver o turismo nacional mas olvidamos em muitos pormenores, de nos prepararmos para que esse turismo seja possível.

Assim, em muitos pontos de interesse, não estão montados «parques de campismo». O sucesso de Oeiras, de Setúbal, de Monsanto e outros, mostram quanto eles são procurados por turistas estrangeiros e nacionais, porque já é tempo de contar com estes.

Assim, edificam-se hotéis para diárias de meio conto de réis e mais, esquecendo que a grande maioria dos portugueses e dos outros países, não poderão dar-se ao luxo de frequentar esses palaces. É indispensável que tenham onde acomodar-se por um quinto a um terço daquele custo.

Talvez que aos supercapitalistas tal não interesse, mas é possível que lhes desperte a atenção a construção de bem situados blocos, de bem delineados apartamentos, cuja venda acessível permitirá a posse de um abrigado repouso no Verão e uns fins de semana ao longo do ano. Haja em vista o sucesso que constatei em Sesimbra.

Mas há mais, há as «vias largas» por executar, (na metrópole não deve ser descurada), (tudo quanto possa contribuir para uma melhoria económica) há a duplicação de vias de intensa circulação em fins-de-semana (caso Lisboa-Sintra por exemplo), há a determinação da 3.ª via (por utilização da 2.ª via de lado contrário, nas horas de ponta) sob o olhar vigilante e orientador da P. V. T. (como na Estrada Marginal), tudo que facilite o haver, prazer e segurança na utilização de panorâmicas estradas, tão procuradas em fins-de-semana.

Há a criação de grandes parques de estacionamento (e não há direito moral de proibir o estacionamento aqui ou além, se não se proporcionarem nos lugares procurados, estacionamentos devidamente dimensionados) para que os automobilistas não se vejam obrigados a procurar os passeios por... falta de parques junto às praias, às lagoas ou de outros pontos sempre ambicionados por quem toda a semana vive intenso trabalho.

LIVRARIA BERTRAND

UM ALICIANTE ROTEIRO ESPANHOL PARA PORTUGUESES

UM PORTUGUÊS NAS ESPANHAS

por ARTUR MACIEL

«Mestre extraordinário no difícil género da crónica de viagens, Artur Maciel tem escrito centenas de artigos sobre Espanha, cujas terras conhece, em extensão e profundidade, como poucos escritores estrangeiros».

XAVIER DE ECHARRI
«La Vanguardia», de Barcelona

COLECÇÃO DE CRÓNICAS E VIAGENS

Volume de 240 páginas: 65$00

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas

SENADO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Recebemos, na redacção do nosso jornal, fotocópia de um texto dactilografado em papel com o timbre «Universidade de Coimbra — Gabinete do Reitor». Datado de Paços das Escolas, 29 de Julho de 1969, e assinado pelo reitor sr. prof. Andrade Gouveia, esse texto é do seguinte teor:

«O Senado da Universidade de Coimbra, na sua ultima reunião ordinária do presente ano lectivo, resolveu:

a) deplorar que manifestações de clara e reiterada indisciplina, por parte de um sector dos seus estudantes, tenham criado no último período e na primeira época de exames embaraços graves ao regular funcionamento da Universidade e, portanto, ao perfeito desempenho, em clima de paz, que devia ser sempre o seu, da sua alta missão educativa;

b) lamentar que se tenha tornado imprescindível recorrer a meios extraordinários para assegurar a efectivação da liberdade de comparência ás provas de exame;

c) exortar os estudantes a comparecer aos exames na época de Outubro, ignorando ou vencendo os entraves que eventualmente de novo lhes sejam opostos, e manifestar a sua confiança em que o Governo não deixará de prestar á Universidade a colaboração necessária para se garantirem aos alunos os seus direitos escolares;

d) lembrar aos estudantes o sentido autêntico da sua participação na vida da Universidade e da sua presença nela, exprimindo a firme esperança de que o próximo ano lectivo decorra normalmente, em clima de estudo e de ordem, com repudio da actuação de todos quantos tenham por designio perturbá-la e tornar impossível o seu funcionamento;

e) fazer votos por que se possam concluir no próximo ano lectivo os trabalhos preparatórios de uma reforma da Universidade, da qual será lícito esperar, além do mais, que venha a ser, de per si, nas circunstancias conjunturais presentes, factor determinante de harmonia e de paz nas relações entre as autoridades académicas, os professores e os estudantes.»

O «Diário de Lisboa», que acompanhou todos os acontecimentos de Coimbra, na intenção de os noticiar, não quer deixar de arquivar nas suas colunas o texto acima.

Recintos de diversões

- Já se estreou em S. Paulo o artista Tristão da Silva.
- Completa no próximo dia 1 de Outubro o seu terceiro aniversário o restaurante típico «Mil e um».
- Parte dentro de dias para a Madeira a artista Maria do Espírito Santo.
- O artista António Mourão, antes da sua partida para África, dará alguns espectáculos no Algarve.
- Além de Fernanda Maria, Mariana Silva e Manuel de Almeida, também se encontra a actuar no restaurante «Lisboa á noite» a artista Glória Maria.
- O antigo cantador Gabino Ferreira reaparece dentro de dias aos microfones da E. N.

«OS DIREITOS DA MULHER» PELA COMPANHIA DE TEATRO ALEGRE

Henrique Santana é o protagonista, encenador e tradutor da comédia de Alfonso Paso «Os Direitos da Mulher», um dos maiores sucessos da triunfal Companhia de Teatro Alegre, recentemente regressada de uma digressão á Madeira e aos Açores. «Os direitos da mulher» são, dizem, um problema sem solução. E pergunta-se: as mulheres têm os mesmos direitos que os homens? A resposta é dada, no Teatro Variedades, pelos artistas Henrique Santana, Irene Isidro, Costinha, Maria Helena, Henrique Santos, Lia Gama, Luísa Durão, Helena Isabel e Benjamim Falcão. Hoje e todas as noites espectáculos ás 21 e 45, e, aos domingos, também á tarde, ás 16 horas. Às segundas feiras não há espectáculo para descanso da companhia.

M/ 6 anos

DOMINGO, 10 — ÀS 18. H.
IMPONENTE CORRIDA DE TOIROS
CAVALEIROS:
MESTRE BATISTA
L. MIGUEL DA VEIGA
triunfadores esta época em Portugal
ESPADAS:
os famosos matadores de toiros, em competição
MÁRIO COELHO
FERNANDO TORTOSA
OS VALENTES FORCADOS AMADORES DE LISBOA
COMANDIADOS POR
NUNO SALVAÇÃO BARRETO
8 PODEROSOS TOIROS
DO DR. BRITO PAIS

ELE É UMA AMEAÇA!

INSTRUMENTO DE COMBATE...
MATOU JÁ 39 HOMENS
6 FORAM POR ENGANO!!!
JUNTO DAS MULHERES É UM DUPLO PERIGO!
RICHARD JOHNSON
CAROL LYNLEY · BARBARA BOUCHET
SYLVIA SYMS · DIANA DORS em
CAMINHO PERIGOSO
(DANGER ROUTE)
SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO RANK
Apresenta HOJE às 21.30
Alta tensão no campo da emotividade!
com HARRY ANDREWS e SAM WANAMAKER em Lucinda
GORDON JACKSON · MAURICE DENHAM
Argumento de MEADE ROBERTS
Bas. na nov. "THE ELIMINATOR" de ANDREW YORK
Prod. de MAX J. ROSENBERG e MILTON SUBOTSKY
Realiz. de SETH HOLT
COLOR DeLuxe
Maiores de 17 anos
RANK FILMES
RELEASED THRU UNITED ARTISTS Transamerica COMPANY

TEATRO VARIEDADES
HOJE — ÀS 21.45 H. — (Adultos)
«OS DIREITOS DA MULHER»
DESEMPENHO DA C.ª TEATRO ALEGRE
UM ESPECTÁCULO DE VASCO MORGADO
NUNCA O PÚBLICO RIU TANTO...

MORADIA
Vende-se, barata, por 750 contos, facilitamos parte longo prazo, junto Carcavelos. Com o dinheiro que custa 1 andar com 5 div. na Linha Estoril e as facilidades que damos pode comprar n/ moradia com 8 div., 3 sanitários, cozinha, despensa, grandes varandas, roupeiros, garagem e bom quintal. Trata o construtor, Av. 5 de Outubro, 31-r/c. T. 539773, das 10 ás 12 e 14 ás 18, LISBOA.

ALBUFEIRA
Apartamento completo mobilado
ALUGA-SE
Junto à Praia — Telefone 39 — Albufeira

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas

ARABESCO

(ARABESQUE)

GREGORY PECK SOPHIA LOREN

PRODUÇÃO E REALIZAÇÃO DE STANLEY DONEN

EXCITANTE! ESPECTACULAR! ÚNICO!

"ESPANTOSO ADMIRÁVEL" N. YORK DAILY NEWS

MAIORES 12 ANOS

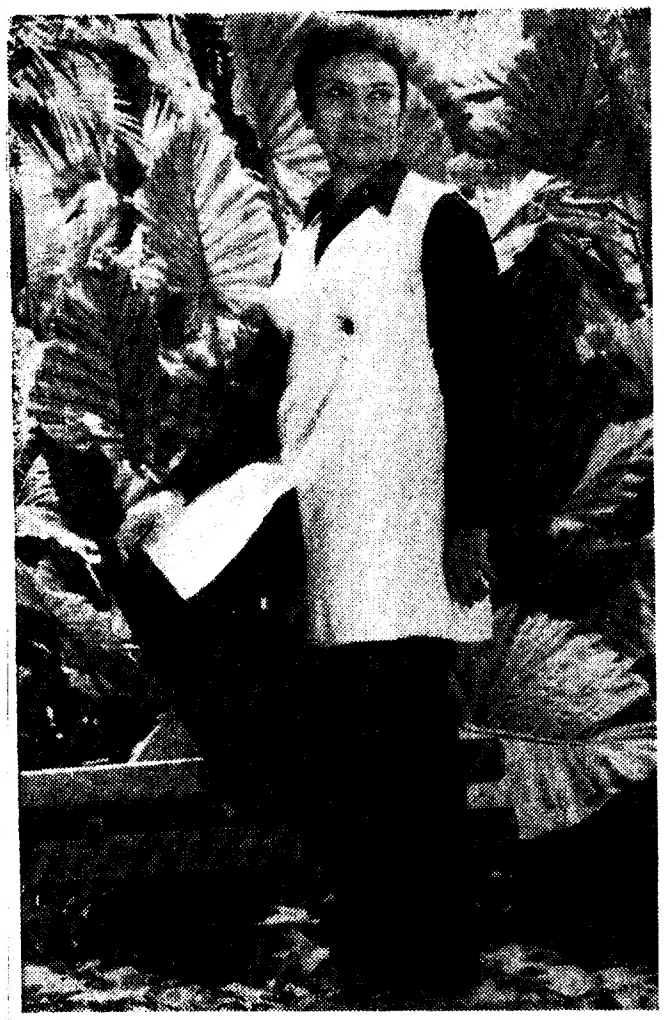
TECHNICOLOR® PANAVISION®

com ALAN BADEL • KIERON MOORE

ARGUMENTO DE JULIAN MITCHELL, STANLEY PRICE, PIERRE MARTON Music HENRY MANCINI

HOJE ÀS 21.30 POLITEAMA

Distribuição SONORO FILME



Chiquita é uma nova intérprete da canção espanhola. Tem 20 anos e nasceu em Sidi Bel Abès, na África do Norte. Filha de um músico, Chiquita passou grande parte da infância em Paris e, aos cinco anos, já tocava piano. Chiquita (de seu nome próprio Graciela Madrigal) ingressou no campo profissional da canconeta por interferência de Alex Marco: hoje, as suas interpretações de «Playa de Palma» e «J'aime, J'aime» estão a obter grande êxito em Espanha

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- *A Companhia de Teatro Estúdio ainda nada tem resolvido quanto á próxima época teatral.*
- *Alargou o número de pretendentes á exploração do Teatro da Trindade. Além de António Manuel Couto Viana fala-se também em Nicholson e Cortez, Alexandre Vieira, e Maria Luzia Martins.*
- *A próxima revista do Teatro Variedades, original de Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha, denomina-se «Vêm aí os russas».*

Conta Infantil

BANCO DO ALENTEJO

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO IMPÉRIO

TÍTULO — «Mata-me depressa... que tenho frio» («Kill me Quick... I'm Cold»).
REALIZADOR — Francesco Masselli, 1967.
INTÉRPRETES — Monica Vitti, Jean Sorel, Roberto Bisacco, etc.

Masselli, que teve estreia promissora no cinema transalpino quando, em 1953, dirigiu «Gli Sbandati («Os Evadidos»), oferece-nos agora uma comédia deslavada, com um ou outro momento melhor desenvolvido, mas com uma ausência de talento verdadeiramente flagrante. A moral da história (apesar de tudo Masselli não perdeu o gosto pela moral das histórias; habituou-se foi a uma moral menos rígida...) é a de que o dinheiro só é bom desde que sirva para uma libertação pessoal, deixando de ser quando começa a funcionar como fim em si mesmo. Para chegar a esta conclusão, Masselli joga com as aventuras rocambolescas de um par de traficantes do alto coturno que vigarizam inteligentemente meio mundo. Tudo permanece, porém, a um nível de certa nebulosidade, nunca se chegando a definir convenientemente as situações e suas cosequências.

Como exercício narrativo, o filme custa imenso a engrenar, nunca possui o fôlego essencial para sustentar um episódio, perde-se em rodriguinhos paisagísticos que nada dizem e acaba por se salientar pela inegável moro-sidade de progressão. Uma sequência constitui excepção: uma pequena sátira aos *westerns* italianos. De resto será melhor fazer a vontade a Masselli: «Mata-me depressa... que tenho frio». A menos que já se encontre suficientemente «aquecido».

LAURO ANTÓNIO

• NO ODEON

TÍTULO — «Não esperes, Django... dispara».
REALIZADOR — Edward Muller, 1967.
INTÉRPRETES — Sean Todd, Pedro Sanchez, Rada Rassimov, etc.

Mais um *western* italiano com a costumada dose de violência gratuita, sadismo e um ou outro apontamento «erótico». Aliás outra coisa não seria de esperar e a publicidade não engana: «*Uma novidade espectacular em brutal fúria de matar*», «*um festival de suspense que retesa os nervos através de um alucinante duelo sanguinário entre indomáveis feras humanas*», «*cada bala valia uma sentença de morte*», «*ninguém podia travar o gatilho*». Feras, sentença de morte, duelo sanguinário, brutal fúria de matar, gatilho: eis o formulário. Nada a acrescentar.

C.

• NO AVIS

(REPOSIÇÃO)

TÍTULO — «Pão, Amor e Ciume» («Pane, Amore e Gelosia»).
REALIZADOR — Luigi Comencini, 1955.
INTÉRPRETES — Gina Lollobrigida, Vittorio de Sica, Marisa Merlini, R. Risso, Maria Pia Casilio, etc.

Quando falámos, aqui há algumas semanas, da reposição de «Pão, Amor e Fantasia», afirmámos que este filme de Comencini, datado de 1953, aproveitava uma certa tonalidade «neo-realista» para condimentar uma historieta de província, aqui e ali espirituosa, aqui e ali espontanea, fresca, simples na sua linearidade de propósitos e escrita. De qualquer forma, e apesar das possíveis virtudes, um abastardamento de um caminho, que o comercialismo assimilava, criando um êxito de proporções ignoradas.

Com «Pão, amor e ciúme» continua-se a série e a receita. Agravada: O que no filme de 1953 ainda exalava um certo tom natural e espontâneo, apresenta-se agora como formulário a explorar. Surgem as receitas e intensifica-se o abastardamento de uma ideia e de uma moral. O neo-realismo começava a cavar um fosso...

L. A.

3.ª SEMANA

HELGA

O SEGREDO DA MATERNIDADE

no Cinema VOX

maiores de 21 anos

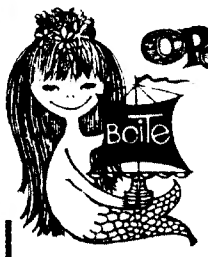
OS PEQUENOS ANÚNCIOS SERVEM OS GRANDES ESPECTÁCULOS

A REVISTA DOS PARODIANTES DE LISBOA — UM ESPECTÁCULO DE VASCO MORGADO

em 2.º MÊS de lotações esgotadas na SALA FRESQUINHA do

MONUMENTAL

em 2 SESSÕES 20.45 e 23 h. (ADULTOS)



O PORÃO DA NAU

A melhor BOITE

O melhor Conjunto

OS ROCK'S

E

EDUARDO NASCIMENTO

A MELHOR FREQUÊNCIA

AR CONDICIONADO — (Maiores 17 anos)

NAZARÉ

GRANDIOSA CORRIDA NOCTURNA M/ 6 anos

SÁBADO, 9, ÀS 22 HORAS

CAVALEIROS:

MESTRE BATISTA

L. MIGUEL DA VEIGA

A PARELHA DOS ÊXITOS

ESPADAS:

JOSELITO TORRES

JUAN GUAJARDO

GRUPO DE FORCADOS AMADORES DE ÉVORA

COMANDADOS POR JOÃO NUNES PATINHAS

8 LINDOS TOIROS

DE JOÃO BATISTA MALTA

MODELOS E DISCÍPULAS

Precisam-se para o **TEATRO MONUMENTAL.** Bom ordenado. Tratar na Av. Praia da Vitória, 71-E, das 15 às 19 horas.

A

FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

É O PASSATEMPO IDEAL QUE SATISFAZ OS NOVOS, VELHOS, RICOS OU REMEDIADOS

ALEGRIA, BOA DISPOSIÇÃO E BEM-ESTAR POR QUINZE TOSTÕES

GOZANDO UM ESPECTÁCUULO DE GRANDE CATEGORIA

AMANHÃ: 1.º Sorteio «CROLLS» com TRÊS MAGNÍFICOS prémios

HABILITE-SE AO SORTEIO DE UMA MOTORIZADA CASAL OFERTA DA METALURGIA CASAL, DE AVEIRO

ABERTURA ÀS 19 HORAS

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas

UM LUGAR PARA SI
UMA SOCIEDADE PARA TODOS

Uma Sociedade é dinâmica quando vive em permanente evolução.
A TORRALTA iniciou um novo empreendimento que mais a prestigia O CONJUNTO TURÍSTICO DE SANTA FILOMENA na sua propriedade denominada Vale da Zorra, no Alvor — Algarve. Hoje quando somos mais de mil accionistas, e valorizamos constantemente o património, a nossa Sociedade continua aberta à participação de todos. Ser accionista da TORRALTA, corresponde a:

Ter direito aos dividendos da Sociedade.

Ter direito a 10 dias de alojamento no Alvor, com a garantia de, no caso deste privilégio não ser utilizado, a ocupação ser comprada pela Empresa, a um preço que garante um bom rendimento ao accionista.

Ter direito a voto nas assembleias gerais da Sociedade, que analisam a sua evolução.

Ter direito a comprar apartamentos pagando-os com acções.

Poder recorrer à sua Empresa sempre que tenha um problema resolúvel no seu âmbito.

NA TORRALTA HÁ SEMPRE UM LUGAR QUE O ESPERA

LISBOA — Av. Duque de Loulé, 66-A
Telefs. 51748, 54479 e 555681

TORRALTA A MULTIPLICAÇÃO DO SEU CAPITAL

Actualidade internacional

Os meios diplomáticos britânicos admitem:

Gibraltar será entregue

LONDRES, 7 — (F. P.) — A notícia das manobras britânicas em Gibraltar foi recebida com satisfação na Grã-Bretanha. Estas começam hoje e vão durar três dias. Participam um porta-helicópteros de 23 300 toneladas, o «Bulwark», 16 helicópteros, dois aviões «Hunter» da RAF e cerca de 2000 homens.

Repete-se em Londres tratar-se de um simples exercício de rotina, mas nota-se que a data das manobras coincide mais dia menos dia com o 265.º aniversário da tomada de Gibraltar. O Governo britânico decidiu não dar importância ás consequências do mau humor que pode provocar em Madrid e ás críticas que deve desencadear nas Nações Unidas.

De há cinco anos para cá as restrições têm isolado progressivamente os 25 000 habitantes de Gibraltar. Os deputados britânicos gostaram de ver que a Grã-Bretanha não ficou inactiva.

Mas é sobretudo a situação dos habitantes do Rochedo que preocupa os dirigentes ingleses. Os gibraltinos inclinam-se cada vez mais para a integração no Reino Unido, que lhes asseguraria a igualdade com os cidadãos britânicos, o que os meios diplomáticos britânicos consideram como irrealizável. Para estes, a soberania sobre o Rochedo acabará por ser transferida para Espanha.

Uma rua de Belfast durante os tumultos dos últimos dias na Irlanda do Norte

VAGA DE ATENTADOS NA ZONA DE GAZA

GAZA, 7 — (Por François Mazure, enviado especial da F. P.) — Foram cometidos seis atentados ou sabotagens na cidade de Gaza e na sua região, apesar do importante dispositivo de segurança dos israelitas. Utilizando cargas explosivas, granadas e armas de fogo, os palestinianos voltaram a dar a Gaza a sua reputação de cidade mais irredutível dos territórios ocupados. Há dois meses que esta reputação era disputada por Naplus, na Cisjordânia.

Nas últimas 48 horas, foi morto um civil israelita e ficaram feridos quatro militares (entre os quais um major). Além disso, foram danificadas uma via férrea e várias instalações.

A cidade apresenta agora o aspecto de estado de sítio. Nas ruas, os árabes seguem com o olhar hostil os raros carros estrangeiros que ali se aventuram. «Jeeps», com soldados de capacete de aço e armas prontas a atirar apontadas em todas as direcções, patrulham lentamente as ruas. Os edifícios onde se encontram instalados os serviços militares israelitas estão protegidos por redes de arame farpado, instaladas a toda a largura dos passeios. As portas e janelas estão barricadas com sacos de areia empilhados uns sobre os outros.

As forças de segurança israelitas travam uma luta activa contra os terroristas, sobretudo nos campos de refugiados que rodeiam a cidade e que são focos de agitação e oposição.

A população de Gaza eleva-se actualmente a cerca de 356 000 árabes.

RETALIAÇÃO

TEL-AVIV, 7 — (A. N. I.) — Aviões israelitas atacaram ontem, durante trinta minutos, posições do Exército jordano — anunciou em Tel-Aviv um informador militar israelita.

Os postos atacados haviam anteriormente bombardeado o colonato de Ashodot Yaakokv, a sul do Mar da Galileia, e postos israelitas junto da ponte da Abdulah, servindo-se de canhões e de morteiros de 82 mm.

O informador acrescentou que os aviões regressaram incólumes ás suas bases e que nos ataques jordanos não se registaram baixas entre os israelitas.

Portugueses mortos na África do Sul

PRETÓRIA, 7 — (A. N. I.) — Num acidente de viação próximo da cidade sul-africana de Midelburgo morreram os portugueses José Silva Tavares, comerciante, e Hélder Flores, que montara o Parque Flores, na praia do Bilene, em Moçambique, tendo ficado gravemente feridas a mulher e a filha deste, que foram internadas num hospital de Pretória.

O automóvel em que seguiam para Joanesburgo embateu num cavalo, sendo depois abalroado por outro veículo conduzido pelo sul-africano Swanepoel, que morreu carbonizado.

A NÃO SER QUE...

Tomou ontem posse mais um governo italiano, depois de precisamente um mês e um dia de crise (vacatura) ministerial. Como é sabido, a crise, desta vez, foi provocada pela (nova) cisão dos socialistas, os quais se haviam rejuntado em 66, agora reclassificados em P. S. I. (a maioria *esquerdista* e P. S. U. (a minoria de *direita)*. Volta-se a um governo «homogéneo», *monocolore*, só demo-cristão, arrimado na benevolência inevitável de ambos os ramos partidários socialistas e na inexistência de alternativas válidas dentro do esclerosado sistema constitucional italiano. Tal como desde as eleições de 19 de Maio de 1968 até Dezembro do mesmo ano o governo minoritário de Giovanni Leone se destinava a *esperar* que o congresso dos socialistas esclarecesse posições e renovasse o centro-esquerda, este segundo ministério Rumor *esperará*, limitando-se a «despachar os negócios correntes da administração publica, sem tomar iniciativas no plano político...» Depois de seis, ou oito, ou dez meses de espera, será substituido por novo centro-esquerda, que, tal como os anteriores (e não apenas os provisórios — vide o *grande centro-esquerda* de Moro, que foi de 63 a 68) também não fará mais que esperar e gerir os assuntos rotineiros da administração. O qual, por sua vez, dará lugar em breve a nova equipa dita homogénea, que aguardará que os socialistas, novamente recindidos, se ponham de acordo. E assim por diante. A não ser que ...

A não ser que. É a única questão verdadeiramente interessante que vale a pena formular no meio deste imbróglio politiqueiro italiano, em absoluto impotente para resolver qualquer coisa, nem mesmo os interesses económicos e políticos do mais moderno *establishment* local, cansado ele próprio da incompetência de sucessivos ministérios que, sendo-o precisa e evidentemente para zelar (e porque zelam) os seus respeitáveis objectivos, o fazem tão mal... Certamente não por falta de boa vontade dos referidos ministérios e seus partidos. A tecnocracia industrialo-banqueira italiana, «europeizando-se», apercebe-se crescentemente que as mãos livres que a fraqueza dos governos lhe permitem sem duvida, não chega para bem defender a longo prazo e planificadamente a sua «ordem» politico-económica.

O neocapitalismo postula estruturas assaz mais controladas e racionais, tanto no aspecto organizativo como no repressivo, e os seus corifeus mais lúcidos não podem contentar-se, ao contrário do que sucedia nos regimes burgueses do século passado, com a mera existência de governos inviáveis e parlamentos divididos, mantenedores reconfortantes do «statu quo». Hoje, a concorrência monopolista internacional tem outras exigências e outros imperativos, a imporem uma vertebralização política indissolúvelmente conforme (sincronizada) com a articulação e os móbeis financeiro-económicos. As coisas já não se podem deixar ao acaso — ao amadorismo e às tricas de homens politicos certamente solidários e instrumentos do sistema, mas presas da ineficácia institucional deste.

Por isso uma solução de tipo gaullista se torna cada vez mais possível (normal) na Itália hodierna, e se para lá dos Alpes houvesse um «mais ilustre dos italianos», um golpe nessa direcção, teria já certamente sido empreendido. A tentativa Lorenzo falhou, ao que tudo leva a crer, em 64, mas recentes boatos de novas congeminações criam a habituação psicológica que é a antecâmara do facto consumado. Não de um *golpe à grega*, como certa propaganda quer insinuar, mas de um civilizado, comedido e «democrático» *golpo di stato.*

A não ser que. A não ser que um movimento verdadeiramente insurreccional sacuda definitivamente a sociedade italiana, e, repudiando a um tempo a ordem burguesa e o dogmatismo pseudo-revolucionário, instaure o poder popular. Os afrontamentos classistas, frequentemente violentos, a que se vem assistindo em Itália nos derradeiros meses, legitimam que não se ponha de parte esta hipótese, mas o aprofundamento da teoria e da prática teórica revolucionárias deverá nesse caso ser preeminentemente elaborado sem contemplação para com os mitos entorpecentes de vinte anos de esquerda desvirilizada.

A revolução ou o gaullismo, parecem ser as únicas alternativas reais para a Itália dos anos 70. A não ser que tudo continue na mesma.

SEBASTIÃO REGO

OPOSIÇÃO DO PAI DE MARY JO À AUTÓPSIA

BERKELEY HEIGHTS (Nova Jersey), 7 — (R.) — Joseph Kopechne, cuja filha Mary Jo morreu em 18 de Julho num automóvel conduzido pelo senador Edward Kennedy, afirmou nesta cidade que se opunha energicamente a que fosse feita uma autópsia ao corpo da jovem.

«Lutarei até ao fim para que isso não aconteça» — disse Kopechne a jornalistas.

O pai de Mary Jo declarou ainda que ele e a mulher se opunham á autópsia por que ela não seria de qualquer valor fosse lá para quem fosse, acrescentando: «Não haveria qualquer interesse numa autópsia».

A mãe de Mary Jo teve um colapso nervoso, segundo se anunciou, e encontrava-se a noite passada sob o efeito de sedativos na sua residência.

Edmund Dinis, procurador distrital do Sul do Massachusetts, pediu um inquérito para confirmar a conclusão médica de que a secretária loura, de 28 anos, morrera em consequência de afogamento acidental.

O SISTEMA ABM

VITÓRIA PÍRRICA DE NIXON

WASHINGTON, 7 — (R.) — A aprovação pelo Senado pela mais reduzida maioria possível do controverso sistema de defesa por meio de misseis, do presidente Nixon, provocou hoje receios de uma nova escalada na corrida aos armamentos entre o Leste e o Oeste.

O Governo de Nixon — que conseguiu que o plano fosse aprovado no Senado por 51 contra 49 votos — insiste em que o sistema é essencial para manter os Estados Unidos numa firme posição de negociação com os russos.

Contudo, poderosos adversários politicos temem que se principie agora a construir rampas antimísseis, que prejudicarão as próximas conversações americano-soviéticas sobre a redução de armamentos.

Afirmam, também, que o sistema antibalístico não funcionará e que custará muito mais do que os cálculos do presidente do Pentágono de cerca de 10 biliões de dólares. Por outro lado, disseram que a magra vitória do Governo constitui uma derrota moral. Contudo, o senador John Tower, partidário do plano, afirmou: «Aqui não contamos com vitórias morais. A votação é que interessa.»

Nixon, aguardando ansiosamente na Casa Branca o resultado da votação, que culminou meses de um debate nacional, frequentemente azedo, telefonou imediatamente ao senador Tower a exprimir o seu contentamento.

Em CORUCHE o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no Café-Restaurante Lusitano.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE AGUA E SANEAMENTO

COMUNICADO

Avisam-se os senhores consumidores, que para concessão de férias ao pessoal de serviço de leitura e cobrança, não será efectuada a leitura dos contadores durante o corrente mês de Agosto, sendo por isso no mês de Setembro só presente á cobrança os consumos obrigatórios e aluguer de contadores, fazendo-se a cobrança dos excedentes dos consumos em relação aos obrigatórios, referentes a Agosto, no mês de Outubro.

Para os consumidores da zona compreendida entre Galamares e Azenhas do Mar, manter-se-á o regimen de leitura durante o mês de Agosto.

Serviços Municipalizados da Camara Municipal de Sintra, 5 de Agosto de 1969.

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Joaquim Mendonça Duarte Pedro
Coronel

Sétima tentativa para encontrar a Arca de Noé no Monte Ararat

ISTAMBUL, 7 — (R.) — Um explorador norte-americano, que afirma que o local onde se encontra a Arca de Noé lhe foi revelado num sonho, parte amanhã para o Monte Ararat, na sua sétima tentativa para encontrar o barco bíblico.

John Libi, de 73 anos, arrostou no passado com neve, granizo, trovoadas e... um urso, que arremessava pedras na montanha mais alta da Turquia, para tentar provar ao Mundo que a arca existe realmente.

Após a sua ultima tentativa, há dois anos, o negociante de San Francisco declarou que acreditava que Deus não queria que ele encontrasse a arca — que desapareceu desde o diluvio — e que realizasse mais expedições.

Contudo, Libi vai escalar de novo a montanha, de 5164 metros de altitude, situada nas terras inóspitas, na fronteira da Turquia com a Arménia soviética e a Pérsia.

Na sua expedição, que Libi considera como uma «missão divina», participará, também, um tenente-coronel do Exército turco. Acompanha-los-ão oito montanhistas.

A expedição espera atingir o cume da montanha no domingo. A arca, segundo afirma Libi, encontra-se no lado turco, a sudoeste, perto do cume.

O explorador declarou ainda que descobriu o local na sua terceira ascensão em 1958. «A arca está sepultada sob neve e terra e possivelmente dentro de uma massa gelada, num estado petrificado».

Libi espera agora encontrar finalmente a arca que, segundo a Bíblia, «repousa no sétimo mês, no décimo sétimo dia, nas montanhas de «Ararat».

Durante outras expedições á montanha, Libi ficou sepultado até aos olhos por uma avalanche e, numa delas, foi acusado pela U. R. S. S. de ser espião.

Outras expedições incluindo duas norte-americanas e uma francesa, escalaram, também, a montanha, nos ultimos anos, mas não encontraram vestígios da Arca de Noé.

Regresso triunfal das tropas salvadorenhas

S. SALVADOR, 7 — (R.) — Multidões concentraram-se ontem nas ruas desta capital para aclamar os soldados do Salvador que regressavam à pátria, após ocuparem parte das vizinhas Honduras, durante a «Guerra do futebol», do mês passado.

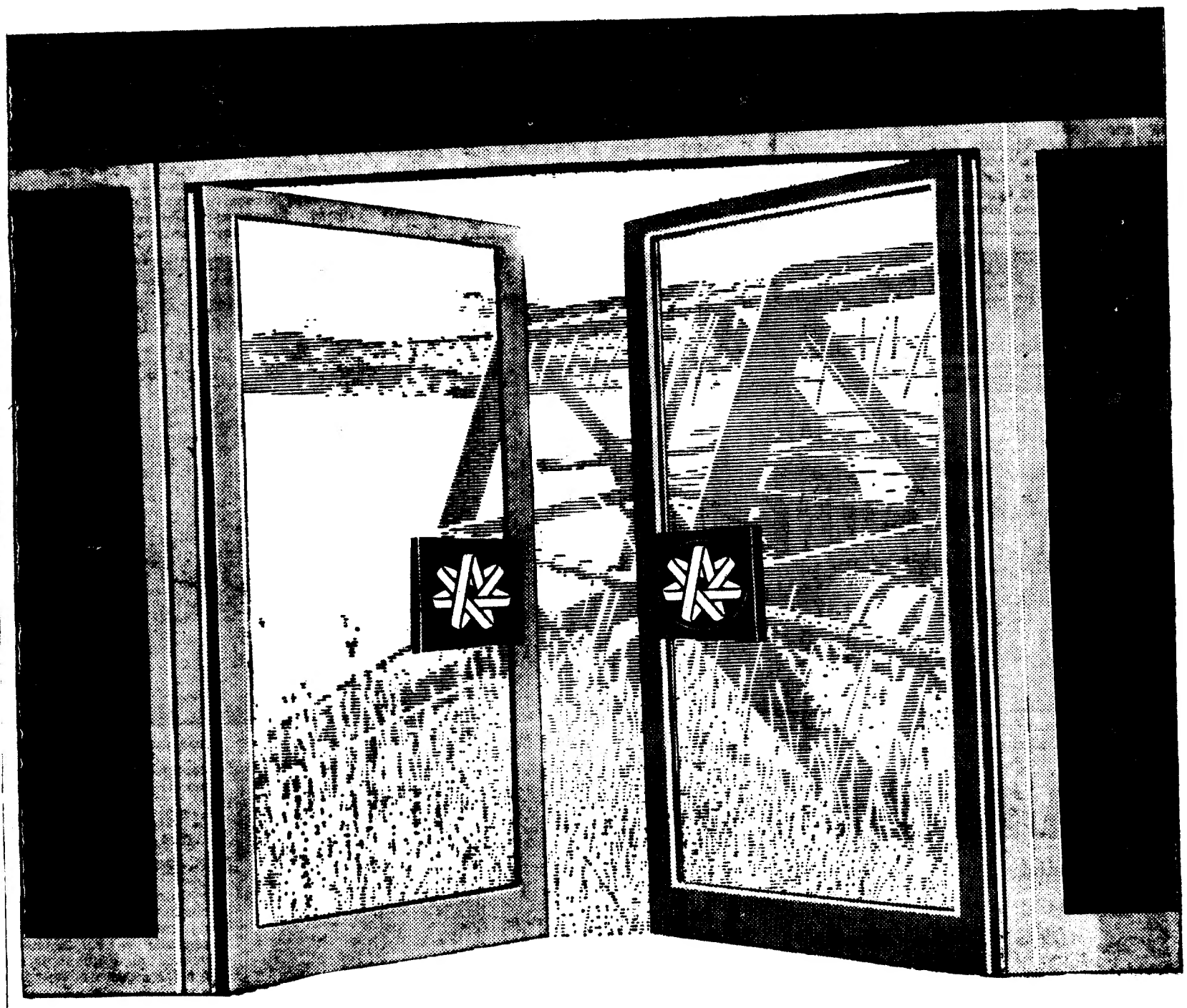
Num comício, o presidente Fidel Sanchez Hernandez elogiou os soldados e prestou homenagem aos seis oficiais e 84 homens que morreram durante o conflito. Hernandez acrescentou que ficaram feridos mais 223 soldados.

Salvador retirou as suas tropas a pedido da Organização dos Estados Americanos.

DESMENTIDO DA BBC

LONDRES, 7 — (F. P.) — A BBC desmentiu a noite passada que tenha transmitido emissões em grego com mensagens em código para os opositores ao regime de Atenas.

Comentando informações provindas de Atenas, segundo as quais o Governo grego tencionaria protestar junto da Grã-Bretanha acerca destas mensagens, a BBC afirmou que a mensagem «Alexandros da ilha de Paros, espero a tua carta na sexta-feira» não tinha qualquer significado. Destinava-se a reavivar as recordações das emissões da BBC para a Grécia durante a última guerra. «Devíamos até pedir esta noite aos nossos ouvintes para nos escreverem dizendo se se lembravam desta mensagem. Trata-se de um inquérito sobre a «participação» dos auditores gregos»



JUNTOS, ABRIMOS TODAS AS PORTAS

No caminho do progresso, participamos de um esforço comum, para construir realidades perduráveis.

CONSULTE OS NOSSOS SERVIÇOS:
LISBOA
Rua Braamcamp,5
PORTO
Av. dos Aliados, 56-64
LUANDA
Av. Duarte Pacheco Pereira, 12
LOURENÇO MARQUES
Av. Fernão de Magalhães, 34

BANCO DE FOMENTO NACIONAL
IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS.

ECOS

ANUNCIA-SE em Itália um livro da jovem estrela-manequim Daniela Ripetti, que se tornou célebre pela sua ligação com o cantor francês Antoine. Daniela foi condenada por cumplicidade em tráfico de drogas, mas, depois de haver cumprido quinze meses de pena e havendo interposto recurso, novo julgamento deu-a como inocente, pelo que saiu agora em liberdade. Tem apenas vinte anos, mas viveu muitas e terríveis experiências. Declara que o seu livro será a história de uma jovem num mundo de velhos. «A experiência de uma rapariga madura que não aceita compromissos e quer viver a sua própria vida fora de esquemas convencionais». Acerca da sua experiência do cárcere, disse ao jornal **Eva Express:** «Foi uma aventura alucinante que me serviu para completar a minha consciência de mim e para me dar a exacta noção das duras leis da vida».

★

AINDA no rescaldo do importante congresso socialista de Issy-les-Moulineaux, o P. S. U. considera que Mollet continua a ser o árbitro da S. F. I. O., mas não se mostra hostil ao diálogo, desde que este insista sobre três eixos: controle dos trabalhadores sobre a gestão económica; luta anti-imperialista (e suas consequências sobre o Pacto do Atlântico); luta contra a especulação. Por seu lado, o P. C., esquivando-se a discussões que declara ultrapassadas, como a questão da Checoslováquia, propõe acção comum no sentido da vitória eleitoral e do acesso conjunto ao Governo.

VENDE-SE CADA VEZ MENOS PEIXE NA L

Os comissários de vendas d manifestam-se contra a concorrênc que lhes é movida por camionista

Alguma coisa pouco clara se passa no mercado da Ribeira. Alguma coisa que, de há três anos a esta parte, está a prejudicar sèriamente os comissários de vendas daquele mercado abastecedor — pessoas que exercem uma actividade legal, pagando impostos e acatando todas as disposições camarárias.

Camionetas vindas dos mais diversos centros pesqueiros do País, e armazéns situados próximo do mercado, alugados á Administração-Geral do Porto de Lisboa, são outros tantos «mercados», a fazerem desleal concorrência ao unico autorizado. Segundo consta nas disposições legais, não pode existir outro mercado abastecedor num raio de 30 km, e a menos de 300 metros está proibida a venda ambulante. Ora, esta manhã, pouco passava das 6 horas, pudemos ver que havia intensíssima actividade nos citados armazéns, enquanto muita gente rodeava camionetas carregadas de caixas de peixe, procurando arrematar os lotes que mais interesse suscitaram.

Ouviam-se por toda a parte, na verdade, gritos de «Essa é para mim! Guarde-me essa caixa!»

A concorrência (e não é esse o unico inconveniente...) torna-se absolutamente desleal, pois o mercado abastecedor de peixe miudo (o unico autorizado na área, repetimos) só pode começar a vender a partir das 7 e 30. E convém referir-se que, aos domingos, dia em que o mercado está fechado para descanso de quem lá trabalha, continua a vender-se peixe em armazéns e camionetas...

«Os compradores abastecem-se nos armazéns e nas camionetas, e deixam de aparecer na lota»

Quanto a condições de higiene, a foto é elucidativa...

PEIXE VENDIDO SEM INSPECÇÃO SANITÁRIA...

Outro dos gravíssimos inconvenientes que tal forma de transacção apresenta, e segundo os comissários de vendas com quem falámos, é o facto desse peixe não ser vistoriado pelo médico veterinário em serviço no mercado, pois que passa de umas camionetas para outras — que levam aos retalhistas da capital — ou das viaturas para os armazéns, onde aguarda comprador. Além disso, fica exposto á poeira, muitas vezes, aguardando que lhe seja dado destino.

Não sendo vendido na lota da Ribeira, por outro lado, o peixe deixa de pagar impostos camarários, bem como o transporte nas padiolas. Nem por isso — ao que nos afirmaram — é mais barato, antes pelo contrário...

Todo o peixe vendido na lota paga, com efeito, uma taxa á Camara Municipal, taxa essa que varia com a qualidade do pescado, como é lógico. Assim, o berbigão desconta 9%, o peixe grosso 3% e o miudo 1,5%.

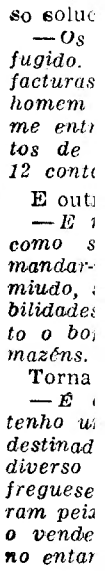
Diz-nos um comissário de vendas:

— *Dantes, todo o berbigão entrava aqui. Hoje, são poucas as caixas que cá podemos ver... E isso prejudica o publico, pois, além de o Município deixar de receber a sua taxa, a venda nos armazéns* so dos que negoceiam como exportadores). Desde que o pescado seja enviado para a província — e sempre guiando-nos pelas palavras de quem trabalha no mercado — a venda nos armazéns é lícita, e o peixe não tem de ser visto pelo médico veterinário, desde que provenha de lotas. Mas não é este negócio que se processa naqueles locais, e, sim, o de vender peixe para a cidade, passando por cima dos direitos de quem ganha a vida no mercado abastecedor — é voz corrente na Ribeira.

VENDAS A MENOS DE 300 METROS DO MERCADO

Quando se inicia a lota autorizada — e falamos em lota autorizada porque nos foi dito que, em certo domingo, houve uma lota num dos armazéns... — já a maior parte dos compradores se abasteceram, e os comissários de vendas não têm a quem vender. Os armazéns fazem, segundo consta, um volume de vendas três ou quatro vezes superior ao do mercado.

Descontentes com o que se passa, os comissários de vendas têm envidado, desde há três anos, esforços no sentido de ser suprimida uma actividade que consideram ilegal. Já enviaram, com efeito, exposições sobre o caso ás entidades competentes, mas ainda não receberam qualquer resposta. No entanto, uma das exposições citadas mencionava, até, as matrículas das camionetas que praticavam vendas a menos de 300 metros do mercado (muito menos, mesmo!) dizem poder apresentar provas de que o peixe dos armazéns não vai para fora de Lisboa, dedores netas e dos os País, sã priedad por ess pagame marário nefício fornece tinham das cer começa vendedo Motivo: possibil domingo Diz-no de vend a todo so soluc — *Os fugido. facturas homem me entr tos de 12 cont* E outr — *E como s mandar- miudo, bilidades to o bo mazéns.* Torna — *É tenho u destinad diverso freguese ram pei o vende no entar tos coleg vêm ao Não tem transacç comissár têm arm seria a as dispos a vende* Um co mete-se — *E que não que vão ços cru e simple* Como acuidade ção, qua uma ex des com autorida actividad fazem p das. Dev as mesm comissár tão enga Se os



Comis

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

QUALIDADE ESTILO VALOR
EMERSON
FRIGORÍFICOS DE LUXO
A PREÇOS NORMAIS
à venda nas casas especializadas
distribuidores: EST. M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
43, RUA DOS DOURADORES, TELEF. 361763 — LISBOA

JAPÃO...
... e ainda
TAIPÉ
HONG KONG — Macau
BANGUECOQUE
TEERÃO
BEIRUTE
ATENAS
25 MARAVILHOSOS DIAS NO FASCINANTE ORIENTE
PARTIDA DE LISBOA
— em 19 de Setembro —
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU A:
SAS
Rua Joaquim António de Aguiar, 41 — LISBOA — Telef. 4 93 74

O muito é feito de poucos. Ganhando menos consegue-se mais.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

FAQUEIROS EM 2.ª MÃO
PRATA DE LEI
(Só pelo peso)
OURIVESARIA PIMENTA
R. Augusta, 253 — Tel. 32 45 64

Dr. Luciano Barata
Tem experimentado, felizmente, melhoras o sr. dr. Luciano Barata, prestigiosa figura de jurisconsulto e democrata, que permanece na sua casa, Casal de Santo António-Ranholas (Sintra).

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

No CARTAXO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Pedro Alves, Suc., Rua Batalhoz.

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

NA LOTA DA RIBEIRA...

s de peixe miúdo
ência (ilegal?)
istas e armazenistas

Lisboa, mas, sim, para revendedores da capital. As camionetas em causa, vindas de todos os centros pesqueiros do País, são, por seu turno, propriedade de negociantes que, por esse meio, se furtam ao pagamento de impostos camarários, colhendo total benefício do pescado. Outros fornecedores de peixe, que tinham comissários de vendas certos, desde há muito, começaram a fugir para os vendedores dos armazéns. Motivo: freguesia certa e possibilidade de venda aos domingos.

Diz-nos um dos comissários de vendas dos que esperam, a todo o momento, ver o caso solucionado:

— *Os meus fregueses têm fugido. Posso mostrar-lhe as facturas, por exemplo, de um homem que, mensalmente, me entregava 70 ou 80 contos de peixe. Agora, dá-me 12 contos...*

E outro afirma:

— *E não só isso. A mim, como sabes, começaram a mandar-me o peixe muito miúdo, sem quaisquer possibilidades de venda, enquanto o bom segue para os armazéns. Não está certo!*

Torna o primeiro:

— *É claro que, como eu tenho um armazém alugado, destinado a arrecadação de diverso material, já houve fregueses que me prometeram peixe com a condição de o vender nesse local... Eu, no entanto, não abdico. Muitos colegas meus já nem cá vêm ao mercado. Para quê? Não temos, com efeito, quase transacções a fazer! Existem comissários que, tal como eu, têm armazéns alugados. Qual seria a solução? Contrariar as disposições legais e passar a vender lá?*

Um colega dos dois homens mete-se na conversa:

— *E as pessoas como eu, que não possuem armazéns, que vão fazer? Ficar de braços cruzados? Deixar pura e simplesmente de trabalhar?*

Como vê, o problema tem acuidade e exige uma solução, quanto mais não seja, uma explicação das entidades competentes, pois que as autoridades que fiscalizam as actividades da Ribeira nada fazem para impedir as vendas. Deve depreender-se que as mesmas são legais e os comissários do mercado estão enganados?

Se os armazenistas afirmarem que só vendem para a província — o caso das camionetas parece-nos por demais evidente — não seria possível levar a efeito um inquérito, por quem de direito, no sentido de se apurar se isso é ou não verdade?

Convém frisar que nem todos os comissários de vendas se sentem prejudicados com o actual estado de coisas. Cinco deles, na verdade, vendem peixe em 5 dos 15 armazéns onde se processa esse género de negócio... E convém lembrar, igualmente, e sempre segundo nos afirmaram no mercado, que os comissários só estão autorizados a exercer a sua actividade na lota e nunca fora dela...

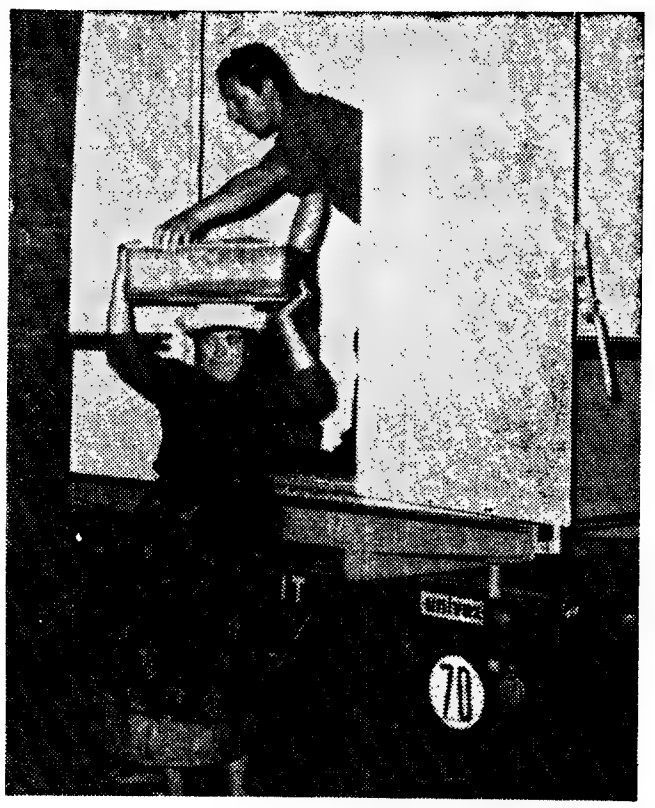
Põe-se, pois, um problema: terão aqueles que, convictamente, julgam estar a cumprir as disposições legais de passar a fazer o que alguns colegas fazem? E uma coisa não oferece duvidas: o negócio nos armazéns dá lucro, pois, de outro modo, não seria possível o pagamento de rendas que vão até 10 000$00.

CRISE DE TRABALHO

Não são os comissários de vendas, no entanto, os unicos prejudicados com o actual sistema de transacções praticado no mercado abastecedor de peixe miudo. Os 70 ou 80 homens que, em padiolas, transportam o peixe para dentro do mercado, estão a lutar com uma grave crise de trabalho. Unica fonte de receita de que dispõem para garantir o sustento próprio e dos seus, esse labor escasseia cada vez mais, já que as caixas de peixe passam de camionetas para camionetas ou de armazéns para camionetas, sendo os seus serviços dispensados. E isto, claro, porque a maioria do peixe deixou de passar pelo mercado...

(Cada caixa de pescado paga, pelo transporte nas padiolas, 3$10).

Ao que parece, uma das questões que se põem é a da autoridade a que estão submetidos os armazéns em causa. Os mesmos são pertença, como já foi dito, da Administração-Geral do Porto de Lisboa, enquanto o mercado depende directamente dos serviços do Município da capital.



De uma camioneta para outra, dispensando os serviços dos homens das padiolas

A ÚLTIMA EXPOSIÇÃO

A última exposição que os comissários de vendas fizeram (e alguns já foram expor o caso, verbalmente, ás entidades competentes), foi dirigida ao director dos Serviços de Abastecimento da Câmara Municipal de Lisboa, em 30 de Agosto do ano transacto. O seu teor era o seguinte:

«Os comissários de vendas no mercado abastecedor de peixe miudo, vêm muito respeitosamente expôr a V. Ex.ª o seguinte:

Exercendo há muitos anos a profissão de comissários de vendas, no mercado abastecedor de peixe miúdo, os signatários têm, nos últimos tempos, visto a sua actividade diminuir de forma bastante intensa, devido á acção de determinados individuos que, desrespeitando a lei e pondo em perigo a saúde pública, se dedicam á venda ilegal de peixe por grosso, em diversos locais da cidade, desviando-o do único sítio onde tal venda está autorizada, o mercado abastecedor de peixe miúdo.

É evidente que tais vendas de peixe, não estando sujeitas a qualquer fiscalização sanitária, constituem um grave perigo para a saúde pública, assim como prejudicam económicamente uma actividade legalmente constituída ,pois que estão isentas das despesas (contribuições, imposto de terrado, inspecção sanitária, etc.) que oneram a venda legal.

Não será demais encarecer, dada a forma e os locais de venda, o que de prejuizo esta actividade causa aos comissários de venda do mercado abastecedor, uma vez que ela se processa sem quaisquer encargos ou despesas e em locais de mais fácil acesso para os compradores, os quais, por sua vez, também beneficiam de uma diminuição de despesas (arrastes, transportes, etc.) embora fazendo perigar a saude publica.

Os locais onde se vem desenvolvendo mais esta actividade, que normalmente se inicia cerca das seis horas da manhã, são:

a) Em determinados armazens do Cais do Gás e á porta dos mesmos, pertença de determinados indivíduos que são ao mesmo tempo comerciantes, exportadores para a provincia e agora, candongueiros, muitas vezes sob o olhar indiferente de agentes da Polícia de Segurança Publica (graduados ou não) fardados e á paisana, adidos á Administração-Geral do Porto de Lisboa, em cujos terrenos isto se passa;

b) Em camionetas estacionadas á volta do mercado abastecedor de peixe miudo, oriundas dos mais diversos centros pesqueiros do País e que aqui exercem uma actividade intensa mas perniciosa, sob a indiferença (?) das entidades atrás citadas;

c) Também em camionetas estacionadas em volta do Mercado 24 de Julho, nas condições do local anterior, mas desta vez em terrenos da Camara Municipal de Lisboa.

Inicialmente, estes comerciantes, «candongueiros», armazenistas ou camionistas limitavam-se a proceder á venda do peixe que adquiriam directamente nas diversas lotas do País, mas, ultimamente, o «negócio» tem-se desenvolvido de tal forma que aceitam proceder á venda do peixe normalmente de espécies diferentes de outros comerciantes, que não têm a sua venda organizada em tais moldes, os quais deixaram de o enviar para o Mercado Abastecedor.

Aproveitamos a oportunidade para solicitar a V. Ex.ª que a hora a que actualmente é iniciada a nossa actividade diária, seja alterada das 7 e 30 para as 7 horas.

Aguardamos a melhor atenção de V. Ex.ª para o nosso problema.»

Segundo alguns signatários nos disseram, não foi obtida qualquer resposta, por parte da entidade a que se dirigiram. E o estado de coisas mantém-se...

Comissários de vendas, descontentes com o que se passa no mercado da Ribeira, falam dos seus problemas ao repórter

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

LIMA KIM
vedeta Sul-Coreana da canção

THE CHARLIVELS
FAMOSOS COMEDIANTES DA ACROBACIA

LIDIA RIBEIRO

SHEGUNDO GALARZA e seu conjunto
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos — no wonder bar à 1.00h m/21 anos

STORMY SUMMERS
SÓ NO WONDER BAR

No CINEMA, às 17 e 21 e 30 h.
AS BADALADAS DA MEIA NOITE
(M. 17 anos)

CONFIE NA
Ourivesaria da GUIA
COMO O FAZ, HÁ QUASE 100 ANOS, UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)
FUNDADA EM 1870

Frida Boccara e Salomé em Portugal

Frida Boccara e Salomé, duas das intérpretes mais distinguidas no último Festival da Eurovisão, vêm a Portugal. A 15 e 16 do corrente, respectivamente na Figueira da Foz e Póvoa do Varzim, estará a criadora de «Un jour, un enfant», enquanto que a 25 e 26, também de Agosto e igualmente naquelas localidades, se apresenta a cançonetista espanhola Salomé.

Nomeadamente ao que diz respeito á Póvoa do Varzim, é propósito de a SOPETE (entidade adjudicatária do Casino local) organizar no Verão do próximo ano um festival denominado da Canção Popular Latina, que terá a presença de cinco atracções de grande popularidade na rádio europeia.

OS CONSUMOS NA METRÓPOLE DE ALGODÃO ULTRAMARINO (70 MIL TONELADAS EM 1968) TÊM TENDÊNCIA PARA BAIXAR

LUANDA, 7 — «*A competição com fibras produzidas em regiões mais dotadas que as nossas, bem como toda uma barreira levantada através de acordos comerciais entre muitos países, alguns dos quais já são fornecedores tradicionais de muitas indústrias, aconselha-nos a tomar precauções imediatas, de forma a evitar, por todos os meios ao nosso alcance, que uma fonte de rendimento no presente se transforme numa fonte de preocupações e prejuízos no futuro*» — afirmou ao matutino «O Comércio», de Luanda, o director do Instituto do Algodão de Angola, eng.º Manuel Correia de Pinho.

«*Para já* — acrescentou o entrevistado — *considero indispensável, e como medida premente, baixar ao máximo os custos de produção, quer através de práticas agrícolas mais evoluídas, quer através de uma economia feita com o embaratecimento dos produtos e dos materiais, que o produtor tem de adquirir, entre os quais figuram os insecticidas, os combustíveis, a maquinaria, etc.*»

Analisando a situação do algodão no mercado português, o eng.º Correia de Pinho, depois de recordar que todos os excedentes da produção algodoeira ultramarina são, necessàriamente, adquiridos pela metrópole, afirmou:

«*Todavia, há anos que os industriais de fiação e tecelagem metropolitanos têm vindo a envidar os seus esforços em dois sentidos: um, o das ramas serem adquiridas na metrópole, a preços iguais aos praticados com as fibras exóticas congéneres, outro, o da liberalização do comércio algodoeiro.*»

«*A metrópole consumiu em 1968 cerca de 70 000 toneladas de algodão de fibra média e, pelo exame feito aos números dos últimos anos, verifica-se que este valor, se manifesta alguma tendência é, justamente, a de baixar. Mas admitindo que se mantém e atendendo a que Angola e Moçambique deverão produzir no corrente ano cerca de 180 000 toneladas de algodão-caroço, poderemos estimar em cerca de 50 000 toneladas a fibra exportável para a metrópole, depois de abastecidas as indústrias locais.*

«*Assim* — continuou — *e á primeira vista, a metrópole ainda poderia absorver cerca de 20 000 toneladas mais de algodão ou, seja, sensìvelmente mais 60 000 toneladas de algodão-caroço.*

«*Não devemos, todavia, ignorar que tanto em Angola com em Moçambique, particularmente na primeira, a expansão desta cultura está a fazer-se de uma forma espectacular.*»

E acrescentou:

«*Mas torna-se indispensável que a metrópole mantenha o volume de importações e, ainda que as fibras médias de que necessita caibam, exactamente, dentro das características das produzidas no ultramar.*»

CINQUENTA HOMENS EM ÓRBITA

(Continuação da 3.ª página)

permitir a acostagem dos engenhos-navetas.

● Finalmente, a estação poderá abrigar uns cinquenta homens.

A primeira vista seriamos tentados a remeter o projecto para o arsenal da ficção científica. Mas, depois do desembarque na Lua!... Sobretudo temos que ter em conta a seriedade com que os responsáveis, na Casa Branca e na NASA, encaram a questão: vendo isso, não acharemos impossível que o projecto se decida, dentro de dois ou três anos.

Resta saber se os dois projectos paralelos destinados a render o material Apolo poderiam chegar a bom termo, na mesma altura. O sentimento que prevalece é o de que a estação será talvez a primeira a estar pronta, pelo menos, numa versão siplificada. Como assegurar, enquanto a nave não estiver pronta, a ligação entre o engenho e a Terra?

O Pentágono á procura de um programa

É aqui que intervém o exército do ar. Depois de ter anulado o seu projecto MOL, é detentor de todo um material agora inutil, mas que lhe custou mais de 2 biliões e meio de dólares e que se gostaria de utilizar: foguetões Titan-3-C, assim como cabinas «Gémeos» transformadas e aumentadas.

Daí a ideia, que não é evocada nem na NASA nem no Departamento da Defesa — velhos rancores, talvez... — mas da qual tratamos mais acima: transformarem-se essas cabinas «Gemini» para lhes aumentarem a capacidade. Assim nasceria a «Big-C» («Gémeos Grande»), que seria utilizada durante um período transitório para assegurar a rendição do pessoal da estação e a sua manutenção.

Mas o abandono do MOL tem outras consequências práticas: sejam quais forem as («Gémeos Grande»), que seria relações que entre si mantenham — e os astronautas da NASA são, por vezes, encarregados de estudos de interesse militar — a Agência Espacial e a NASA têm até agora vindo a realizar programas paralelos e, por vezes, concorrentes. Lembremos os esforços vãos da NASA para levar o Departamento da Defesa a adoptar o material Apolo para fins militares! Cabe também lembrar aqui que civis e militares têm vindo, há muito a trabalhar em «lifting lodies», que, se não são semelhantes são, pelo menos, comparáveis.

Agora, pelo contrário, o Departamento da Defesa está sem programa de voos «habitados» — com o que oficialmente, se acomoda bem, uma vez que foi, por sua própria iniciativa, que abandonou o projecto MOL, ainda que, por vezes, o lamente. De qualquer maneira, deverá aliar os seus esforços aos da NASA para definir um «tronco comum»: se a sorte ajudar, isso só resultará numa maior rapidez do processamento dos estudos. A substituição do material Apolo por novos equipamentos parece, pois, ter grandes probabilidades de vir a operar-se relativamente depressa.

Junta Distrital

O governador civil de Lisboa visita amanhã, ás 10 e 30, a Junta Distrital e as obras de construção da sua futura nova sede.

Morte de um servente de pedreiro

Por ter caído de um andaime, em Alferragide, na Amadora, chegou já morto ao Hospital de S. José um servente de pedreiro que aparenta ter entre 18 e 20 anos, e cuja identidade se ignora.

A morte estranha do alferes miliciano

CHAVES, 7 — Regressaram ao Porto os três agentes da Polícia Judiciária que vieram a esta cidade, investigar as circunstâncias em que ocorreu a morte do alferes miliciano Nelson Teixeira, alvejado a tiro na madrugada de 25 de Julho último, pela sr.ª D. Maria da Costa Pomba, a qual se confessou autora do crime e recolheu ás prisões privativas da Subdirectoria da Polícia Judiciária. São diversas as versões que sobre o caso correm aqui. A Polícia Judiciária — que ainda vai ouvir diversas pessoas — parece inclinar-se para a versão da autora do crime, que diz ter sido o disparo involuntário, quando verificava uma pistola.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4%	—	—	525$
Consolidado 3%	—	—	540$
Consolidado 3 1/2%	—	—	640$
Centenários 4%	—	—	—
Obrigs. Tesouro 5%	—	1.001$	1.003$
Externo 1.ª Série	800$	750$	—
Externo 1.ª Série c.	—	—	—
Externo 3.ª Série	—	720$	800$
Externo 3.ª Série c.	—	—	920$
Cautelas 3.ª Série	—	175$	200$
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	—	490$
A P I 5% 56	—	—	—
A P T 5% 58	930$	920$	935$
C P 4 1/2 65	—	890$	900$
C P 5 1/2% 67	900$	900$	905$
C U F 6%	1.000$	—	1.005$
C U F 6% 68	995$	995$	998$
Gás Electr 4% 48	—	840$	—
Gás Electr 4 1/2 % 51	—	—	—
Gás Electr 5% 52	—	—	910$
Gás Electr 5% 58	—	—	915$
Gás Electr 5% 59	—	—	915$
Gás Electr 5% 62	—	—	—
Gás Electr 5% 63	—	—	926$
Gás Electr 5% 65	—	—	920$
Gás Electr 5% 67	1.005$	—	—
H E A Alentejo 5%	—	818$	825$
H E Cávado 5%	—	815$	825$
H E Cávado 6%	—	1.000$	—
H E Douro 5%	—	—	825$
H E Douro 6%	1.000$	998$	1.002$
H E Norte Port 5%	—	830$	—
H E S. Estrela 6%	—	990$	1.000$
H E Zêzere 5% 55	—	—	860$
H E Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	—	1.000$	1.004$
Metropolitano 4%	—	885$	900$
Metropolitano 5 3/4%	—	—	1 035$
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Electr 5%	840$	840$	—
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímico 5%	—	—	900$
Port Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	920$	—
Sacor 5% 60	—	850$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	820$	830$
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	835$
Sonete 5%	—	—	—
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	818$	825$
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	—	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	84$	—	85$
U E P 5% 60	—	825$	835$
U E P 5% 63	—	860$	870$
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1 440$	1.430$	1.450$
Alentejo	915$	910$	920$
Angola	2.660$	2.650$	2.660$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	3.230$	3.230$	3.300$
E. Santo	—	—	20.000$
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	20.000$	20.000$	21.000$
L. & Açores p.	7.100$	7.050$	7.110$
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	—	—	—
Portugal n.	—	—	—
Portugal p.	—	3.500$	—
Totta Allança	6.450$	6.440$	6 500$
Ultramarino n.	2.670$	2.663$	2.680$
Ultramarino o	2.860$	2.860$	2.870$
Seguros			
Alentejo	—	73$	—
Douro	—	4.050$	4.100$
Mundial	525$	525$	535$
Sagres	—	1.450$	1.750$
Tranquilidade	—	45.000$	100.000$
Ultramarino	—	15.000$	30.000$
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	760$	780$
Ag Cassequel	715$	705$	715$
Ag Incomafi	—	—	—
Ag Neves	—	—	—
Ag S. Tomé e Príncipe	300$	280$	360$
Boror	—	—	—
Buz	—	—	—
Cabinda	223$	220$	225$

Ultramarinos	Efec	Compra	Venda
Diamantes Angola	1.876$	1 877$	1 880$
H E Revué	—	580$	620$
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	119$	118$	122$
Sonete n	—	351$	360$
Sonete p	—	362$	365$
Zambézia	76$	76$	76$5
Angolana	—	—	—
C Diversas			
Cidla	—	7 450$	7.550$
Cim Leiria	—	1.000$	1.500$
Cim Tejo	6 050$	6 000$	6.300$
Col Navegação	—	—	1.700$
C U F	—	1.340$	1.350$
Inc Aliança	—	—	—
Nac Navegação	3.800$	3.700$	3.800$
Petroquímica	2.200$	2.150$	2 200$
Port e Colónias	—	—	—
Port Celulose	4 500$	4 500$	4 600$
Port Pesca	—	—	1.150$
Port Tabacos	666$	666$	668$
Sacor	—	4 400$	—
Siderurgia Nac	1 570$	1.560$	1.575$
Socel	2.995$	2.995$	3.000$
Tabacos de Portugal	—	—	—
Tabaqueira	—	14 000$	—
U C Azoto	777$	777$	779$
Aguas Electr e Gás			
Aguas Lisboa p	—	400$	—
Aguas Lisboa 34	—	400$	405$
Aguas Lisboa 36	—	—	—
Eléct Beiras	—	1.600$	1.610$
Gás Electr	419$	418$	419$5
H E Alto Alentejo	158$	157$5	158$
H E Cávado	1.300$	1 295$	1.300$
H E Douro	1.295$	1 287$	1.295$
H E Norte Portuga	—	300$	305$
H E S Estrela	—	—	—
H E Zêzere	1.320$	1 310$	1.320$
Nac Electricidade	1.330$	1.330$	1.360$
Termoeléctr Port	1 340$	1.370$	1.350$
U E P	198$	197$	—
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
Atlântico	—	185$1	186$5
D E S	—	—	—

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

	31/7/69	6/8/69	7/8/69
GERAL	137,3	140,1	140,2
METROPOL.	133,2	136,8	136,8
ULTRAM.	167,2	164,4	164,8

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul:		
— Rands de 1 e 4	34$00	36$50
— Rands de 5 a 20	35$00	37$50
America		
— Dollars de 1 e 4	28$15	28$55
— Dollars de 5 a 100	28$35	28$75
Canadá — Dollar	26$10	26$60
Alemanha — Marco	7$05	7$30
Austria — Schilling	$08	$1 5
Brasil — Cruzeiro Novo	5$50	1$50
Espanha — Peseta	$402	$4 7
Holanda — Florim	7$75	8$00
Inglaterra — Libra	67$20	69$20
Itália — Lira	$04,45	$04,65
Marrocos — Dirham	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$52	$55
França — Franco	5$20	5$60
Suíça — Franco	6$55	6$75
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	315$00	330$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255$00	275$00
Ouro fino — Barra	38$00	39$50

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 Tel. 321273

JUNTA DO CRÉDITO PÚBLICO

CERTIFICADOS DE AFORRO

30.º SORTEIO TRIMESTRAL

Este sorteio realiza-se na sede da JUNTA DO CRÉDITO PÚBLICO no próximo dia 30 de Setembro, pelas 10 horas.

1 — 1.º prémio	100.000$00
1 — 2.º prémio	30.000$00
1 — 3.º prémio	20.000$00
5 — 4.os prémios	5.000$00 cada
25 — 5.os prémios	1.000$00 cada

Estes prémios são constituídos por certificados de aforro cujos valores de aquisição correspondem a 70.000$, 21.000$, 14.000$, 3.500$ e 700$.

São admitidos a este sorteio os certificados já emitidos e ainda os que vierem a ser criados até 31 do corrente, mas não poderão ser atribuídos prémios aos que tiverem sido amortizados ou cuja amortização venha a ser solicitada até ao dia 29 de Setembro.

O 31.º SORTEIO TRIMESTRAL realizar-se-á em 30 de Dezembro de 1969.

Os certificados de aforro gozam agora de novas e mais vantajosas condições beneficiando de uma tabela de amortização mais compensadora.

Peça na Junta do Crédito Público ou em qualquer estação dos correios os novos folhetos explicativos sobre a matéria.

Direcção-Geral dos Serviços da Junta do Crédito Público, 7 de Agosto de 1969.

PEL'O DIRECTOR-GERAL
ANTÓNIO NORONHA

AS DECLARAÇÕES DO DR. FRANCO NOGUEIRA

(Continuação da 1.ª página)

mente, o estado actual das relações entre Portugal e a Zâmbia e a visita do sr. Presidente do Conselho ao Brasil, respondendo a finalizar a algumas perguntas dos jornalistas.

O dr Franco Nogueira salientou no seu «statment» de 20 minutos que Portugal, apesar de todas as atitudes da Zâmbia, procurará continuar a manter boas relações com aquele país vizinho.

O ministro referiu-se á prisão de dois militares portugueses «atraídos desarmados ao território zambiano» que continuam «injustamente sequestrados em Lusaka», ao estabelecimento de «bases terroristas de treino e de aliciamento» e a toda a actividade política de elementos hostis a Portugal em território zambiano, sublinhando que apesar das sabotagens ao caminho-de-ferro de Benguela, a partir do território zambiano, a política portuguesa não se alterou em relação áquele vizinho de nossos territórios, referindo até as sugestões apresentadas pelas autoridades portuguesas ao Governo de Lusaka e meia duzia de diligências de funcionários portugueses feitas directamente na capital da Zâmbia, no intuito de regularizar as relações entre os dois países.

Referiu que, apesar de todas estas provas de boa-vontade portuguesa, o presidente Kaunda não deixou de dirigir insultos contra Portugal, embora Portugal continue a manter abertos os seus portos para o escoamento dos produtos zambianos.

Falando acerca da Assembleia da O. N. U. que discutiu a querela zambiana contra Portugal, acusando o nosso País de violações de território, o dr. Franco Nogueira salientou que a Zambia votou nessa reunião o que, perante o direito é ilegal uma vez que as partes em litígio não podem votar. Apesar disto, Portugal prontificou-se a resgatar os dois militares sequestrados, embora tendo protestado, não obtendo, todavia, qualquer resposta.

O dr. Franco Nogueira disse que Portugal e a Zambia estão em Africa e que a Zambia, ao procurar lesar os nossos interesses, está a lesar os seus próprios, beneficiando sómente terceiros que não estão em África.

O ministro teve ainda uma ténue ameaça ao referir a presença no nosso território africano de dois mil refugiados e adversários políticos do presidente Kamunda, ao dizer que até agora Portugal tem impedido toda a actividade política a esses refugiados e «que gostaria de continuar a adoptar a mesma política».

Mais tarde, em resposta a um jornalista, o dr. Franco Nogueira disse que Portugal não exercia qualquer coacção sobre a Zâmbia para recuperar os militares detidos em Lusaka.

A finalizar, o dr. Franco Nogueira realçou o interesse da visita do prof. Marcello Caetano ao Brasil, durante a qual — disse — foram lançadas bases sérias para um forte intercâmbio luso-brasileiro nos planos cultural, tecnológico, comercial e político.

Ladeavam o ministro o dr. Caldeira Coelho, director dos Negócios Políticos do Ministério; o dr. Pinto Mesquita, director dos Serviços de Informação e o dr. Coelho Lopes, director-adjunto dos negócios Políticos, o dr. Cunha Leão, agente-geral do Ultramar, e o dr. Clemente Rogeiros, director do serviços de informação da Secretaria de Estado da Informação e Turismo.

Como é habitual, o ministro pôs-se depois á disposição dos jornalistas, para responder ás perguntas que estes lhe quisessem dirigir. Em resposta á primeira — «A recente libertação de 92 elementos terroristas da Guiné, terá repercussão nas relações de Portugal com o Senegal?» — aquele membro do Governo afirmou:

— *A recente libertação de 92 terroristas da Guiné, tem repercussões positivas; no domínio político, demonstra a importancia dos grupos terroristas para alcançarem qualquer vitória. Aliás, um acontecimento semelhante, embora em maior escala, facto compreensível devido ao tamanho da província de Moçambique, teve repercussões benéficas no contexto da província e no plano internacional. Se a libertação dos 92 elementos terroristas pode ou não influenciar o Governo do Senegal, não sei. O presidente Sedan Senghor está a debater-se com tão graves problemas, que não se deverá dar conta do facto. Assim, suponho que o mesmo em nada alterará as nossas relações com o Senegal.*

Foram focadas, em seguida, as negociações sobre a barragem de Cabora-Bassa. Depois de ter afirmado que as mesmas se processam, agora, em planos económicos e não estarem elas a ser conduzidas pelo seu Ministério, mas serem, sim, da competência dos ministérios do Ultramar e das Finanças.

Referiu, no entanto, que as negociações prosseguem, estando lançadas as bases fundamentais.

Participação da indústria portuguesa na barragem de Cabora-Bassa

Acerca da participação da indústria portuguesa no volumoso empreendimento, e sobre o facto de poderem existir novos condicionalismos por parte do Governo, de onde proviriam embaraços nos acordos, o dr. Franco Nogueira equacionou o problema em duas partes: 1.ª, qual a participação da indústria portuguesa; 2.ª, condições novas apresentadas pelo Governo.

À primeira parte, respondeu: — *Desde o início, em todas as conversações, considerou-se condição fundamental uma participação, tão longa quanto possível, de trabalho nacional na obra, prevendo-se uma cifra de 2 milhões de contos. Prevê-se, actualmente, que essa participação será ainda maior, e a mesma constitui preocupação fundamental dos negociadores portugueses. Quanto á segunda parte, posso afirmar que todas as condições, já comunicadas, foram mantidas; nenhuma foi acrescentada, não existem novos condicionalismos. Em alguns casos, o Governo tem até alternado algumas condições, no sentido de facilitar.*

Quanto ao problema dos auxílios ou possíveis apoios do Governo, para que as nossas empresas possam competir com as estrangeiras, o ministro disse não saber de nenhuma resolução nesse sentido e ser o problema do domínio técnico. Não tinha dados para responder, por outro lado, se seriam dados auxílios especiais a empresas. E voltou a referir não estarem as negociações a decorrer sob competência do seu Ministério.

A uma pergunta de um jornalista estrangeiro, sobre se estaria o Governo a fazer diligências no sentido de entrar no Mercado Comun — como veio publicado na Imprensa italiana — o ministro afirmou não ter conhecimento de quaisquer diligências nesse sentido. Apenas o pedido feito há anos, e que nunca chegou a ser discutido, se mantinha.

«Mercado comum» Brasil-África Austral

Em resposta a uma pergunta acerca de uma possível formação de um mercado comum Brasil-África Austral, com base na visita de uma autoridade brasileira a Moçambique, o dr. Franco Nogueira começou por precisar o sentido do termo «mercado comum», acabando por dizer que, estruturação de uma comunidade económica á maneira europeia, no momento presente, era inviável. Se no entanto se entendia, por mercado comum, um arranjo de modo a aumentar as trocas de uma forma natural, dentro das áreas em causa, isso seria possível fazer-se e resultaria, necessáriamente, em benefício. Possível existência, portanto de um mercado regional e não de um mercado comum á maneira europeia.

«Não é costume do Governo exercer coacções»

uma das preguntas de maior interesse foi, sem dúvida, a seguinte:

— Nas nossas relações com a Zâmbia, e no sentido de se reaver dois militares ali detidos, haverá possibilidades de o Governo vir a exercer qualquer coacção? Ou boicotagem comercial?

O ministro respondeu:

— *O Governo português não costuma usar de coacção para resolver os seus problemas. Quanto aos métodos a adoptar para reaver os militares, isso depende da atitude da Zâmbia e da sua política. E esses métodos não costumam, como é hábito, ser desvendados*

Foi perguntado em seguida, se o dr. Franco Nogueira tinha algum comentário a fazer ao Simpósio dos Bispos Africanos, levado a efeito no Uganda e a que assistiu o Papa, aquele membro do Governo disse não ter comentários a fazer. Os prelados portugueses não tinham podido comparecer — ao que sabia — por pairarem ameaças contra as suas vidas, e sublinhou não ser a questão da competência do Governo, mas, sim exclusivamente, da Igreja.

Um jornalista do Rio Grande do Sul, mais precisamente de um órgão informativo de Porto Iegre, formulou algumas perguntas. A saber: Se se encontra em Africa uma comissão económica brasileira; o Brasil e Portugal vão trocar embaixadores especiais?; motivo porque existindo no Rio Grande do Sul, e mesmo em Porto Alegre, basta colónia portuguesa, o intercâmbio cultural se tem limitado ao Rio de Janeiro e a S. Paulo; e se havia algum plano para que esse intercâmbio se estendesse á sua cidade.

O ministro começou por dizer que a deslocação de uma missão económica brasileira, aos territórios portugueses em África se destinara, precisamente, a aumntar contactos e relações comerciais. Procurava-se, portanto, incrementar as trocas comerciais entre Brasil e Portugal, ou seja, com todo o espaço português, e não sómente com determinadas parcelas desse espaço. Disse, ainda, ser benéfico que missões desse género se multipliquem

Em resposta á pergunta seguinte, o dr. Franco Nogueira disse não terem ficado assentes, nas recentes coversações tidas no Itamarati, quaisquer trocas de embaixadores especiais, mas, sim, a designação de altos funcionários, dentro dos respectivos Ministérios, com vista á rápida solução de questões que possam surgir, evitando meandros burocráticos.

Em relação ao intercâmbio luso-brasileiro, o ministro afirmou serem os planos a ele respeitantes, no que dizia respeito a Portugal, muito ambiciosos, mas, atendendo á vastidão do território brasileiro, havia que se estabelecer prioridades, fixadas de harmonia com vantagens imediatas. Assim, os esforços seriam exercidos, primeiro, nas metrópoles de maior importancia, como era lógico. O programa, no entanto, abrangia todo o Brasil e estava certo de que o mesmo chegaria, também, ao Rio Grande do Sul.

(Um brasileiro que assistia á conferência, bolseiro do Governo português, esclareceria, mais tarde, o seu compatriota, da existência de brasileiros do Rio Grande a estudar em Portugal, ao abrigo do intercâmbio focado).

Liberdade de trânsito nos portos e aeroportos portugueses

Seguiram-se perguntas sobre: possível decréscimo de auxílio árabe aos movimentos «libertadores» do Ultramar, devido ao conflito israelo-árabe; cobloquelo da Marinha inglesa no porto da Beira (que continua a processar-se, segundo o ministro precisou).

Foi focado, depois, o facto de aviões da Cruz Vermelha, de S. Tomé, partirem em direcção ao Biafra. Sobre isso, o ministro afirmou:

— *A utilização do aeroporto de S. Tomé, por aviões da Cruz Vermelha, baseia-se na política de liberdade de trânsito, em portos e aeroportos, praticada pelo Governo. Tal como em relação á Zâmbia, que continua a beneficiar das nossas instalações portuárias, para escoar os seus produtos, assim autorizamos o trânsito de aviões, pertencentes a organizações humanitárias, em direcção ao Biafra.*

As últimas perguntas desta conferência de Imprensa, versaram sobre a utilização dos satélites de comunicações entre os países africanos e as províncias portuguesas (nenhumas negociações há a registar) e os problemas da expansão do livro português no Brasil, que o ministro referiu estavam a ser debatidos, registando culpas por certa falta de audácia dos nossos editores, e dizendo ser o caso, em grande medida, do ambito comercial.

O CHEFE DO ESTADO VISITOU A SEDE DA FUNDAÇÃO SALAZAR

O Chefe do Estado visitou esta manhã as instalações da Fundação Salazar presidindo á primeira reunião do conselho geral, órgão de cúpula da fundação. As novas instalações que constituem a sede da organização ficam no quinto andar do n.º 15 da Rua Braancamp e foram precisamente hoje inauguradas.

Após percorrer as dependências da sede, o almirante Américo Thomaz reuniu-se com os quatro membros do conselho administrativo e os três do conselho fiscal que, quando em conjunto e sob a direcção do presidente de honra da fundação, constituem o conselho geral. São eles: António Medeiros de Almeida, eng.º José Frederico Ulrich, dr. Jorge de Melo e dr. Tito Arantes (conselho administrativo) e drs. Vasco Oliveira Mourão, Aureliano Felismino e João Lacerda (conselho fiscal).

«CONVITE PARA O JAPÃO»

(Continuação da 1.ª página)

iniciativa do «Diário de Lisboa».

As dez finalistas foram já seleccionadas pelo juri, constituido, como noticiámos, pela sr.ª D. Madalena Castro Amaro Ruella Ramos, esposa do nosso director; e pelos srs. Kikuo Wada, secretário da Embaixada do Japão; dr. Artur Varatojo, director-comercial da Movierecord Portuguesa; escultor Martins Correia, Jorge Luz, director-comercial da Wella-Portugal e Jaime Mourão Ferreira, das Relações Publicas da Bayer-Portugal.

Horas de verdadeira expectativa vivem as que vão participar no ultimo acto da realização do nosso jornal, com o objectivo de fazer estar presente (pela primeira vez) uma representante da juventude portuguesa no grande certame internacional de beleza, onde vão participar representantes de grande numero de nações europeias, americanas e orientais.

Como revelámos, são as seguintes as finalistas, pela respectiva ordem de inscrição: Maria Isabel Rosa Pinho, Luísa Leila Melhem Karam, Vera Maria de Meneses Santos, Maria de Lourdes Oliveira Barata, Leila Isabel Maciel Chaves Saad, Maria de Lourdes Calçada Pedro, Maria Helena da Rocha Rafael, Maria do Rosário de Freitas, Adélia Nunes da Fonseca e Gina Fonseca e Cunha.

Entre estas dez finalistas está, pois, a que o juri vai eleger hoje ao fim da tarde como nossa representante, durante um beberete que se realiza no salão de exposições dos automóveis «Toyota» — a reputada marca japonesa — instalações cedidas gentilmente pela Transmotor — Sociedade Comercial e Industrial de Veículos de Transporte e Motores —S. A. R. L., e onde estarão presentes individualidades ligadas ao mundo do espectáculo.

Dentro de poucas horas será revelada a representante portuguesa no Concurso Internacional de Beleza, a realizar em Tóquio, de 28 de Agosto a 17 de Setembro, para selecção da Rainha Internacional de Beleza de 1969. A iniciativa do «Diário de Lisboa», que despertou o maior entusiasmo entre as nossas jovens leitora atinge, assim, a sua fase culminante.

C. M. L.

COVAIS A DESOCUPAR E ANUIDADES EM ATRASO

Avisam-se as famílias dos falecidos inumados em Agosto de 1964, nas sepulturas seguintes, de que devem comparecer na Administração dos Cemitérios respectivos, para conhecimento das exumações a efectuar em Setembro de 1969.

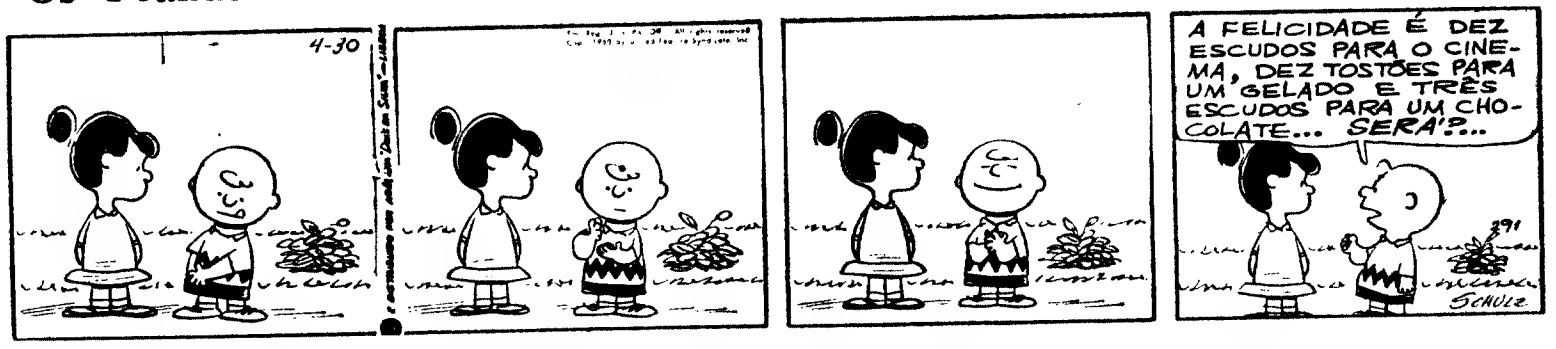
Alto de S. João	—	14 420	a	14 558	adultos	7864 a 7909	menores
Prazeres	—	282	a		»	132 a 133	»
Ajuda	—	698	a	784	»	19	»
Benfica	—	7 358	a	7 406	»	9618 a 9672	»
Olivais	—	9 192	a	9 206	»	2084 a 2085	»
Lumiar	—	8 951	a	9 230	»	840 a 870	»

Avisam-se os interessados de que os Serviços Cemiteriais não poderão ser responsabilizados pelo desaparecimento ou descaminho de valores que porventura tenham seguido à terra com os restos mortais a exumar, pelo que terão conveniência, quando assim tenha acontecido, em que por si ou por quem os possa representar, seja presenciada a abertura dos covais para efeito das exumações. Caso pretenda assistir a essa abertura, deverá o interessado nos restos mortais ou quem o possa representar, expressamente declará-lo quando, para tratar da exumação, comparecer na Administração do Cemitério respectivo.

Avisam-se, também, os interessados nos compartimentos de jazigo e ossário municipais, cujas anuidades estão em atraso, de que devem actualizar o respectivo pagamento.

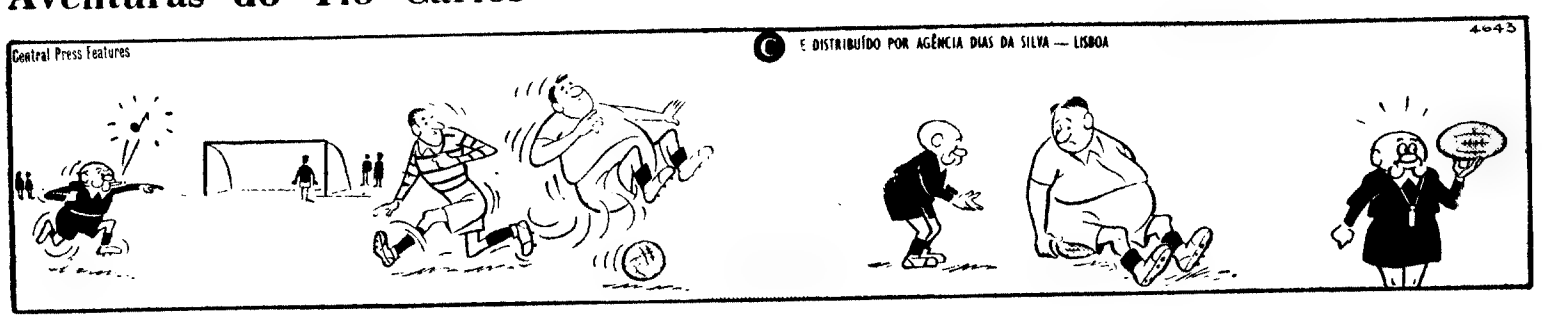
O Vice-Presidente
Aníbal David

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

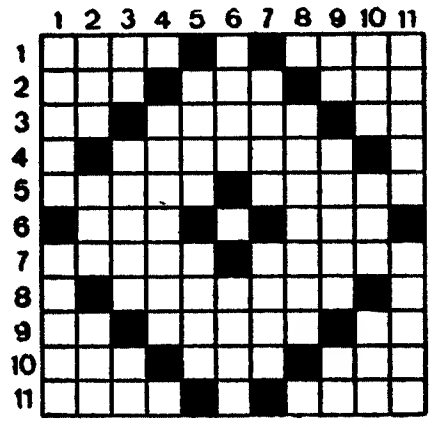
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5260

HORIZONTAIS: 1 — Aquele que Tombar 2 — Artigo indefinido Liga Negativo. 3 — Em partes iguais Fechais as asas para descer mais depressa Pronome reflexo 4 — Defendeu 5 — Saburra Espíritos. 6 — Pátria Ofereci 7 — Versejam Pessoa sectária de Zoroastro 8 — Guarnecido de arame 9 — Abreviatura de Santíssimo. Chamo a atenção Viração. 10 — Recusa Rezo. Prefixo que designa terra 11 — Impulso. Republica da América meridional. Ó beira do oceano Pacífico

VERTICAIS: 1 — Pronome relativo (pl.) Censura 2 — Artigo indefinido. Genro de Maomé Ilha do arquipélago de Cabo Verde 3 — Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Nome de vários gramíneas. O sono das crianças. 4 — Batera. 5 — Cidade de França Martelo de pau. 6 — Vender a crédito. Simples 7 — Ópera de Verdi. Velas do navio. 8 — Militar sem graduação. 9 — Prefixo de privação Osso do braço Germanio (s. q.). 10 — Seguros. Suspiros. Prefixo que designa ar 11 — Ratois Enganou

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5259

HORIZONTAIS: 1 — Amaia Palma. 2 — Destruiriam. 3 — Atoa. Eure. 4 — Mel 5 — Cs. Lê. Aa DÁ. 6 — Aoto Pais 7 — Borrifara 8 — Aparara. 9 — Os. Ácaro Bi 10 — TEM. Asa. Aer. 11 — Amuas. Salmo

VERTICAIS: 1 — Ad. Aca Rota 2 — Meã Sob. Sem. 3 — Asta Toa. Mu 4 — Ito. Lorpa. 5 — Arame. Raças. 6 — E. Eiras 7 — Piela. FARÁS. 8 — Aru. Aparo. 9 — Liró. Ara. Al. 10 — Mãe. Dia. BEM. 11 — Am. Cãs. Tiro

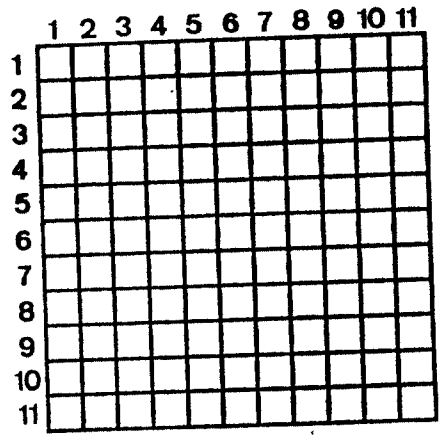
PROVÉRBIO: **Dá e tem — e farás bem.**

(NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 9103

HORIZONTAIS: 1 — Salário Cidade do Egipto 2 — De alto preço Vulcão da Sicília 3 — Saudáveis Nome de um planeta 4 — Artigo definido Espreitar Cério (s. q.). 5 — Frutos da limeira Curos 6 — Extremidade do braço Nome de mulher. 7 — Vagueias Preparar com ópio 8 — Chamarias 9 — Conseguir boas crias pelo cruzamento de raças 10 — Troça Ficar quieto Artigo indefinido 11 — Velha Pista

VERTICAIS: 1 — Massa de consistência mole Senhora 2 — Língua antigamente falada ao sul do rio Loire Fechara as asas para descer mais depressa Prefixo de negação. 3 — Pelos de certos animais Defunta. 4 — Peça de teatro. Rã (pop.). 5 — Terreno coberto de vegetação no meio dum deserto. Nome de peixe. 6 — O mesmo que íon 7 — Lugar da freguesia de Santo António dos Olivais, concelho de Coimbra Avaliar. 8 — Dura muito Multidão de gente 9 — Ilha do estado da Baía Surgir. 10 — Batráquio Plantas de hastes ocas nos entrenós. Nome antigo da nota musical dó 11 — Ferir. Íntimo



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9102

HORIZONTAIS: 1 — Modas Palma 2 — Amor. Riam 3 — Nau Bis. Aço. 4 — Ur. Pomar. Al. 5 — Aal Lia. 6 — Lasca. Assar. 7 — Cão. Ois. 8 — Sás. Ado. Asa 9 — Ut. Avisa. Eu. 10 — Rádio Sinal 11 — Armas. Asira.

VERTICAIS: 1 — Manual Sura 2 — Omar. Acafar. 3 — Dou. Asas. Dm 4 — Ar. Paço. Aia. 5 — Bo'a Avós. 6 — Sim Ad. 7 — Sofa. Ossa. 8 — Ar. Riso. Ais. 9 — Lia Ásia Ni. 10 — Maçã Assear. 11 — Amolar. Aula.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES
Direcção Geral da Aeronáutica Civil

AEROPORTO DE LISBOA
ADMISSÃO DE PESSOAL

Nos Serviços Administrativos do Aeroporto de Lisboa, onde serão prestados todos os esclarecimentos sobre as condições, está aberta até ao dia 14 do corrente, dentro das horas de expediente, a inscrição para a admissão de PORTEIROS e SERVENTES FEMININAS DE LIMPEZA.

O pessoal terá de dispor da habilitação da instrução primária.

Lisboa, 5 de Agosto de 1969.

O CONSELHO ADMINISTRATIVO DO AEROPORTO DE LISBOA

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 7 de Agosto de 1939 publicava:

«Senso crítico? Uma utopia, sem a cultura mental e moral, que só pode vir de uma reforma profunda da educação e do ensino: reforma das ideias, reforma dos métodos e, acima de tudo, reforma dos mestres.

«Vamos lá que o que vale ainda é o juízo público, com a sua natural intuição... Havia um clérigo que cantava muito mal, mas que tinha a presunção de cantar muito bem. Um dia, na igreja, reparou numa devota que se desfazia em lágrimas e que quanto mais ele cantava mais chorava. Então inchado de vaidade, pensando que era o seu canto que a enternecia, abordou-a no fim com a maior doçura: «Santinha, porque choráveis?» E ela respondeu-lhe com a maior simplicidade: «Ai senhor, há-de saber que o lobo me comeu o meu asno, e assim, ouvindo cantar Vossa Mercê, senti dentro de mim uma grande pena, porque logo me lembrou o meu pobre jumentinho.» (Dias Ferreira)

EXCURSÃO DA C. P.

Domingo 10 de Agosto

Comunica-nos a C. P. de que realiza no dia 10 do corrente em colaboração com a Empresa Geral de Transportes uma excursão de Lisboa á Figueira da Foz, Buarcos, Cabo Mondego Serra da Boa Viagem Póvoa da Serra e Quatro Caminhos de Tavarede incluindo a viagem em 1.ª classe no comboio automotor FIAT (1.ª classe e ar condicionado) e serviço de pequeno-almoço no comboio

Preço da excursão completa ..... 255$00
Só transporte em caminho-de-ferro (com o serviço de pequeno-almoço incluido no preço) ... 137$50

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa, onde são distribuídos folhetos descritivos.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

PORTUGAL ALÉM DA EUROPA

PELAS 19 E 45 é apresentado o programa da Agência Geral do Ultramar «Portugal Além da Europa», que inclui uma entrevista com o escritor Fernando Reis, cujas obras têm contribuído para um melhor conhecimento de S. Tomé. Desta ilha são dadas expressivas imagens num pequeno documentário.

Coordenação de Manuel Osório

2.º PROGRAMA

«NOTÍCIA DO ESPECTÁCULO» «O MUNDO PARALELO» E «IMAGENS DA POESIA EUROPEIA»

DEPOIS DA REPETIÇÃO de «Notícias do Espectáculo» o 2.º programa exibe mais um filme da série «O Mundo Paralelo» intitulado «Destino da Informação»,

Neste episódio, o ultimo da série, apresenta-se a história comparada da Espionagem e demonstra-se que muitos acontecimentos históricos não teriam acontecido sem a intervenção de agentes secretos, que sempre existiram. Atravessamos a História acompanhados pelo realizador e por um ex-agente secreto, herói de muitos episódios. Somos levados até á actualidade, aos voos espaciais e a uma antevisão de um futuro mais ou menos próximo em que todos os Serviços Secretos do mundo se darão (?) as mãos para defenderem os homens de seres vindos de outros planetas.

CONCERTO

De Fernando Lopes Graça, o Quarteto do Porto interpreta «Suite Rustica»; de Darius Milhaud o «Quarteto n.º 1»

CERCA DAS 20 E 5 é transmitido um concerto a cargo do Quarteto do Porto, composto por Carlos Fontes e A. da Cunha e Silva violinista), José Luís Duarte (violinista) e Carlos de Figueiredo (violoncelista), que interpretam o «Quarteto n.º 1» de Darius Milhaud e «Suite Rustica» de Fernando Lopes Graça.

Realização de Fernando Frazão.

REPORTAGEM DO EXTERIOR

A PARTIR das 22 horas, as câmaras da R. T. P. levam a todo o País uma reportagem directa do exterior que ocupa todo o resto do serão televisivo. Realização de Hélder Mendes.

AMANHÃ — **I Programa** — Às 19: Abertura; 19 e 2: Nos Bastidores da Aventura — Programa para jovens. 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: A Criança Perante a Vida — por Ana Maria Vare a Cid; 20 e 5: Cartaz TV — os principais programas da próxima semana apresentados por Jorge Alves; 20 e 35: Relatório da Ciência e da Técnica; 21: Telejornal e Boletim Meteorológico; 2 e 30: Mesa Redonda — Turismo; 22 e 5: Noite de Cinema — «O Prisioneiro do Castelo de Zenda» com Stwart Granger, Deboran Kerr, James Mason. Realizador Richard Thorpe, 23 e 45: A Marcha do Mundo, Meditação e Fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

canal da crítica

«A FRONTEIRA»: CONFUSÃO TRISTE DE UMA TRAGÉDIA ALEGRE

1. Mrozek aprendeu nitidamente com Kafka. Incapaz de universalizar, seguiu o caminho fácil da caricatura. Por isso, enquanto em Kafka a ambiguidade é uma fonte de inquietação, a de Mrozek é uma fonte de perflexidades. A angústia daquele checoslovaco é um arrepio de alma; a generalização deste polaco é uma sezão epidérmica. O absurdo de Kafka, alimenta-se do quatidiano para se tornar mais evidente (e vidente). Os processos nazis e o horror das últimas guerras explicam Kafka. Mas o absurdo de Mrozek tem qualquer coisa de infantil (de infantilismo?) de recusa de tudo, na impossibilidade ou no desejo de não tomar opção.

2 — Um homem estava muito bem instalado na *sua* casa (sim, a casa até lhe pertencia, que maravilha!) com sua mulher, seus sogros, seus filhos. Era um homem feliz. Era a felicidade, era a tranquilidade em pessoa. De subito, vieram homens estranhos — os diplomatas — que obedecem a uma *entidade*. Estabeleceram, naquela casa, uma fronteira. O homem que vivia feliz na sua concha, com sua família, não tem mais um minuto tranquilo. Em nome dessa tal *entidade*, tudo e todos estão divididos. Os diplomatas conversam, mas nada resolvem. A perspectiva da discórdia, das separações, das barreiras, Mzorek aponta-a: é a guerra, é o cogumelo atómico, é a destruição.

3 — Este breve apontamento mostra um pouco da ambiguidade da peça transmitida ontem e intitulada «A Fronteira». Nela, como já frisei, Mzorek segue o caminho da facilidade que consiste em dizer que todos são maus, os *outros* são sempre inimigos. Claro que sim, uns e outros são inimigos entre si, MAS dentro das coordenadas que a experiência histórica nos concede, onde, de que lado existe a semente do humano ou maior possibilidade disso? Doutra maneira: quem está interessado nas «fronteiras», na guerra fria, a obstrução do futuro? O esclarecimento da verdade, a coragem de uma opção, o fixar o destino bem nos olhos para melhor o dominar, eis para o que pode contribuir a arte em geral, o teatro em particular. Menos o de Mzorek, no exemplo em causa. «Fronteira» não leva a mais nenhum caminho que ao da confusão, do niilismo. «A Fronteira» é mais uma peça no complicado sistema de fronteiras.

4 — Em dois planos a «noite de teatro» de ontem merece especial atenção da crítica: a realização e a interpretação.

Na primeira, há que sublinhar o aproveitamento da riqueza do ínfimo pormenor, o ensaio para o grande plano a encaminhar na direcção do

(Continua na 18.ª página)

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário. 16.05: Luz no horizonte. 16.30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de pausa, pelo dr Marques Pereira; Programa da tarde — diga o que prefere; 17.35: Do Chiado até á Lapa; 18.10: Programa da mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18.40: Música e sonho, 19.45: Rádio rural — música só música; 20: Sino horário — Diário sonoro — Boletim Meteorológico; 20.20: Solistas ligeiros; 20.40: 24.º episódio da fotonovela «Tristezas á Beira Mar»; 21: Jornal de Actualidades 21.30. Melodias por Thelonious Monk; 21.40: Variedades; 22.30: Música ligeira; 23.05: Programa de notícias; Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16.30: A ópera «Os Mendigos» (John Gay, solistas, Conjunto de Câmara Argo, dirigido por Richard Austin; 18.10: Música do Século XX — obras de Camargo Guarnieri; 19: Crítica Literária, pelo dr João Bigotte Chorão. 19.10: Folclore português — cantos tradicionais da região de Évora; 19.25: Música de piano; 20: Diário Sonoro; 20.20: Música instrumental; 20.30: Concerto pelo Grupo Vocal Feminino Harmonia; 20.53: Sonata a seis para trompete e cordas (Biber); 21: Dois concertos grossos op. 6 (Corelli); 21.30: Panoramas da História, pelo dr João Ameal; 21.50: Recital preenchido com obras de Thomas de Lima, interpretadas ao piano pelo autor; 22.20: Poemas sinfónicos — «A História do Pequeno Alfaiate (Tibor Harsanyi), A Voz do Ocidente; 1.15: Fecho

2.º Programa (Cultural M 21 — 94,3 mc/s — Às 23: Música de piano; 23.30: Música sinfónica; 0.25: Sonata n.º 1 em lá maior, op. 13 para violino e piano (Fauré); 1: Fecho

Às 19.10: Rádio Universidade — 451 m — 665 kc/s.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/c — Às 16: Programa C D C, 18. Ela e o seu mundo; 18 e 5: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19: Noticiário; 19 e 15: No Mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; entre as 20 e as 21: Hoje convidámos ...; 20 e 7: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 09: Portugal de hoje, 2.ª e 32. Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Música tradicional e palestras religiosas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P B X»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência—97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa CDC, 17: Noticiário; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20: Nota de abertura; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2. FM 67 e Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C D C; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19: Noticiário; 19 e 03: Musicânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estúdio 64; 20: Nota de abertura; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só-rádio; 21 e 30: Leitura; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as Nações; 22 e 30. Presença coimbra; 23 e 04: Clube da juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radioroma; 18: Cartaz musical da Europa; 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Canções portuguesas; 21 e 45: A orquestra de James Last; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama, 22 e 45: Música variada; 23. A 23.ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s 94,4 mc/s **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e 12 ás 14 e 30. **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e 19 e 30 ás 22. **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e 22 ás 2 **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

Catarina Valente triunfa novamente na Televisão

CATARINA VALENTE, que há uns anos não dava que falar de si, parecia ter morrido para o espectáculo. Recentemente apresentou-se na R. A. I. onde gravou um programa musical intitulado «Bem-vinda Catarina» e que obteve um enorme sucesso, relembrando-nos a multifacetada Catarina Valente. Catarina nasceu em Paris, de pais italianos, está casada com um alemão fala sete idiomas, incluindo o português, e sabe fazer praticamente tudo: canta, recita, dança; a arte do music-hall não tem segredos para ela. Percoreu, exibindo-se, todo o mundo.

Catarina iniciou a sua carreira aos seis anos tocando gaita de beiços vestida de escocesa acompanhando os pais e seus irmãos Pietro, Nina e Silvio Trancoso, como ela educados para a vida artistica.

A guerra mundial surpreendeu-os na Polónia, foram repatriados e durante esses anos todos eles viveram os piores momentos das suas vidas. Finalmente Catarina e Silvio encontraram trabalho em Itália numa companhia de Aldo Fabrizo.

Viajaram até á Russia, Suécia, Finlandia e França. Aqui desligou-se da companhia e arranjou contrato para um «cabaret» perto do Arco do Triunfo. Mas em breve, numa semana, despediu-se. A sua arte não interessava ao proprietário, mas sim que ela fizesse beber os clientes.

Não lhe faltaram desilusões, uma das maiores foi, sem duvida o desinteresse das editoras de discos.

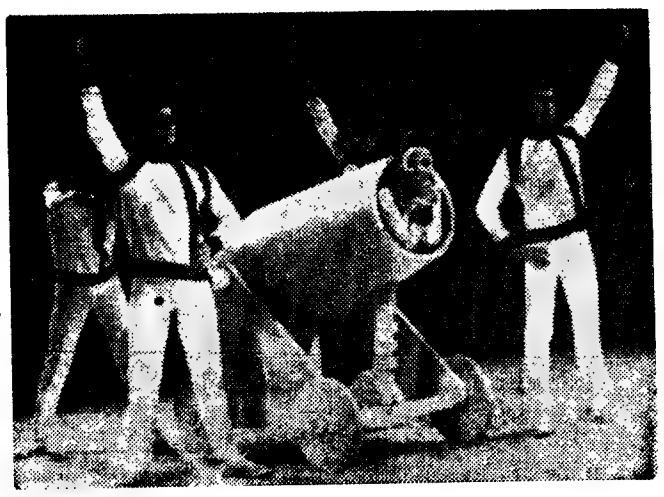
Voltou a formar um duo com o seu irmão Silvio. Compuseram um numero de canto, baile e guitarra, e desde ai o sucesso aguardava-a

Mais tarde casou com Erle von Aro, um malabarista alemão que trabalhava no circo Grock e que se tornou no seu empresário, um empresário dinamico e inteligente. Foi ele que preparou o lançamento das canções «Malagueña» «Andalucia» e «I Love Paris» das quais se venderam quatro milhões de discos em poucas semanas. Isto em 1953.

Desde então Catarina Valente consagrou-se artista universal de variedades. Filmes, shows, TV, etc., deram-lhe uma sólida fortuna.

Catarina teve um êxito enorme em Itália, em 1959 com o seu espectáculo TV «Nessuno al Mondo» e em 1961 repetiu-o inaugurando o 2.º canal da R. A. I. com o «show» «Bon soir Caterine».

Agora voltou e vai tentar outras TV segura do seu sucesso.



Catarina Valente exibe-se com o seu «ballet» no programa-êxito da R. A. I. «Bem-vinda Catarina»

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

VITÓRIA VERDE NO TORNEIO DE LOURENÇO MARQUES

COM O PÉ DIREITO NELSON E O SPORTING

SPORTING, 1-BENFICA, 0

LOURENÇO MARQUES, 7 — Ao vencer o Benfica por 1-0 no encontro ontem à noite disputado nesta cidade, o Sporting venceu o Torneio Internacional em que também participou a turma argentina do Racing de Buenos Aires.

Jogando com impressionante velocidade, os «leões» não consentiram que viesse ao de cima o habitual tecnicismo dos jogadores benfiquistas. O Sporting, porém, não se limitou apenas a actuar em velocidade. A par do excelente ritmo os sportinguistas denunciaram apreciável articulação dos lances, evi- equipa orientada por Fernando Vaz que os «encarnados» a quem a igualdade servia para o triunfo final na competição, procuraram manter até final a igualdade a zero denciando magnífico entendimento.

De resto o Sporting comandou quase sempre a partida, recusando-se a aceitar o confronto nos domínios da técnica, onde teria dificuldades em subjugar a valia individual e colectiva do antagonista. E de tal modo foi categórico o propósito da e que só viria a ser desfeita a cinco minutos do termo da partida com um golo de Nelson e quando se previa já que os benfiquistas iriam alcançar os seus intentos.

Acentue-se no entanto que o conjunto benfiquista pode, através do seu coteudo equilibrar a partida no plano estratégico, neutralizando com particular eficiência e saber as constantes arremetidas «leoninas», procurando depois em perigosas contra-ofensivas surpreender o guarda-redes Damas. Contudo os intentos benfiquistas careceram de objectividade, uma vez que os dianteiros «encarnados» denotaram evidente falta de poder de remate. Eusébio, foi muito recordado nas hostes benfiquistas.

No agrupamento «leonino» três homens estiveram em evidência: Morais, Gonçalves e Nelson, particularmente este ultimo, de permanente agressividade, a provocar constantes sobressaltos na defensiva contrária.

A partida atingiu excelente nível, mesmo considerando o tratar-se de um encontro de «princípio de época». E o próprio resultado contribuiu para que a emoção dominasse o desafio durante os noventa minutos regulamentares.

Sob a arbitragem de Abel Bastos auxiliado por Paulo Paiva e Vítor Real, as equipas apresentaram inicialmente as seguintes formações:

SPORTING — Damas; Pedro Gomes, Alexandre Baptista, José Carlos e Celestino; Pedras, Peres e Oliveira Duarte; José Morais, Lourenço e Nelson.

BENFICA — José Henrique; Malta da Silva, Humberto Coelho, Zeca e Adolfo; Toni e Coluna; Jaime Graça, Torres, Abel e Simões.

Pelo Benfica jogaram ainda José Augusto, Praia e Calado; e pelo Sporting alinharam também Gonçalves, Marinho e Chico.

Acontecimentos DE ONTEM

NATAÇÃO

4.ª jornada dos Regionais de Lisboa

Na piscina dos Olivais disputou-se ontem á noite a 4.ª jornada dos campeonatos regionais da Associação de Natação de Lisboa.

A nadadora do Algés e Dafundo, Isaura Martins, vencedora da prova de 100 metros livres

Foram os seguintes os vencedores das diversas provas:

Femininos — 400 metros livres — Maria Manuela Banha (Algés), 6.46.2.

Juvenis masculinos — 100 metros livres — Francisco Bessone Alves (Algés), 5.20.4.

200 metros estilos — António Coelho Neves (Benfica), 2.59.1.

4x100 metros estilos — Algés (Silva Alegria, Furtado Valério, Carlos Ambrósio e Bessone Alves), 5.31.5 («record» da categoria, em 50 metros).

Femininos — 800 metros livres — Ana Rosa Jorge (Algés), 12.03.2.

200 metros costas — Manuela Nuncio Gomes (Benfica), 3.11.2.

Juniores masculinos — 200 metros livres — Luís Souto Gonçalves (Algés), 2.37,8

200 metros estilos — António Neiva Maciel (Algés), 3.02,4.

4x100 metros livres — Algés (Neiva Maciel, Luís Gonçalves, Lopes Trindade e Rogério Figueiredo), 5.53.5.

Femininos — 100 metros livres — Isaura Martins (Algés), 1.15,4.

4x100 metros, estilos — Algés (Ana Matos, Ana Patacas, Isaura Martins e Graça Maia), 6.01,6.

4x100 metros livres — Algés (Ana Patacas, Ana Matos, Graça Maia e Isaura Mrtins), 5.36,4.

Seniores masculios — 100 metros costas — Jorge Adelino Soares (Algés), 1.11,9

4x100 metros livres — Algés (Joaquim Alves, Jorge Soares, Luís Salgueiro e António Trabuco), 4.39.2.

400 metros estilos — Joaquim Jorge F. Alves (Algés), 6.17,3.

Femininos — 200 metros costas — Maria Helena Gomes (Algés), 3.18.3.

VELA

Regatas de «snipes» e vougas

Foram os seguintes os vencedores das regatas ontem realizadas no rio Sado, em Setubal para as classes de «snipes» e vougas:

Snipes — Augusto Correia e Luís Gouveia do Algés e Dafundo.

Vougas — Joaquim Teixeira, Casimiro Madaleno e Fernando Branco, Brigada Naval.

Saporiti: dois golos em Luanda

O BELENENSES GANHOU EM LUANDA

LUANDA, 7 — (A. N. I.) — Depois de ter realizado no sul da província três encontros, todos eles assinalados por vitórias, o Belenenses defrontou esta noite em Luanda, no estádio dos Coqueiros, a equipa do Sporting Clube de Luanda.

Ao intervalo, os lisboetas venciam por dois a zero, com golos marcados por Saporiti e por Quaresma. O resultado final do encontro foi de 4-2, com mais um golo de Luciano e outro de Quim, nas próprias balizas, a favor do Belenenses.

Pelo clube local, que festeja o seu 49.º aniversário, marcaram Benje e Barros.

NADADORES E PUGILISTAS PARTIRAM PARA O ESTRANGEIRO

Duas representações portuguesas partiram hoje para terras estrangeiras a fim de participarem em competições desportivas. Assim, para Navia (Asturias — Espanha) seguiram os nadadores Vítor Fonseca, Monteiro da Silva, Luís Salgueiro, Vítor Cerqueira, Dulce Gouveia, Susana Abreu, Ana Paula Matos e Ana Gaspar Monteiro. Estes nadadores tomarão parte, nos próximos sábado e domingo, no «Critério dos Ases» e na «Descida da Ria de Navia».

Entretanto, a selecção de Lisboa de box tomou o rumo da Alemanha, para participar em três sessões, nas cidades de Immenstadt, Schogan e Munique. Viajam os pugilistas Manuel Antunes, Carlos Almeida, Aníbal Silva, Martinho Cunha, Francisco Realinho, Fernando Andrade, Costa Rodrigues, Lacueva de Carvalho, José da Costa, Miguel Teixeira, Fortunato Alves, Jorge Chança e Julio Delgadinho.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANÍBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

NOTAS À MARGEM

EUSÉBIO E O BENFICA

Em viagem por terras do Brasil, as magras notícias do desporto português que me chegavam tinham dois nomes: Eusébio e o Benfica. Nem sequer é novidade, pois que o clube e o jogador são dos muitos raros motivos de interesse que o nosso desporto tem oferecido ao noticiário internacional. Simplesmente, esses dois nomes não estavam agora reunidos em mais um êxito — mas sim separados no desacordo quanto ás condições de um novo contrato. Pareceu-me muito natural que assim acontecesse. O que não julguei natural foi que houvesse gente zangada por causa disso.

Surpreendeu-me, portanto, a excitação que vim encontrar em torno deste problema. Claro que é um motivo de interesse, e não apenas para o jogador e para o clube, nem sequer só para os que se interessam pelo desporto. Benfica e Eusébio estão certamente entre os nomes mais vezes pronunciados na nossa terra e tudo quanto lhes diz respeito provoca irremediável curiosidade.

Que se passa, então? Que eu saiba (e não pude ouvir, nem ler, o muito que se terá falado e escrito sobre o assunto) o profissional Eusébio da Silva Ferreira, de 27 anos de idade, casado, vacinado, um dos dois mais famosos futebolistas do Mundo, pediu determinada verba para exercer durante mais três anos o seu ofício, na entidade que tem representado. Verba essa que posteriormente reduziu em termos que tornassem menos difícil o acordo. Por outro lado, o Sport Lisboa e Benfica, verdadeira força representativa do desporto português, com sessenta anos de idade e outros tantos milhares de associados, não quer, ou não pode, satisfazer a pretensão do jogador.

Se é só isto, não vejo efectivamente razão para que o jogador-empregado se agaste com o clube-patrão, nem vice-versa. E do desacordo, creio evidente que é Eusébio o mais prejudicado, pois o Benfica pode continuar a ter equipa de futebol, e com onze, enquanto que o futebolista, nos termos da lei, está impedido de exercer a sua actividade, embora não lhe faltassem «empresas» dispostas a pagar bem mais do que ele pede ao Benfica. Verdade?

Mas por que motivo andam pessoas zangadas com o Eusébio? Já me disseram que foi por ele ter recorrido a um advogado, mas não, não posso acreditar que seja por isso. A maioria será porque entende que pede de mais, mas, que diabo, é ele, e não o Benfica, nem nenhum de nós, quem pode fixar as condições pelas quais alguém está disposto a continuar como jogador de futebol. E até podia não estar disposto, em nenhumas condições. E daí? Era obrigado? Ou acabava-se o futebol? Ou morria o Benfica?

Quanto á verba de quatro mil contos ser demasiada, é uma questão de ângulo de observação. Demasiada para as possibilidades do clube? É naturalíssimo que assim aconteça. Demasiada em relação ao valor do futebolista, como figura de um espectáculo chamado futebol, em que clube e jogador vão «vedetas» de nível internacional? Muito duvidoso. Bastará recordar que ao Benfica foram oferecidas somas fabulosas (dez mil, vinte mil, trinta mil contos!) pelo «passe» do atleta e sempre se recusou a qualquer negociação tendo-se mesmo, e por mais de uma vez, acentuado que «Eusébio não tem preço». Poderá dizer-se que nessas ocasiões, ao evitar a saída de Eusébio para o estrangeiro, o Benfica não defendeu apenas os seus interesses desportivos, defendeu também os chamados «interesses superiores do desporto português». Mas, a sério: e os interesses do Eusébio, defendeu?

Agora, as pessoas que se zangam são capazes de ficar também zangadas comigo, e eu tenho pena. Pena, porque não me entendem, ou não entenderam ainda o futebol profissional, ou compreendem-no por uma banda só. Ou então sou eu que não percebo como é que vinte mil contos não chegam para deixar partir o Eusébio e quatro mil contos são um exagero para continuar com o Eusébio. Se o Benfica não pode, é uma razão respeitabilíssima; se não quer está no seu pleníssimo direito. Francamente, o que não aceito é que alguém queira exigir o acordo do jogador. Porque acordos á força são outra coisa.

Bem, assim eu acertasse no Totobola como sei que todo este romance vai acabar em casamento. Não sei como, mas vai. O Benfica e o Eusébio, a camisola encarnada e os golos, o estádio da Luz e um dos mais conhecidos cidadãos portugueses dos tempos de hoje, talvez nem demorem a reencontrar-se. Para satisfação de todos os entusiastas do futebol, admiradores de um grande clube e de um extraordinário jogador, que é também um homem que tem o direito de decidir o que lhe interessa, pelo menos até ao ponto em que lho faculta a tal lei do futebol profissional. Uma lei que não parece feita para lesar os clubes...

MÁRIO ZAMBUJAL

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

«MUNDIAL» DE CICLISMO — OS MELHORES EM LUTA PELO MELHOR DOS TÍTULOS

Zolda, na Bélgica, perto de Beningen, a 60 ou 70 quilómetros de Bruxelas. Ninguém conhece — mas passará agora a conhecer pois é lá que, no domingo, se vai disputar o Campeonato Mundial de Ciclismo — o espectáculo que vai pôr durante cerca de sete horas, um rosário de «estrelas» em parada...

Um circuito de 263 quilómetros, traçado num perímetro com que as corridas de automóveis têm intimidade e que mede 8 quilómetros e pouco — ciclistas obrigados a percorrerem-no trinta vezes, um traçado sinuoso, com altos e baixos (um dos picos tem uma inclinação de 11%) que não são muito pronunciados mas cuja repetição provoca um desgaste notável. Trágico...

Zolda — palco para uma grande parada desportiva, para figuras de lenda na história do ciclismo. Uma competição de «aristocratas» do pedal...

Adorni chamado de «play-boy» do ciclismo quando, o ano passado, em Imola, conquistava o título mundial

Ao falar-se deste sensacional campeonato do Mundo de ciclismo terá, em primeiro lugar, de se falar de Adorni, o grande ausente da ultima Volta á França, mas, ainda, no momento, o campeão do Mundo, otítulo que de forma um pouco inesperada, arrancou no ultimo ano em Imola.

Adorni — espera-se! — estará presente como detentor do ceptro do «maior» na estrada. E, além do mais, existe a maior curiosidade á volta da sua figura, na verdade muito estranha e com certos aspectos surpreendentes. A crítica especializada chama-lhe o '«play-boy» do ciclismo e, também, o «pin-up-boy» pois Adorni é uma das «vedetas» da R.A.I., a televisão italiana.

Como ciclista Vittorio Adorni é assim definido: notável rolador, bom trepador e bom «sprinter», com o defeito de encarar, por vezes, a modalidade e as suas obrigações com demasiado diletantismo. Muitas vezes tem posto a sua inteligência, o seu sentido de táctica, ao serviço dos outros. Gimondi e Merckx devem-lhe bastante. Mesmo assim Adorni, várias vezes, teve tempo de trabalhar para si próprio, como o prova parte do seu «palmarés»: campeão do Mundo, em 1968; vencedor das «voltas» a Itália, Bélgica, Sardenha, em 1965, 1966 e 1967.

Em Zolder vai defender o seu título depois de uma época em que se desconhece o que fez ou até que ponto poderá chegar. Mas, Adorni, é um homem de quem se pode esperar tudo — até uma «explosão» mesmo quando a sombra cai sobre ele.

*

Os olhos do mundo do ciclismo não o largam e apontam-no como futuro campeão mundial e recordista da hora — só o que lhe falta na sua extraordinária galeria de títulos e honrarias. Falamos de Merckx, claro, o homem á parte, o unico, o mais espantoso caso do actual ciclismo. Todos os adjectivos já se esgotaram, na febre justa, de o elogiar e colocar num pedestal. Aliás o que ele tem feito esta época oferece, desde já, a ideia de que uma prova destas está absolutamente talhada para a «estatura» de Merckx. No entanto há

Por

Amadeu José de Freitas

nosso enviado especial

questões a opor e a considerar: o esforço espantoso que fez no «Tour» e o depauperamento a que tem sido sujeito com a série de circuitos e «criteriuns» em que tem tomado parte. É evidente que a sua classe possui um limite que ainda não foi possível medir. Dará para mais este esforço? Dará para mais esta arrancada?

É de pensar que as suas reservas chegarão para mais este pedido que lhe é feito. Mas uma corrida destas, normalmente em alta velocidade e com ataques sucessivos, não admite uma quebra que possa, mais tarde, ser compensada. Sempre a correr é o lema do «Mundial» — e Merckx a render o seu normal é dos poucos que conseguirá fazê-lo. Em valor absoluto ele é, sem duvida, o novo campeão em potência. Poderá, na verdade, apresentar-se escorreito e forte?

Veremos...

*

Outros nomes grandes aparecerão com certeza na corrida. Gimondi foi afastado da selecção italiana — o seu penoso final do «Tour» criou preocupações aos responsáveis. A sua exclusão parece definitiva. Entretanto Pingeon, Poulidor, Vianelli, Wagtmans, Goudanor, Gonzalez, Janssen, Van Springel e mais alguns que andaram na «sombra» de Merckx durante a Volta á França, poderão de certo modo, provocar extraordinária movimentação na corrida e, até, conseguir um golpe de teatro.

É aleatório, porém, estarmos a dizer qualquer coisa nesse sentido pois as contínuas provas de apresentação que se têm seguido ao «Tour» podem ter tido influências diversas sobre corpos e morais depauperadas por uma prova desgastante. A maioria destes acabou a «Volta» em crise nítida. No entanto, Wagtmans, Gandarias, Vianelli, pareceram ainda com força e hipóteses enquanto Gonzalez e Ocaña (que não terminaram o «Tour») são muito capazes de terem recuperado plenamente.

Todos estes e mais alguns são, pelo menos, homens, que podem vir a ter papel preponderante e activo.

*

Mas todos perguntam: aparecerá algum novo capaz de provocar a «revolução»? E vários nomes são apontados na Imprensa francesa: Vianelli e Agostinho, são os mais citados. Nada de previsões, porém, que um campeonato destes, na estrada, com tantos nomes grandes e tantas «traições» nos acidentes do percurso, é sempre «lotaria».

Prever o que se irá passar numa parada de «estrelas»? Não sou eu que me atrevo, não senhor...

Revelações do F. C. Porto

Como habitualmente, na primeira quarta-feira de cada mês, o F. C. do Porto voltou a reunir ontem com a Imprensa. Presentes os dirigentes Afonso Pinto de Magalhães, Venceslau Teixeira, Silvio Soares, Tavares da Rocha, Delfim Ferreira, arquitecto Fernando Girão, tendo chegado mais tarde os dirigentes da secção de futebol, Ivo de Araujo e Hernani Ferreira da Silva.

Da exposição de dirigentes e seccionistas extraímos os seguintes temas dominantes:

● CICLISMO — Os profissionais entram hoje em estágio para a Volta a Portugal. A gravidade do estado de saúde de Custódio Gomes confirma-se (perfuração da pleura). Deve vir para o Porto amanhã ou sábado, onde será internado numa casa de saúde da cidade.

● ANDEBOL — Convidado a participar num torneio internacional na Jugoslávia, o andebol «clássico» do F. C. Porto efectuará jogos em Belgrado e depois na Alemanha e na França (oito ao todo). A deslocação será feita de autocarro e durará 23 dias, com partida amanhã e regresso no fim do mês. O convite surgiu do Dinamo de Pancevo. Quanto ao técnico checo a contratar pelo clube ele ficará ligado ao F. C. do Porto apenas por três meses e será depois substituído por outro (não foi informado se nacional ou estrangeiro) para trabalhar nos restantes nove meses.

● FUTEBOL — Foi o assunto mais dominante, como de costume, da reunião, mas nada de absolutamente importante foi dado a conhecer. O caso da assinatura de contrato de Pinto continua em ponto morto, mas tudo leva a crer que o assunto fique arrumado até ao fim da semana: ou assina ou será colocado na lista das transferências. O «internacional» Festa, colocado já na lista dos jogadores a transferir, pediu ao clube para o contratar por mais um ano, por outro lado confirma-se que Américo não mais voltará ao futebol oficial de competição.

A uma proposta do treinador Schwartz para fazer um período de preparação física na montanha o departamento médico não aprovou pelo que os jogadores irão ser concentrados de 11 a 20, possivelmente na Urgeirica ou em Felgueiras.

Sucena e Atraca também ainda não renovaram os seus contratos. Ficou assente que Lemos não voltará ao F. C. do Porto, conservando-se no Boavista na situação de «emprestado».

● PAVILHÃO NO ESTÁDIO — Os orçamentos das obras foram sobrecarregados por questões de segurança dos baixos e paredes. Tudo leva a crer, no entanto, que seja inaugurado aquando do festival de encerramento do aniversário que o clube comemorar presentemente.

AS PESSOAS DE BOM GOSTO USAM ÓCULOS Persol PATENTE ITALIANA

À VENDA SÓ NOS OCULISTAS

Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve

CEAL

S. A. R. L.

CAPITAL — 70.000.000$00

SEDE: Rua D. Francisco Manuel de Melo, 23 A-6.º — LISBOA

Tendo-se procedido em 28 de Julho p. p. ao sorteio de obrigações desta Companhia, de 5% — 1959, foram extraídos os seguintes numeros:

33.015	34.056	35.215	36.159
33.016	34.062	35.261	36.187
33.017	34.075	35.300	36.237
33.081	34.118	35.307	36.265
33.153	34.184	35.321	36.311
33.155	34.224	35.328	36.326
33.202	34.232	35.334	36.357
33.207	34.242	35.354	36.388
33.230	34.292	35.363	36.389
33.310	34.318	35.378	36.396
33.313	34.329	35.434	36.400
33.336	34.498	35.487	36.407
33.351	35.013	36.002	36.416
33.389	35.048	36.026	36.441
33.415	35.069	36.046	36.459
33.429	35.075	36.058	36.508
33.435	35.079	36.070	36.530
33.450	35.081	36.090	36.582
33.486	35.147	36.099	36.598
33.491	35.188	—	—

Lisboa, 4 de Agosto de 1969.

Pela COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE — CEAL

UM ADMINISTRADOR

JOSÉ CORRÊA FIGUEIRA

SOL E MAR...
RENDIMENTO, SAÚDE E BEM-ESTAR...

os novos Apartamentos Mobilados em Paço de Arcos rendem tudo isso e ainda o que só

J. PIMENTA, S. A. R. L. lhe oferece

Rendimento de 6 a 10 %, garantido de 6 a 18 anos à escolha do cliente, por escritura pública.

Em Paço de Arcos 210 Contos rendem-lhe 1.312$50 Mensais

3.000 Clientes dar-lhe-ão as melhores referências

Propriedades à venda em: Reboleira, Amadora, Venda Nova, Paço de Arcos, Parede, Cascais, Lisboa e brevemente Queluz

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º Esq. — Telefones 4 56 43 / 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21 / 22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público, que nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento no lugar de Maçã, freguesia de Castelo, concelho de Sesimbra, de uma linha aérea a 15 kV, com 70 metros, do apoio n.º 35 da linha Azeitão-Sesimbra ao posto de transformação n.º 4-008 Maçã.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 29 de Julho de 1969.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

Medalha da União Zoófila para o representante na «Operação Plus Ultra»

Conforme foi já divulgado pela Imprensa, Rádio e Televisão a representante portuguesa na «Operação Plus Ultra»-1969 será a pequena Maria Adelaide da Silva Fernandes Tomás, da Figueira da Foz, cuja vida tem sido um constante apostolado na defesa dos animais doentes ou abandonados. Esta notícia originou já a primeira consagração da Maria Adelaide. Assim, por ofício recebido no Rádio Clube Português, que dirige entre nós a «Operação Plus Ultra», a União Zoófila (Associação de Protecção aos Animais) anuncia que lhe concedeu a medalha de prata.

ALMOÇO DE HOMENAGEM A MÁRIO MEDEIROS

O almoço de homenagem a Mário de Sousa Medeiros, que um grupo de jornalistas decidiu promover por motivo da sua nomeação para delegado dos T. A. P. em Paris, realiza-se no próximo sábado, no restaurante Castanheira de Moura, onde deverão ser feitas as inscrições definitivas.

VIAGENS A MADRID

Utilização de beliches no comboio Lusitânia-Expresso

Com um suplemento de apenas Esc. 83$50, além do preço de bilhete normal de 2.ª classe, poderá assim viajar-se comodamente deitado neste comboio que assegura, com trajecto nocturno, as ligações entre as duas capitais peninsulares.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público, que nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Moita em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento, na freguesia e concelho da Moita, de uma linha mista a 30 kV, com 910 m, parte aérea com 730 m e subterrânea com 280 m, do apoio n.º 4 da linha para a Socorquex ao posto de transformação n.º 19, da Câmara Municipal da Moita.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento em 30 de Julho de 1969.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

canal da crítica

(Continuação da 15.ª página)

autêntico teleteatro, a passagem lenta para um rosto ou um local onde alguma coisa vai acontecer, o desprezo pelas cenas explicativas para o choque das situações novas com abertura de crédito á inteligência do telespectador, etc. Um realizador que sabe de Teatro — eis a nota insólita dos novos rumos teatrais na Televisão portuguesa.

Quanto á direcção dos actores, já o trabalho de Artur Ramos me não pareceu sempre feliz. Houve muita falta de naturalidade, muito desfasamento, muito convencionalismo. O próprio Raul Solnado não foi isento disso, particularmente na primeira cena. E se cito isto é apenas por se tratar de Raul Solnado que teve ontem uma actuação que todos recordaremos durante muito tempo. Ele compreendeu o que Mrozek exigia dele ou seja, que permanecesse natural no pleno reino do irreal, que fosse o homem de todos os dias, ele que mergulhava no total insólito. O seu mundo quotidiano deveria contrapontar o estranho mundo da nova situação. De novo, para além de tudo quanto a peça encerra, o trabalho de Solnado foi o centro de interesse dos telespectadores. Raul Solnado é a única presença realmente viva e grande do nosso teatro actual. Com tudo quanto de prejudicial possa trazer ao teatro esta situação de filho único, ficamos desejando que para a propaganda do amor ao teatro reverta tudo quanto a situação de vedeta lhe confere. Vedetismo, esta perigosa arma de não sei quantos gumes...

TV CLUBE COM HERMÍNIA SILVA

Fica-se perplexo. Acontecem coisas que, francamente... Hermínia Silva, tantos e tantos anos afastada do publico, ei-la á nossa frente. Há uma dificuldade em alinhavar duas palavras, duas, ao menos, que diabo, é pedir muito?

Gostaríamos de ver Hermínia, de quando em quando, em «Melodias de Sempre» ou coisa parecida? Bem, sim, talvez gostássemos. Ouviríamos o negregado marinheiro americano ou o nefado fado da «Tendinha» que «na história da bebedeira é um padrão imortal». Ouviríamos a imitação do fado falado, o fado das «mãos cagarram». Ouviríamos — mas depois seria o silêncio, o esquecimento, e — quem sabe! — depois seria talvez o perdão.

Assim é diferente. Com um «TV Clube», Hermínia tomou quase um compromisso de regresso. Ei-la, com gestos de colegial e processos sempre os mesmos. Nada mudou, foi como se os dias parassem ao toque não se sabe de que varinha de condão, como se Hermínia se convencesse de que, este publico, era o seu publico de há 20 anos...

Vítor Silva voltaria ao campo para dar o pontapé de saída, não para fazer os 90 minutos. Gino Bechi poderia voltar á sala para entoar uma romantica canção napolitana, mas quanto a Verdi, está quieto! Lifar poderia voltar para, dois minutos demonstrativos de um fácil «pas de deux», mas não para «o espectro da Rosa». Salvas as devidas distancias, é claro, algum bomsenso deveria resguardar Hermínia Silva, impedi-la de provar que não é televisiva e que, se nada tem de novo para nos dar, nada deve vir trazer-nos.

Longe de mim fazer uma crítica formal ao «regresso» de Hermínia Silva, pois todo o regresso é triste. Crítica a um regresso, definido como triste por sua mesma natureza de regresso, acabaria por ser igualmente uma tristeza. E para tristezas já basta a vida, como diz o outro. Particularmente quando não se tem jeito nenhum para afogar as mágoas na casa da Mariquinhas «que é muito camarada».

MÁRIO CASTRIM

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público, que nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento na freguesia de Caparica, concelho de Almada, de uma linha a 15 kV, com 1632 metros, do apoio n.º 2 da linha para Vale Figueira ao posto de transformação n.º 1-006 Areeiro.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 29 de Julho de 1969.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público, que nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Sesimbra em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento, na freguesia de Castelo, concelho de Sesimbra, de uma linha mista a 15 kV com 504 m, parte aérea com 349 m e parte subterrânea com 155 m, do apoio n.º 3 da linha para a Caveira ao posto de transformação n.º 4-060.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 4 de Agosto de 1969.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje — CAMINHO PERIGOSO — S. JORGE

SÃO JORGE
Às 21.30 — ESTREIA
CAMINHO PERIGOSO
com Richard Johnson, Carol Lynley e Sylvia Seyms
Às 18.15 — (M. 17 anos)
O ESCROQUE ELEGANTE

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
15.15 e 18.15 (P. r.) e ás 21.30
A ESPPECTACULAR NOVIDADE
em brutal fúria de matar
NÃO ESPERES, DJANGO... DISPARA!
c/ Sean Todd e Rada Rassimov
CADA BALA ERA UMA SENTENÇA DE MORTE
Eastmancolor — Cromoscope

AVIS
(Adultos) Tel. 47163
Às 21.45
Uma história alegre, picante e divertida
PÃO, AMOR E CIÚME
com Vitório de Sica e Gina Lollobrigida
(AR CONDICIONADO)

MUNDIAL
(M. 12 anos). (Tel. 538743
Às 21.45
CHARLY
com Cliff Robertson
«Oscar» da Academia Americana
Technicolor — Technicscope
AR CONDICIONADO

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
Às 18.30 e 21.45
STEVE McQUEEN em
NÃO AMES UM DESCONHECIDO

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 21.45
Marcello Mastroianni - Pamela Tiffin - Virna Lisi
O HOMEM, A MULHER E O DINHEIRO
Panavision — Metrocolor
AR CONDICIONADO

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
O CASAMENTO
(Le Mariage ou Mazel Tov)
com Claude Berri e Elisabeth Wiener
EASTMANCOLOR
AR CONDICIONADO

POLITEAMA
Tel. 326305
HOJE, ÀS 21.30
EM REPOSIÇÃO
O sensacional extraordinário filme de espionagem
ARABESCO
com SOFIA LOREN e GREGORY PECK
Panavision (col.) (M. 12 anos)
HOJE, ÀS 18.30 — (M. 12 anos)
SESSÃO CLÁSSICA

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
As 21 horas
SERVIÇO SECRETO ITALIANO
A SÉTIMA VÍTIMA

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
Às 21.30
Technicolor
BOBBY DARIN e EMILY BANKS em
DUELO DE VINGANÇA

LIDO
Praça D. João I — AMADORA
Às 21.30 (M. 12 anos).
UM CAMPISTA EM APUROS
com Florbela Queiroz, João Lourenço e Nicolau Breyner

VOX
Tel. 720888
Às 18.30 e 21.45 (M 21 anos)
3.ª Semana de lotação esgotada
HELGA
(O segredo da maternidade) comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade àquelas pessoas cuja aparência possa suscitar dúvidas

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
Às 17 e 21.30
AS BADALADAS DA MEIA-NOITE
com Orson Welles e Jeanne Moreau

MONUMENTAL
(Adultos) Tel. 555131
Às 21.30
A PARTILHA
(THE SPLIT)
com Jim Brown, Ciahann Carrol e Julie Harris

CONDES
Telefs. 322523 - 326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
(Adultos)
O HOMEM, A MULHER E O DINHEIRO
com Marcello Mastroianni, Pamela Tiffin e Virna Lisi
Quando um italiano entra num harém...

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 21 e 30
Um filme moderno e sofisticado! Mónica Vitti e Jean Sorel em
MATA-ME DEPRESSA... QUE TENHO FRIO

ESTÚDIO
(M. 12 anos) Tel. 555134
As 15.30, 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
O extraordinário filme de WALT DISNEY
O DESERTO MARAVILHOSO
TECHNICOLOR

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50595
Às 9.30 da noite
61.ª SEMANA
do maior êxito de todos os tempos!
MÚSICA NO CORAÇÃO
com Julie Andrews e Christopher Plummer
Exclusivo desta sala

ALVALADE
(M. 12 anos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
A LUZ É PARA TODOS
com Gregory Peck e Dorothy McGuire

LIZ
(M. 12 anos) Tel. 48560
As 21 horas
O INSPECTOR CLOUSEAU
O RENEGADO DA SELVA

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
O GRANDE AMOR
com Pierre Etaix e Annie Fratellini

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

TEATRO GIL VICENTE — Às 22: «A maçã» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23: «Ri-te, Ri-te» (17 anos).
VARIEDADES — Às 21 e 45: «Os direitos da mulher» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «O mistério do círculo vermelho» (17 anos).
PARIS — Às 21: «Ouro de Londres» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «A chave» (17 anos).
ROYAL — Às 21: «Os Boinas Verdes» (12 anos).
OINEARTE — Às 21: «Adeus amigo» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «Colt, o Lei do Oeste» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «A Brigada Nua» (12 anos).
ORIENTE — Às 22: «O desafio das águias» (12 anos).
ENGARINAÇÃO—Às 21: «OSS 77— operação flor de lotus» (17 anos).
OINE-MOSCAVIDE — Às 21: «O homem, o orgulho e a vingança» (17 anos).
B. V. LOURES — Às 21 e 45: «Dois espiões de guarda-chuva» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «10.000 dólares para um massacre» (17 anos).
CASTANHEIRA — Às 21 e 30: «Cinco destemidos para Singapura» (17 anos).
S. L. BENFICA — Às 21 e 15: «De cor morena» (17 anos).

● Linha de Cascais

PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21 — «A Grande Muralha» (17 anos).
ESTORIL — CASINO Às 17 e 21 e 30: «As Badaladas da Meia Noite» (17 anos).
ESTORIL — CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Os Canhões de Navarone» (12 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «O caso Strange» (17 anos)

● Linha de Sintra

DAMAIA — D JOÃO V — Às 21 e 30: «Cartouche» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «O Sargento Ryker» (12 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «O Filho de Django» (12 anos).

● Outra Banda

ALMADA INCRÍVEL — Às 21 e 15: «O cinto da Castidade» (17 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «Das Ardenas ao Inferno» e «Motivo de Divórcio: o Amor» (17 anos). supremo» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA—Às 21 e 30: «Sete contra o mundo» (12 anos).

Logan's
Scotch Whisky de luxe
of White Horse

IMPORTADO DIRECTAMENTE DA ORIGEM

AGENTES:

COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
RUA DO BONJARDIM, 420 — PORTO

J. A. DA COSTA PINA, LDA.
RUA DO ALECRIM, 73 — LISBOA

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno G

AJUDA — Maura, Trav do Memória, 55 (630944) ✱ Biotitar, Rua D João de Castro, 27-B (638824)
ALCÂNTARA — Bairrão, R Prior do Crato, 25 (132'4)
ALMIRANTE REIS — Confiança, Av Almirante Reis, 46 (42453)
ALVALADE — Zil, Av do Igreja, 9-D 7''780) ✱ Roma, Av de Roma, 85-B (772466) ✱ S. João de Deus, R Pedro Ivo, -A-B (725'40).
AMOREIRAS — Britânica, Trav Légua da Póvoa, 5-B (689250).
AREEIRO — Garantia, Av Padre Manuel da Nóbrega, 5-A e 5-B (727300) ✱ Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (726860).
AVENIDAS NOVAS — Alcântara, Av do Repub., 74-A (771379) ✱ Vale, Av. Marquês de Tomar, 45-49 (773043) ✱ Dalva, Av. Duque de Ávila, 125 (45225) ✱ S. Sebastião, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1-9 (48642).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R 27 n.º 41 (311216).
BAIXA — Fernandes, R. de S. José, 87 (326476) ✱ Azevedo, Filho, Pr de D. Pedro IV, 31 (327478)
BENFICA — União, Est. de Benfica, 592-594 (700092) ✱ Alegria, Est de Benfica, 180-A-B (780511).
CAMPO DE OURIQUE — Lobet, R. de Infantaria 6, 98-B (688807) ✱ União, R. Saraiva de Carvalho 119 (663643).
CAMPOLIDE — Salutar, Rua B, 75-A, B, Bairro da Liberdade (683694) ✱ Pinto, R de Campolide, 11 (682610).
CONDE REDONDO — Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (553468).
ESTRELA — Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (666971).
ESTEFÂNIA — Mundial, L. D Estefânia, 9 (45578)
GRAÇA — Ziller, R de S Tomé, 54-56 (862835).
LUMIAR — Central do Lumiar, R. do Lumiar, 77 (790480) ✱ Doure, Alam. das Linhas de Torres, 93-A-B (791131).
MADRAGOA — Eduardo A. César, R. das Trinas, 102 (662631).
OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (311287).
PENHA DE FRANÇA — Central, da Penha, R Penha de Franço, 58-60 (849245) ✱ Vitalis, R. Morais Soares, 66-A (848011).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa, 16-A (728495-720703)
PRINCIPE REAL — Albano, R. do Escola Politécnica, 59 (326750).
REGO — Baptista, R. Francisco Tomás da Costa, 3-C (77'873)
ST.ª AMARO — Correio de Azevedo, R Luís de Camões 42-B (638625)
S. BENTO — Maz Teixeira, Rua Poço dos Negros 115 (679961)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Freitas, Rua Zofino Pedroso, 11-13 (38''136) ✱ Banho, Est, de Chelas, 173-175 (382241) ✱ Frazão, R da Cruz de St.ª Apolónia, 90-92 (847019)
PALHAVÃ — Canto, Est das Laranjeiras 202-B (780841).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av.ª Comb G Guerra, 29 (Tel 212070)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel 242839).
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Avenida Patrão Lopes, 4 (2432039)
OEIRAS — Central, R. João Teixeira Simões, 8 (2430058)
PAREDE—Alsir—Av. Gago Coutinho — B das Caixas de Previdência (Tel 2472948).
ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque, 3 (Tel 260'91).
CASCAIS — Marginal, Av.ª Marginal (280078) ✱ A. Costa, R. Freitas Rego 24 (2802'4).

● Linha de Sintra

AMADORA — Cavaco — R. Elias Garcia, 209 (Tel 930019); Flema — R Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); Confiança — Av.ª D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149)
DAMAIA — Confiança, Estrada Militar, Lote D (971023).
QUELUZ — Gil — Av.ª Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); Simões Lopes — Av.ª Elias Garcia, 51/51-A (Tel. 950123).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).
MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (T 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456).
SINTRA — Marrazes — L. Afonso de Albuquerque (Tel 980058).
COLARES — Colares — Abrolo (Tel 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel 234137).
ALHOS VEDROS — Portugal, Av.ª do Bela Rosa, 8 (224250)
ALMADA — Central — R de Olivença, 11 (Tel 270504)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Estrado Nacional 221-8 (224 41)
BARREIRO — St.ª Marta — R de Lavradio, 77-C (Tel 2272141).
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso — P 5 de Outubro, 18 (Tel 270254)
MOITA — União Moitense, Av.ª Dr Teófilo Braga (239025.
MONTIJO — Higiene — R José Joaquim Marques, 142 (Tel. 230370).
SESIMBRA — Leão, Av.ª Salazar (229471)
SETUBAL — Normal do Sul, Praça do Bocage, (22216)
SEIXAL — Soromenho — R Polva Coelho, 38 (Tel 22'8560)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 361358 ✱ Companhias Reunidas, 537011 ✱ Gazcidla 538821 ✱ Gazcidla (dom e feriados) 382069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 ✱ Voluntários 538524
POLICIA e G. N. R — Serviço de emergência, 115 ✱ Segurança Publica, 366141 ✱ Judiciária, 535380 ✱ Marítima, 326456 ✱ Internacional, 362721 ✱ Viação e Trânsito, 42205 ✱ G.N.R. (área rural), 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ✱ Enfermagem permanente, 766161 ✱ Enfermagem de urgência, 43738 ✱ Hospital de Santa Maria, 775171 ✱ Hospital de S. José, 860131 ✱ Sangue, exigénio e soros, 771168 e 771169 ✱ Transfusões, soros e exigénio, 538524 ✱ Centro de Intoxicações (informativo), 767777 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ✱ Caminhos - de - ferro (C. P.), 869029 ✱ Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121 ✱ Estação fluvial (T Paço), 325345 ✱ Estação Marítima de Alcântara, 663195 ✱ Estação Marítima de Rocha, 672445 ✱ Estação fluvial (Belém), 638531

BOM APETITE

CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIARIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(M 15 anos)

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETUBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIÁRIA
CARNE DE PORCO ACRE E DOCE e o célebre arroz CHAO CHAO

RESTAURANTE
antónio
COZINHA PORTUGUESA
Diàriamente ementa de lagosta
AR CONDICIONADO
R. TOMÁS RIBEIRO, 63

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
Parque privativo para automóveis
(Encerrado 6.ª 3.ª-feiras)
(Maiores de 15 anos)

RESTAURANTE
CANTINHO ALENTEJANO
Rua D. Luís de Noronha, 32-A (junto á Av. de Berna)
Telefone 77895
SERVE DIARIAMENTE OS DELICIOSOS PRATOS CARACTERÍSTICOS ALENTEJANOS

«A LAREIRA»
Em virtude das muitas solicitações, a gerência comunica que a partir desta data este estabelecimento estará aberto todos os dias.
MATINÉES todas as tardes
AR CONDICIONADO
AMBIENTE ACOLHEDOR

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 38°, mínima: Viseu, 10°,8

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava limpo, excepto na faixa costeira a norte do cabo Carvoeiro, onde estava muito nublado ou havia nevoeiro. O vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Porto, 19°; Penhas Douradas, 22°; Coimbra 16°; Lisboa, 23°; Faro, 30°; Funchal, 24°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 24°,5; na água do mar: 18°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado e condições favoráveis à ocorrência de nevoeiro, na faixa costeira a norte do cabo da Roca; céu geralmente limpo nas restantes regiões. Vento fraco a moderado predominando de noroeste.

Amanhã
Nascer ás 6 e 44
Ocaso ás 20 e 40

Dia 13 Dia 20 Dia 27 Dia 3

MARÉS:
PREIA MAR: Dia 7 — 12 e 07 (3,2 m). Dia 8 — 0 e 47 (3,1 m); 13 e 20 (3,3 m). Dia 9 1 e 55 (3,2 m); 14 e 18 (3,4 m). BAIXA-MAR: Dia 7 — 5 e 21 (1,9 m); 18 e 12 (1,9 m) Dia 8 — 6 e 34 (1,8 m); 19 e 30 (1,8 m). Dia 9 — 7 e 33 (1,8 m); 20 e 15 (1,6 m)

CASTELÕES
AMANTEIGADO
PASTEURIZADO
UM QUEIJO
DE QUALIDADE

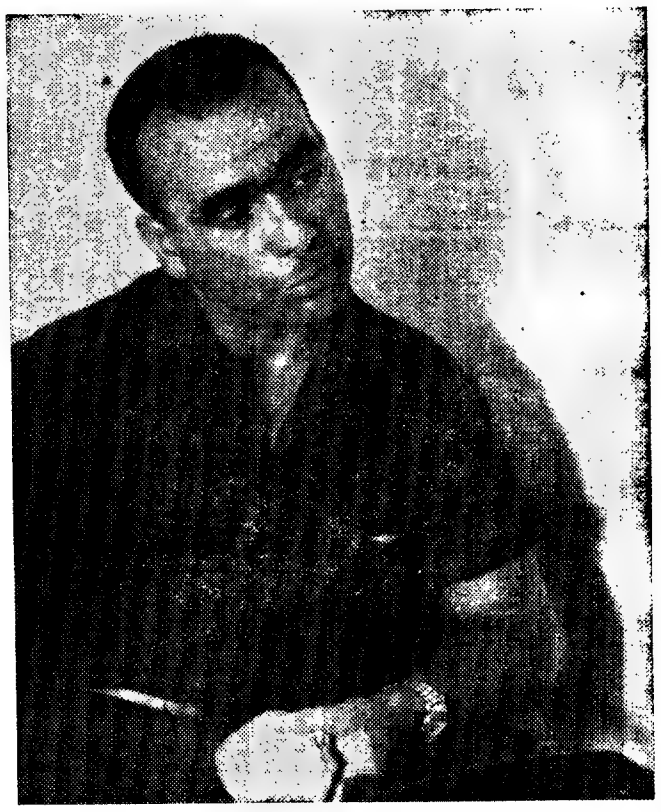
AVENTURA SOBRE DOIS BIDONS

Um homem de Coruche virá do Minho ao Algarve ao longo de toda a costa atlântica

O sr. Augusto Manuel Carlota, de 34 anos, de Coruche, é um homem que se desafia a si próprio.

— *Quero provar á malta de Coruche que sou valente* — afirmou-nos, esta manhã, de chapéu na mão.

É que o sr. Carlota tem um problema lá muito consigo: os conterrâneos pegaram-lhe no nome e chamam-lhe *Carlotinha*. Ora isso não pode ser: um homem é um homem.



«Tenho de provar aos tipos de Coruche que sou um valente...»

O sr. Augusto Manuel Carlota (que esfrega, encera e caia as casas das senhoras ricas de Coruche) já em Fevereiro deste ano cometeu uma proeza de alto coturno: veio da terra natal até ao Terreiro do Paço, pelo rio, utilizando como embarcação dois bidons ligados por duas varas de ferro.

— *Pois vou utilizar novamente os bidons, e todos ficarão a saber que sou um valente. Um valentão...*

Desta feita, na verdade, o sr. Carlota propõe-se levar a cabo uma aventura deveras excitante: vir de Caminha até Vila Real de Santo António montado nos dois bidons.

— *Pelo mar, claro...*

— *Exacto. Pelo mar e a cinco mil metros da costa. E sabe qual é a extensão da viagem?*

— *Diga.*

— *Oitocentos e cinquenta quilómetros.*

Pensávamos que os bidons eram accionados por algum motor. Nada disso. Um valente utiliza outros processos...

— *É a remo, senhor! A remo, que tenho força nos braços!*

— *E não tem medo de se afogar?*

O sr. Carlota não tem medo de se afogar:

— *Sou um autêntico peixe a nadar.*

Assim, seguro de si, o nosso valente dá começo á arriscada viagem já no próximo dia 10.

— *E quando conta chegar a Vila Real de Santo António?*

Não o sabe o sr. Carlota: a chegada depende de muitas circunstancias. Aproximar-se-á muitas vezes da terra para se reabastecer, para descansar um pouco... Demoras que se impõem.

Se for bem sucedido na viagem que agora vai empreender, o sr. Carlota fixar-se-á em Lisboa e tentará arranjar cá um barco para da capital ir até ao Brasil.

— *Ficará no Brasil?*

— *Conto ficar. Já tenho um lugar de porteiro prometido no Rio de Janeiro. Assim provarei aos tipos de Coruche que sou um homem, um Carlota, e não uma Carlotinha...*

E pronto. O nosso valente despediu-se de nós, confiante na sua audácia, tendo em mente os dois bidons de 200 litros em que, porventura, vai arriscar a vida.

— *Boa viagem e boa sorte!*

LOTUS ELAN
VENDE-SE
Fac. de pag. e troca
R. de Campolide, 27-B

De vez em quando

Planeamento está na ordem do dia. Nada deve fazer-se ao acaso. Antes de executar seja o que for, devem prèviamente estudar-se os mínimos pormenores, evitando-se desta forma chegar ao fim e ficar com a certeza de que vai ser necessário começar de novo. É preciso construir para o futuro. É preciso planear. Mas o que é planear? Exemplo: construir uma central telefónica automática em Vila Franca de Xira, com capacidade para 1400 assinantes, quando na localidade já existem 700 e há mais 400 pedidos (total 1100, sobrando portanto apenas 300). Perceberam o que é planear. Eu cá percebo...

V. D.

A MODA DA ERA LUNAR

(A MAQUILHAGEM É EM TONS DE AMARELO)

INSPIRA-SE APENAS NO PRESENTE

PARIS, 7 (Por Joan Deppa, da U. P. I.) — (A. N. I.) — Na era lunar — que os homens iniciaram já — só uma coisa as mulheres têm de salvaguardar de outras eras passadas: a sua feminilidade — mais acentuada e requintada ainda, se possível.

Voltadas para o futuro — depois da Lua, Marte — toda a fantasia é permitida ás mulheres no campo do vestuário, também aqui com uma unica excepção: estão proibidas, pela moda da era lunar, de volverem os olhos para trás, procurando inspiração nas modas do passado.

Pode resumir-se nestes dois axiomas o conteudo dessas centenas de modelos que os «grandes» da moda apresentaram a semana passada em Paris.

Um exemplo: os manequins apresentaram-se com maquilhagem — mas uma maquilhagem «lunar», revolucionária. As sombras, nas olheiras e nas pálpebras, eram de vários tons de amarelo. E as sobrancelhas, reduzidas a uma linha finíssima, não acusavam o menor traço de lápis.

A mensagem de plena liberdade á fantasia explica, por si mesma, ao que corresponde a «moda lunar», que vai iniciar a década de 70: Usa-se tudo (pode usar-se tudo). Casacos a rasar o chão? Apresentou-os Givenchy. Saias tão curtas que, para terem o nome de saias, obrigaram a subir a cintura? Apresentou-as Cardin. Aspectos diversos no mesmo vestido, de saias assimétricas? Desenhou-as Bohan. Longos vestidos de linhas direitas e pesadas, simultâneamente com vestidinhos infantis? Desenharam-nos todos os figurinistas de Paris. Alguns mostraram já vestidos acentuadamente compridos, para sair á rua. Mas aceitaram a hipótese de as suas clientes não estarem ainda preparadas para essa inovação — e sugeriram que os fossem usando, para se habituarem, seja nas pequenas reuniões de meia cerimónia, seja simplesmente em casa, de forma a «ficarem bonitas, junto á lareira».

Para os dias de Inverno rigoroso, voltam as calças compridas. As mais lindas (de Givenchy) são confeccionadas nos vários materiais que se usam agora e têm a aparência de cabedal. Mesmo os costureiros mais contrários ás calças como «toilette» feminina, mesmo esses cederam na «era lunar» e vestiram com calças compridas os seus manequins. Mas insistiram num pormenor curioso: só as usarem com túnicas ou jaquetas bem compridas, e muitas vezes terminadas com uma larga franja no mesmo tecido, ou em camurça de cor condizente. Resultado: as calças compridas cobrem, á vista, apenas as pernas. As ancas ficam «disfarçadas» sob a túnica, ou sob a franja.

Quais as cores que se usam? A fantasia é livre. Todas as cores e todos os tons. Quais os desenhos que se usam? Liberdade e fantasia. Notou-se, talvez, certa preferência pelos estampados sobre fundo preto. Quais os enfeites que se usam? Fantasia á rédea solta. Viram-se bordados a vidrilhos, tom sobre tom, discretos. E viram-se cópias de desenhos e coloridos astecas e indonésios, búlgaros e marroquinos.

Qual, ao fim e ao cabo, a altura de vestidos que se usa? Absoluta e literalmente todas as alturas — para todas as horas.

Houve, no entanto, certa concordância sobre os vestidos longos para a noite. E sobre os curtos (e todas as alturas que esta palavra pode sugerir...) para de dia.

Usam-se os casacos amplos ou esguios? Ainda aqui, toda a liberdade, embora se tivesse notado certa «preferência» pela linha ampla. Quando não «totalmente ampla», pelo menos de larga saia rodada, de tipo militar, a partir de uma cintura cingida por duas filas de botões amarelos e muito trabalhados.

O que vai usar-se, afinal, no primeiro Outono e no primeiro Inverno da era lunar? Vai usar-se fantasia, individualidade, livre escolha da forma, para que cada mulher se sinta mais e mais mulher.

CAMPO PEQUENO
M/a anos
HOJE ÀS 22 HORAS
A CORRIDA DAS TRÊS NAÇÕES
AMADEU DOS ANJOS
(Apresentação nesta temporada)
E pela primeira vez em Portugal
ANTÓNIO LOMELÍN (mexicano)
JOSÉ RIVERA "RIVERITA" (espanhol)
CAVALEIROS
GUSTAVO ZENKL e VÍCTOR RIBEIRO
FORCADOS AMADORES DE ALCOCHETE
Cheflados por António Luís Penetra
8 TOIROS DE OLIVEIRA (IRMÃOS)
Telefs.: 77 16 19, 76 15 39, 32 17 12 e 3 07 69

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 574/7 DE AGOSTO DE 1969

NAS CENTRAIS:

Entrevista
EXPLOSIVA
com José Fonseca Costa

AS LUSAS SEMIFUSAS (1)

Entrevista com Jorge Peixinho

por José Alberto Gil

Peixinho: formar o seu próprio vocabulário

DAMOS POR ABERTA esta série sobre os VIVOS compositores portugueses contemporâneos ao escutar Jorge Peixinho; 29 anos calendàriamente, natural, por acaso, do Montijo, residente, por acaso, em Campo de Ourique. Militar. Ainda.

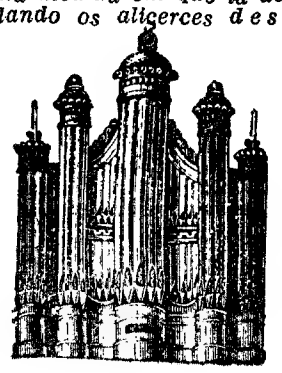
J. P. — Quando se é autênticamente criador, automàticamente se vai infringir as regras estabelecidas.

J. A. G. — Na música de vanguarda há ainda regras gerais?

— Humm! Acho que não existem. A única regra é a necessidade de um sistema de regras individuais específicas da obra, que contribuam para a sua coerência interna e uma mais completa e autêntica emanação do artista criador.

— Em que limites se pode exercer a liberdade do compositor actual em relação à do compositor clássico?

— O compositor clássico tinha um sistema de regras perfeitamente organizado e pré-existente à obra. A sua originalidade revelava-se na medida em que ia abalando os alicerces desse



sistema de regras, condicionando-o e transformando-o em função das suas necessidades de expressão. O compositor actual não tem hoje um sistema de regras universal nem utiliza um vocabulário musical que faça parte de um património colectivo. Terá de formar o seu próprio vocabulário e encontrar as regras necessárias para a sua organização e manipulação.

ORDEM. HIERARQUIA. HIERARQUIAS. DIVERGÊNCIA. AMBIGUIDADE. SÉRIE. ESTRUTURA. ESTRUTURA CADA VEZ MAIS SIGNIFICAÇÃO: como se chegou à música de vanguarda.

— Acuso-o, por procuração, de tecnicista! (eu não era sincero)

— Beethoven era muito mais tecnicista! Acho que o sou muito menos do que deveria e desejaria ser. Quanto mais completo for o domínio da técnica, maior possibilidade teremos de comunicar uma expressão mais autêntica de nós próprios.

Equívoco?! As linguagens inapercebidas?!

A par duma nova fonética:

— O que interessa na música contemporânea é a criação de novos universos de linguagem sonora. De uma nova sintaxe.

— Se eu disser: Ah!, e o ouvinte perceber Oh!, a minha mensagem é compreendida?

— ... mas as formas de comunicação musical não são unívocas. A música toma as significações mais divergentes.

— Tem necessidade de ser entrevistado?

— Não! Já houve tempo em que tinha uma certa necessidade de polémica e de contestação violenta, quando pensava que a nau estando embora prestes a naufragar, ainda se mantinha à tona de água, mas agora já não, visto que já está completamente naufragada.

— Porquê a música?

(Continua na página seguinte)

Atenção ao «Rapport Rioux»

Folhetim artístico de José-Augusto França

FALA-SE insistentemente entre nós da «Reforma do ensino das Belas-Artes — e bom será que se repare no solecismo que tão simples, ou cândida, expressão comporta. Ou significa.

Eu estou certo de que toda e qualquer «reforma do ensino de Belas-Artes» é coisa nula de nulos resultados por melhor vontade que se lhe ponha e esforços que assim se façam Porque não é de «reformação» que se deve tratar, mas de «formação», e não é em «Belas-Artes» que se deve pensar, mas em «Artes Visuais» (e mesmo «audiovisuais»), e quanto ao «ensino», melhor será desde já integrá-lo num processo de educação que o abranja apenas como caso específico e profissional. E então se falará, a sério, em «formação de educação visual» — de que o País necessita urgentissimamente. Por isso teimosamente há muito me bato, supondo ter, neste domínio, alguma consciência cultural — e algum senso das necessidades nacionais. Por educação há então que entender mais do que o ensino, séries programadas de actividades que abranjam museus, pesquisas, inventários, preservações de valores, trabalhos interdisciplinares, etc., etc. Reparando logo que o ensino das tais «Belas-Artes» (termo do tempo dos carros puxados a cavalos e com eles desaparecido—para quem não queira andar naturalmente de carroça), não pode deter-se, ou satisfazer-se, ou contentar-se ao nível universitário. Do ensino pré-escolar, ao primário, ao secundário e ao superior ou técnico, há todo um processo sequente e consequente que não pode ser ignorado Sem grave desgraça. E no superior, ou universitário, onde, de teor profissional tem absolutamente de caber um Instituto Superior de Arquitectura e Urbanismo» (ou, melhor ainda, de «Desenho», se não se lhe quizer chamar «Design»), há que introduzir culturalmente o ensino da comunicação visual (audiovisual, insisto) — em ateliers e laboratórios específicos, com função autónoma ou integrada nos outros cursos de hamanidades ou de ciências. Como estamos longe do convento de S Francisco da Cidade—aliás muito acertadamente adaptável a novas funções pedagógicas sem necessidades de mudanças para «campus» cujo sentido, muito recente e suspeitosamente, se transformou em segregatório!

ORA é esta ligação, esta rede de continuidades e de correspondências horizontais que o «Rapport Rioux» apresentado há cinco ou seis meses, teoriza e defende — com uma consciência e uma coragem raras em documentos oficiais. A sua leitura não pode deixar de interessar quem, entre nós, a nível governamental ou de outra responsabilidade cívica, se debruce na problemática da educação em matéria de artes visuais — e não só essas, que o relatório estende-se ás auditivas também —. A sua ignorância não deve, aliás, aproveitar a quem de direito

Análise exaustiva de uma situação que ultrapassa as fronteiras nacionais, este relatório de uma comissão especificamente nomeada para o efeito marca uma nova etapa na abordagem dos problemas em questão—e em contestação. Não só ele conduz a repensar o conceito de «escola» e de «ensino», como impõe uma posição nova á arte na sociedade, considerando a educação artística não como um complemento cultural mas como uma parte integrante na formação do homem — e legislando de acordo. Exactamente: «a educação artística é uma educação de base *prioritária* a toda a especialização ao mesmo título que a matemática ou a língua materna». E sendo a arte um «facto social» implicando ela uma «experiência totalizante» (artigos 100 e 105 do Relatório), tendo ela na sociedade contemporânea um lugar cada vez mais importante que o «design» lhe assegura e impõe — o caso está em saber «como inserir valores, e significações numa cultura que ela própria, está sofrendo ou promovendo uma erosão. »

A esta pergunta dá o «Rapport Rioux» respostas concretas, através das suas recomendações seriadas respeitando funções de linguagem-símbolo (educação artística) e de técnica (formação profissional), ambas inseridas num ensino que vai do «jogo gratuito» á «pesquisa pura» e se manifesta (condição sine qua non) a todos os níveis. «Que (por exemplo: recomendação n.º 113) ao nível secundário a educação artística seja considerada como um dos campos fundamentais do ensino polivalente». Que (recomendação n.º 141) no ensino universitário *todo o estudante inscreva obrigatóriamente* no seu curriculum uma disciplina artística. Assim «a universidade se abrirá (recomendação n.º 145) ás artes como a toda outra forma de conhecimento».

A divisão em grupos no domínio da «educação» e no domínio da «formação» (aqui considerando a *comunicação* e o «*environement*», como unidades pedagógicas) são elementos fundamentais deste documento — em que precisamente se procura não perder tempo.

PORQUE perder tempo nestas coisas, com paliativos ou reformas, é o que sociológicamente se pode classificar como uma vigarice.

«Antígona» no Primeiro Acto

por Jorge Ferreira da Silva

Cena de «Antigona», no Primeiro Acto: voltar as costas ao silêncio

A MORTE LUNAR DAS POEIRAS, DAS PEDRAS.
A VIDA TERRENA DO MOVIMENTO, DO MOVIMENTO COM PALAVRAS

ERA UM GRANDE ESPAÇO com uma casa por cima. Terras de quintas, charneca de arrabalde, que se tornaram em burgo, com ruas, casas, números de polícia. Um dia, tudo mudou. Na cidade deixaram de caber os habitantes. As pessoas procuraram os limites da cidade. Um dia, venderam a casa, demoliram a casa. Demoliram as casas de ruas inteiras. Ficou a morte lunar do entulho, um grande silêncio que foi invadido por lixos, gatos lazarentos. Por pouco tempo. Vieram escavadoras. A vizinhança teve de haver-se com o desassossego arquejante das máquinas: *caterpilars*, grupos electrogéneos, bate-estacas, betoneiras. Meses e meses de tijolo e cimento. Fizeram outro prédio. Fizeram muitos prédios no arrabalde que se tornou cidade, com traseiras sombrias, com problemas de estacionamento. Ali, na rua sem história, o sonhador passou. Viu o prédio. Um prédio com uma cave. Garagem? Fábrica? Oficina? O sonhador voltou. Perguntou. Falou, falou. Porque não um teatro?

O sonhador falou. A amigos. A conhecidos. A desconhecidos. A engrenagem foi montada. Começou a correr. Papéis. Dinheiros. Um vaivém.

Primeiro faltava tudo. Havia só o espaço, a cave com a área de todo o prédio por cima. Um prédio de apartamentos, novo, sóbrio, com o orgulho do *evinel* e do mosaico miúdo, fechado sobre o quotidiano dos que lá dentro vivem. Depois, era preciso a luz, para o palco. Sem luz não há Teatro. Sem Teatro não há palavras, não há pessoas. As pessoas falam. O Teatro é um mundo com pessoas vivas.

Para uns tantos, houve que deixar de dormir, até terminar a teia diabólica da instalação eléctrica, cumprida pelo projecto que um outro mecenas de trabalho esforçadamente estudou. A instalação foi terminada, recebeu corrente. O palco foi acabado, recebeu pano de fundo, pano de boca, reguladores, bambolinas.

Só assim pôde nascer Antigona, pequena, frágil, obstinada, mas igual ao «Primeiro Acto». «Primeiro Acto, Clube de Teatro». As paredes estão ainda por pintar. Faltam guarda-ventos. As portas são ainda madeira nova, sem dis-

(Continua na 7.ª página)

Entrevista com Jorge Peixinho

Peixinho: desmistificação do ritual sacralizado

(Continuação da 1.ª página)

— *Nunca tentei outra forma de comunicação; fui para ela encaminhado inevitàvelmente, quer por continuação de educação* (consciencializou-se disso em Roma, aos 19 anos, onde estudou composição com Boris Porena e Goffredo Petrassi) *quer por um impulso interior.*

— A sua obra está ligada a algum contexto nacional?

— *Não, de maneira nenhuma. Posso mesmo dizer que todo o meu vocabulário, a minha técnica, foi aprendida lá fora. Em Portugal aprendi os rudimentos estagnados da harmonia e contraponto clássicos.*

Jorge Peixinho, «l'enfant térrible» da música nacional bebia uma groselha quando eu lhe perguntei se a música ainda era de vanguarda. Resposta afirmativa.

— Mas o que é a música de vanguarda, e porquê de vanguarda?

— *É a que nasce de um pensamento e visão do mundo de vanguarda. A PONTA MAIS AVANÇADA DUMA TRADIÇÃO. Mas não basta possuir-se uma técnica de escrita servindo-se de um vocabulário mais avançado. NELA OS VALORES ESTÉTICOS SÃO TÃO IMPORTANTES COMO OS VALORES ÉTICOS. É necessário compreender-se mental e vivencialmente as razões de ser e a profunda NECESSIDADE da vanguarda.*

Clàssicamente, a música era cozinhada em banho-maria. Hoje, pela crescente e amplificada funcionalidade das regras, a panela é parte integrante do prato, às vezes (cada vez mais) só serve uma vez, come-se também e é talvez o mais saboroso.

— *... a vanguarda é essencialmente revolucionária, em relação a todos os valores ideológicos estéticos e morais. Tende para a SUBVERSÃO DOS PSEUDO-VALORES HERDADOS de uma sociedade ultrapassada e CRISTALIZADA, de uma sociedade vegetativa e em decomposição.*

— Se a vanguarda (distância) está em relação ao público, dado que não há nenhuma quebra na evolução musical, qual o papel dele?

— *De uma maneira geral — depende de obra e de corrente — toda a música de vanguarda exige um papel mais activo por parte do* fruidor, *como recriador no momento, mais participante e activo na obra.*

Anote-se que há obras modernas em que as reacções do espectador previstas pelo compositor são parte integrante da estrutura da obra. O espectador é o alvo e o espelho, mesmo que a sua reacção seja passiva.

— A linguagem é compreendida ou compreensível por parte do público?

— (Agittato) *o público não percebe nenhuma espécie de linguagem musical nem do presente nem do passado. Não compreende o vocabulário de Boulez nem compreende o de Mozart. Se adere mais a Mozart que a Boulez, é simplesmente pelos aspectos menos significativos da música de Mozart. O público não se apercebe da riqueza estrutural que existe numa obra de Mozart, mas adere aos clichés gramaticais da época; nesse aspecto ele pode muito bem confundir Mozart com Boccherini. Agora, cá na nossa terra, está na moda o interesse pelos compositores portugueses do séc. XVIII, tais como Carlos Seixas e Sousa Carvalho, sabido como é que o seu valor é reduzido e se traduz apenas em características da época perfeitamente ultrapassadas, sem nada de permanente, de forma alguma comparáveis a um Alessandro ou Domenico Scarlatti.*

— Tem alguma intenção ao compor uma obra de a fazer «per saecula saeculorum»?

— *Não! Não me preocupa o problema do futuro e seria ridículo estar a pensar nisso. No entanto qualquer obra musical deve ter capacidade para se desvincular do seu autor, e ganhar uma vida autónoma no espaço e no tempo.*

Voltemos ao problema da vanguarda dentro da rápida evolução musical. A forma de transmissão colectiva como o concerto tradicional está a desaparecer com preferência pela «música em conserva», como gravações, Rádio, TV. Na própria estrutura musical, as intenções individuais implicaram o aparecimento da chamada «música aleatória», ou na generalidade, agrupamento de estruturas móveis, não constantes, polivalentes.

Em 1964, na Galeria Divulgação, juntamente com uma exposição de poesia experimental, J. P. em colaboração com Mário Falcão (estudando actualmente harpa em Nova Iorque) e os participantes na exposição, Ernesto Melo e Castro, Herberto Helder, Salette Tavares e António Aragão, organizou um «CONCERTO DE AUDIÇÃO PICTÓRICA» cujo fim era a improvisação colectiva controlada, o alargamento das possibilidades de comunicação SIMULTÂNEAS e a organização de uma obra multivectorial.

— *Chamámos-lhe «Concerto e Audição Pictórica» na medida em que: 1.º, a música tinha uma função relevante ou mesmo preponderante; 2.º, a organização da sessão foi baseada irònicamente nos moldes do concerto estereotipado.*

A destgnação ambígua de audição pictórica derivava do facto de os elementos visuais, cénicos e plásticos serem organizados dinâmicamente e em relações espaço-temporais.

— O senso espacial, pelo que ele tem de mensurável, fixo, generalizável, ou em *sugestões* figurativas, influenciou-o em algo?

— *Ainda não, mas é um dos domínios que me interessa pesquisar num futuro próximo.*

— Mesmo na sua obra «SOBREPOSIÇÕES»?

— *Não há nada de espacial, no sentido de uma organização compositiva do espaço nas «Sobreposições», mas apenas estruturas musicais diferentes e sobrepostas e que poderão definir várias regiões de espaço, inerentes às famílias de instrumentos a que são atribuídas.*

— Ouvi há dias (sextas-feiras, 18 horas, Lisboa 2, Emissora Nacional, «Música Portuguesa») a sua obra «POLÍPTICO 1960». Porquê 1960?

— *Porque foi escrito em 1960.*

— Sem possibilidade de transformações estruturais posteriores?

— *Imutável.*

A fotografia mais actualizada de Jorge Peixinho é a sua obra «EURÍDICE REAMADA», ou de como Orfeu todos os anos desce ao inferno, quer de Verão quer de Inverno, à procura de Eurídice, esquecendo-se sempre que lhe não pode vislumbrar o rosto antes de chegar à Terra.

«Eurídice Reamada» é uma obra coral-sinfónica premiada com uma menção honrosa e 30 mil escudos no último Concurso Gulbenkian de Composição.

Da relação do mito de Eurídice com a obra (sua):

— *O título coloquei-o sobre uma estrutura verbal que possui todo o seu peso mítico. Há, digamos, dois tipos de ligação com o mito. LIGAÇÃO INDIRECTA, implicada no título, ou a homenagem a uma herança através duma constante na história da música e simultâneamente, o adjectivo REAMADA dá-lhe uma dinâmica de projecção para o futuro. AMADA seria a vinculação ao passado e o prefixo RE dar-lhe-ia possibilidades de metamorfoses. Considero-a mesmo ligada ao mito de FÉNIX, nascendo das próprias cinzas. LIGAÇÃO DIRECTA: Orfeu, após uma descida aos infernos sobe de novo para reamar Eurídice.*

— Há algum carácter programático, ou «alguma história para contar»?

— *Não há argumento de espécie alguma. Os textos são independentes.*

— No entanto exprime de alguma forma o mito especificado de Orfeu e Eurídice?

— *Há na obra dois pontos de catalização cultural, ou seja, duas citações, uma do ORFEU de GLUCK e outra do de MONTEVERDI, para que nesses momentos a ligação ao mito de Orfeu se torne mais audível para o ouvinte.*

Os poemas utilizados são textos de Herberto Helder e Melo e Castro. Do primeiro, extractos de «POEMATO», «CANTO ROTATIVO» e do segundo de «ENTRE O SOM e O SUL» e «MUDO MUDANDO».

Do critério de selecção:

— *Baseei-me nos poemas que pela sua construção fonética e pela sua imagética não só me sugerissem imagens musicais mas que pudessem inserir-se perfeitamente no universo estético e poético que pretendia criar com esta obra. Pode acrescentar que ao contrário do que é tradicional, a maior parte dos textos foram incorporados «a posteriori».*

— Como fez essa acomodação?

— *Segundo diversas técnicas: o recitativo salmódico* (de duração elástica apenas sujeito a determinadas cadências); *usei também desde uma escrita madrigalística, com uma divisão de sílabas pelas vozes mais importantes do coro, até estruturas melódicas cantadas ou em «Sprechgesang», canto falado, introduzido por Schoenberg no «Pierrot Lunaire», cuja curvatura e ordenação dos pontos de articulação correspondessem à estrutura poética e aos seus pontos de articulação.*

— Porque utilizou textos de poetas experimentais?

— *Bem, as obras não são as mais experimentais, embora haja um esforço de pesquisa consciente.*

— Há características, nas formas de comunicação, comuns ao texto e à partitura?

— *Há, na medida em que a minha obra tem um grande potencial de ambiguidade patente na própria construção e destruição do mito. Há justamente uma parte na obra em que me aproximo dum ritual sacralizado e da sua desmistificação.*

— Em que medida ou em que domínio se podem concretizar as capacidades de metamorfose da sua obra?

— *A partir da concepção do chefe de orquestra. Pode divergir não tanto em propostas estéticas mas em clima e significado, sendo a variabilidade obtida em certos casos por velocidades arbitrárias de uma estrutura melódica fixa, criando assim um clima harmónico com a garantia de blocos sempre complexos, com um potencial enorme de ambiguidade.*

— Atribuí qualquer significado sinestésico ao intervalo melódico?

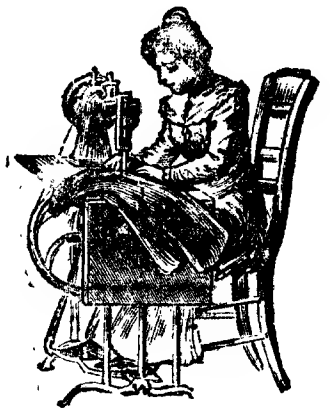
— *Não, concebo o intervalo melódico como integrado apenas numa estrutura horizontal. A organização dos intervalos em estruturas verticais, formando acordes, considero-a com uma simbologia intrìnsecamente musical com significados diferentes consoante pertencer a determinadas culturas musicais.*

Seis horas de entrevista, 1 groselha, 1 bica, 2 cervejas e quase tudo ainda por dizer.

JOSÉ ALBERTO GIL

A costureira do Alto do Pina

por Rocha de Sousa

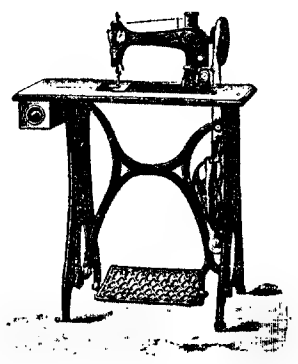


FOI COM UM MISTO DE SURPRESA e agrado que lemos, num dos últimos folhetins artísticos de José Augusto França, publicado no n.º 572 deste Suplemento, o seguinte parágrafo:

«Levei-lhe lá pintores que estimo (o francês Jean Miotte, o americano Donald Taith) dentro de uma linha semelhante à sua, e críticos que considero capazes de lerem bem a sua obra, o Galy-Carles, a Geneviève Bonnefoi, defensores de uma «pintura-pintura» que pessoalmente me interessa — como muitas outras coisas, criticamente e historicamente, me interessam, desde Altamira, umas não me estragando, é claro, o gosto de outras... Também o director da «Galerie de France» que é a principal galeria parisiense nesta rota estética (de lá sairam os grandes pintores do pós-guerra) apreciou a pintura de Vasco Costa, tomando-lhe dois ou três quadros — e por eles várias vezes se mostrou interessado, em conversas comigo».

A OPINIÃO ESTRANGEIRA

Por este parecer insuspeito, praticado pelo mais significativo representante da crítica de arte em português, devemos concluir da nossa indesmentível necessidade em nos apolarmos na opinião estrangeira qualificada, já que nos achamos reduzidos a uma notória incapacidade de descobrir e avaliar os verdadeiros espécimes da nossa cultura e produção artística mais enraizada. Uma das primeiras vantagens da informação assim conseguida, consequente da «opinião crítica parisiense»,



por exemplo, é a de nos impedir o caminho das opções falsas e de empréstimo, para não termos «a crueldade de lembrar que começar a fazer «pop» hoje em dia, em Lisboa, a sete anos de distância da avalancha do R. C. A., é ingenuidade cultural de costureira do Alto do Pina a imitar figurinos». Esta é efectivamente uma realidade que tem de ser ponderada porque o *tempo* dos autores já não se deve medir pelo *tempo* das nossas urgências, na revolução do viver actual, e pode pelo contrário medir-se no plano da sua legitimidade fora do tempo, sobretudo com a contribuição esclarecida das pessoas onde a costura não se faz por imitação e sim pelo lançamento da moda.

UM PINTOR EXEMPLAR

«Atrasado o Vasco Costa, em relação a quê?» Pois efectivamente em relação a nada, uma vez que a nossa informação se *desinquiete* crítica e historicamente, também na terapêutica necessária das aproximações de justiça. A crítica de arte em Portugal tem subido frequentes vezes ao Alto do Pina, diga-se a verdade, premiando os figurinos imitados que empalidecem, também frequentes vezes, alguns autores menos sincronizados com a costura de circunstância. Estão ainda por esclarecer, evidentemente esses casos curiosos que poderão talvez pertencer à nossa verdadeira substância cultural, não à de Paris, e que o tempo reconduzirá para uma perspectiva decidida pela nossa própria opinião, nessa altura já razoàvelmente emancipada. Convém em todo o caso acrescentar que nem sempre podemos prescindir de *olhar para fora* no momento próprio (por exemplo: sete anos depois), não para justiçarmos os modos de expressão que nos interessam num outro tempo *passado*, mas para descobrirmos as direcções possíveis do nosso destino e do destino paralelo dos outros. Foi assim que José-Augusto França se *antecipou* em relação ao caso Sousa-Cardoso, cumprindo no país o dever maior de dizer a verdade. Não a de circunstância, naturalmente, e muito menos a de um *tempo* que já não devia ser o nosso. Em relação a Vasco Costa, autor português com passaporte americano, a penitência é menor por isso mesmo, porque se trata de uma justiça que não nos cabe cumprir com tanto rigor

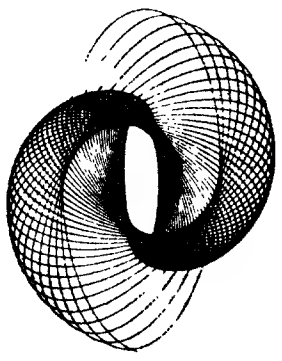
O GOSTO E AS FORMAS

Mas está bem de ver que, ao contrário do que preconiza certa crítica de vanguarda, o gosto por uma «pintura-pintura», por uma pintura «desactualizada» e não «atrasada», não nos pode impedir de entender e de justiçar outras formas de pintura. Não é verdade, como diz Augusto França, que somos simultâneamente capazes de admirar os extraordinários documentos de Altamira e os produtos da nossa civilização? Se Galy Carles defende em França e em Portugal a chamada «pintura-pintura» e se nós decidimos estar de acordo com essa doutrina, não é por tal circunstância que vamos desempregar de um momento para o outro a costureira do Alto do Pina, a única que desgraçadamente, e com muita responsabilidade de todos nós, possuímos nesta hora subdesenvolvida. O que talvez não se possa praticar é um critério de caracterização assim tão turístico em relação às fronteiras — as geográficas, as humanas, as sociológicas — admitindo o que em Vasco Costa não nos interessa e olhando por cima do ombro, aristocràticamente, para os nossos quadradinhos provincianos, no domínio de uma tão complexada «cultura nativa».

José-Augusto França presta-nos assim, mais uma vez, o serviço oportuno do seu saber, ajuda-nos a pôr um pouco de água na fervura: vamos todos dar um bocadinho mais de atenção, pluralmente e contra as vozes tendenciosas, a um vasto leque de proposições artísticas. Porque o facto de preferirmos as obras que melhor possam representar a nossa hora quer ela seja de confusão, de desespero ou de lucidez, não nos deve estragar é claro, o gosto por outras...

Bienal de S. Paulo

UM POUCO como tem acontecido nos últimos anos em alguns países a próxima Bienal de S. Paulo parece gravemente comprometida pela não participação de certas representações importantes. No nosso país,



por falta de um verdadeiro entendimento entre os organismos responsáveis pela actividade artística, não tem sido possível acertar-se a nossa representação com as reais coordenadas do panorama cultural no domínio correspondente. Tentou-se este ano uma prática diferente, na qual se responsabilizavam também, além da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, a Sociedade Nacional de Belas-Artes, a Secção Portuguesa da Associação Internacional dos Críticos de Arte e a Fundação Calouste Gulbenkian, tendo sido nomeado Fernando de Azevedo para comissário da Bienal de S. Paulo. A S. N. B. A. e a A. I. C. A., no entanto, decidiram não participar nos trabalhos de organização da nossa representação por entenderem que a elas, fundamentalmente, devia caber um parecer coordenador. Assumindo as suas funções, Fernando de Azevedo convidou para a representação portuguesa á Bienal de S. Paulo os artistas Eduardo Nery, Manuel Baptista, Paula Rego, Noronha da Costa, Artur Rosa e Nadir Afonso. Pela primeira vez, em qualquer dos casos, Portugal apresentava um conjunto de artistas que se acertava inteiramente com o tom e a dinâmica da nossa produção, tendo os autores referidos, em princípio, concordado com a escolha. A relutância manifestada pelos artistas até agora, em face da ausência de uma comissão organizadora devidamente pluralizada e representativa, traduzia-se em seu próprio prejuízo e mutilava a presença portuguesa nos mercados internacionais constituídos através das bienais.

Ao que parece, este ano também vai ser difícil constituir a representação portuguesa, pois alguns dos artistas acima mencionados decidiram desistir de participar nela, talvez por desejarem bem esclarecido o processo de escolha e a sua responsabilidade no quadro dos nossos valores, talvez paralelamente por verificarem que a contestação das bienais se estende também á de S. Paulo.

EDITORA — VENDE-SE

Editora média, bom fundo editorial, em plena actividade, toda a existência. Excelentes condições. Motivo: impossibilidade de os sócios se ocuparem da direcção. Resposta ao «Diário de Lisboa», anúncio n.º 317

Pintura tradicionalista na Casa Branca

A moderna arte abstracta deixou de ser bem acolhida na Casa Branca.

As coloridas abstracções dos americanos contemporâneos, que, durante os anos da era Johnson, se podiam ver nos corredores e gabinetes da ala ocidental, foram substituídas por paisagens, naturezas mortas e cenas patrióticas mais conservadoras.

A mudança foi introduzida pelos membros do estado maior de Nixon.

«Evite-se a arte extremamente contemporânea» — foi a palavra de ordem passada da Casa Branca para o Museu Nacional de Belas Artes.

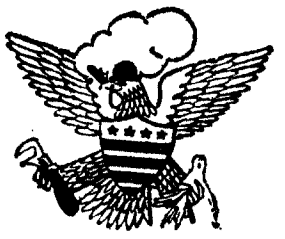
Sob a Administração Johnson, o National Colection fez das salas e locais afectos ao serviço público da Casa Branca — com exclusão das zonas residenciais — galerias de exposição, em regime rotativo, dos melhores quadros americanos que pôde reunir.

Expuseram-se obras que iam das cenas de caça aos patos do século XIX, da autoria de Courrier e Ives, até às obras mais modernas de autores contemporâneos como Robert Motherwell, Paul Jenkins e Frank Stella.

Alguns dos artistas mais jovens, cuja obra é não figurativa, representaram os Estados Unidos em exposições oficiais internacionais.

A obra desses artistas foi agora retirada da Casa Branca em obediência aos desejos do estado maior de Nixon.

«Não ordenámos à National Colection uma mudan-



ça de critérios em matéria de exposições — afirmou um porta-voz da Casa Branca, — Não demos qualquer ordem. Apenas manifestámos a nossa preferência por um tom mais tradicionalista.»

Embora essa manifestação de preferência da Casa Branca não tivesse o peso de uma ordem directa, foi obedientemente tida em conta.

A National Colection, um Museu recente e relativamente pobre, que vive do apoio governamental, não introduziu nem um só quadro não figurativo na Casa Branca desde que lhe recomendaram um «tom mais tradicionalista».

O funcionário da Casa Branca responsável pela introdução do novo critério nesta matéria é Laurence Higby, de 23 anos, diplomado pela Escola de Comércio da Califórnia.

«Não estou muito familiarizado com os termos críticos utilizados para descrever quadros — declarou —. O que lhes queria dizer era que evitassem a pintura abstracta. Preferia uns quadros mais conservadores nas paredes deste edifício histórico.»

Palavras como «realista» e «abstracto» são, no melhor dos casos, vagas. Um retrato de uma lata de sopa Campbell, de Andy Warhol, é mais «realista» que uma gravura de desenho nebuloso de Rembrandt.

Os funcionários da National Colection, responsável pela decoração da Casa Branca, escolheram um caminho fácil. Decidiram não dar entrada a quadros que não fossem uma representação reconhecível de qualquer coisa.

PAUL RICHARD

(copyright — «Diário de Lisboa» by Washington Post)

EXPOSIÇÕES

GALERIA QUADRANTE *Av. Luís Bívar*	**ANTÓNIO FERRAZ, ANTÓNIO PAIZANA, DAVID EVANS, FÁTIMA, FERNANDO CALHAU, HELENA LAPAS, JORGE NESBITT, VAZ VIEIRA, MARIA BEATRIZ, VITOR POMAR,** numa colectiva de grande significado para o conhecimento de autores novos.
GALERIA BUCHHOLZ *Rua Duque de Palmela*	**ÁLVARO LAPA,** narrativa da disponibilidade
S. E. I. T. *Palácio Foz* *Restauradores*	**BERNARDO MARQUES,** a retrospectiva necessária
GALERIA INTERIOR *Rua Camilo C. Branco*	**JOÃO ABEL MANTA, FERNANDO CONDUTO, MARIA VELEZ, CHARRUA, SÁ NOGUEIRA, ANTÓNIO SENA,** exposição colectiva permanente.
GALERIA NÚCLEO *Parede*	**TOMÁS MATEUS ***

(*) Ainda sem referência crítica.

«Eu queria que isto fi

Entrevista com José

por Vítor Silva Tavares

JOSÉ FONSECA COSTA, realizador de cinema. Nasceu na Caala (Angola), passou pela crítica e pelo cineclubismo, foi assistente de Antonioni no filme *O Eclipse*, conta cinco documentários no activo (*E era o Mar, A Metafísica dos Chocolates, Regresso à Terra do Sol, A Cidade* e *The Pearl of the Atlantic*, este em 16 mm) e mais dois na forja. Promete há muito a grande metragem — que ainda não. Por isso mesmo, eu e Manuel Machado da Luz o fomos entrevistar, semanas atrás, daí resultando uma bobina gravada. A entrevista, porém, ficou por aí: a ausência de Machado da Luz impediu o prosseguimento unânimemente decidido por necessário. Na circunstância (e agora com motivos outros e inadiáveis), voltei a ouvir Fonseca Costa. As declarações do cineasta — vivazes na revelação de algumas lamentáveis condições que rodeiam a criação do filme em Portugal — constituem como que o preâmbulo da entrevista que foi iniciada e virá a concretizar-se na hora certa. Porque Fonseca Costa, no cinema português que se quer novo, tem ainda uma palavra a dizer.

O SEU A SEU DONO

V. S. T. — *Um filme do Fonseca Costa ganhou um tal «Sol de Bronze» no I Festival Internacional do Filme Turístico, que se realizou no Estoril. Ficou todo contente, não?*

F. C. — Soube disso pelos jornais: ninguém teve a amabilidade de me enviar um convite — nem a entidade organizadora, nem a entidade que indicou o meu filme para representar o País nesse festival, nem mesmo o produtor.

V. S. T. — *Afinal, quem foi o verdadeiro premiado: o Fonseca Costa ou o produtor? É que vi o produtor numa fotografia, muito sorridente, a receber o prémio...*

F. C — O produtor, no fundo, é um indivíduo extremamente frustrado e que assume agora a autoria do filme — coisa que acho um bocado chocante. O filme é efectivamente meu, feito com a colaboração de pessoas no número das quais não incluo o produtor. Não há nada, no filme, que seja dele — a não ser a propriedade das cópias síncronas e dos negativos. Ora isso é pouco para ele ficar impante de orgulho por o filme ter tido um prémio — até ao ponto de o ir receber, julgo que em meu nome. Aliás, a melhor prova de que ele pretende assumir a autoria do filme é a de que nem sequer me avisou do prémio. Isto parece-me muito revelador do desprezo que existe no nosso País pelos autores de filmes. Somos inteiramente desprezados.

Enfim, já estamos habituados a estas coisas e eu suponho até que não haverá nada a fazer. Contra o analfabetismo de alguns produtores não há, de certeza, nada a fazer. O Francisco de Castro, para quem já tinha trabalhado, é efectivamente uma pessoa frustrada. Como é incapaz de fazer os filmes, depois de feitos pensa que foi ele quem os fez. Não passa, portanto, de um pobre-diabo. Eu queria que isto ficasse no jornal...

V. S. T. — *Esteja descansado...*

O TÍTULO & O TÍTULO

F. C. — Bom. Mas há outra coisa chocante relativamente ao filme. (Devo dizer-lhe que me estou um bocado nas tintas para os festivais e para os prémios: ainda por cima, aquele festival não tem qualquer relevância, nada pode interessar). Acontece que o filme *A Cidade*, na altura em que saiu, não teve nenhum acolhimento por parte da crítica — favorável ou desfavorável.

V. S. T. — *Ostracismo particularmente votado contra si?*

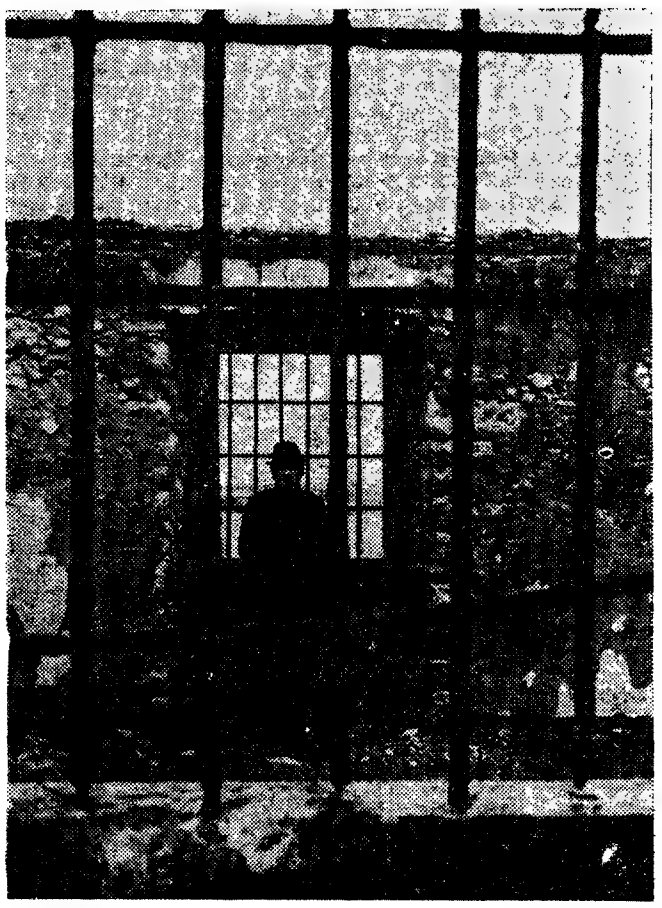
F. C. — Talvez.

V. S. T. — *Porquê?*

F. C. — Talvez pelo isolamento em que eu trabalho. Mas há uma razão mais funda Existe da parte da crítica um relativo desprezo em relação ao documentário. Este não é considerado como filme. Sintomática é, de resto, a nota que o Lauro António escreveu, já depois do festival, no «Diário de Lisboa». Havia uma referência relativamente grande ao meu filme — tinha pelo menos cinco linhas; mas essa referência denotava um certo menosprezo pelo documentário — eu próprio era apodado de documentarista. Não sei se sou ou não sou. Mas sou, com certeza absoluta, uma pessoa que faz filmes. Repare que não fico nada ofendido pelo facto de ele me chamar documentarista. E não fico, porque penso que todo o grande cinema é feito por indivíduos que à partida começam por ser documentaristas — vidé Eisenstein, o teórico. Embora pense que na realidade o meu cinema é bem pequeno, esta é a minha óptica. Agora o que me parece é que a óptica dele é outra. Além disso, ele referia-se sistemàticamente ao filme chamando-lhe «Évora» — coisa que de resto acontecia com a própria comissão organizadora, com a entidade que mandou o filme ao festival e com o produtor.

V. S. T. — *Como se chama realmente o filme?*

F. C. — *A Cidade* — é o que está no genérico. Estranho portanto que um crítico que se pretende culturalmente apoiado, como é o caso do Lauro António, lhe adultere o título. Parece-me que assim ele entra bastante no jogo quer do produtor quer das entidades que organizaram o festival turístico.



Fonseca Costa (entre grades): «Somos inteiramente desprezados»

«Contra o analfabetismo de alguns produtores não há nada a fazer»

V. S. T. — *Adulterar o título corresponde, nesse caso, a adulterar igualmente a ideia do filme?*

F. C. — Absolutamente. Se um crítico lhe chama «Évora» é porque não percebeu nada do que eu estava a dizer O filme chama-se *A Cidade*, é sobre *a cidade* que eu falo. A cidade, neste caso, é uma ideia abstracta que corresponde a coisas concretas. O filme tem menos a ver com Évora do que com a ideia de cidade, em 69, em Portugal.

V. S. T. — *Teve dificuldades em expôr essa ideia?*

F. C. — A pergunta até vai servir para eu explicar melhor o que disse relativamente ao produtor.

O produtor foi a Évora e, como tem boas relações, veio de lá com uma encomenda para um documentário. Entendeu que seria eu a pessoa indicada para o fazer e dirigiu-se a mim. Discutimos as condições — que são sempre as mesmas: só aceito fazer um filme se tiver toda a liberdade, doutra maneira não estou interessado. O produtor aceitou e eu arranquei. Cheguei a Évora, expus aos comanditários a minha ideia e eles aceitaram-na. A partir daqui, curiosamente, passei a ter as primeiras dificuldades com o produtor, que achava que talvez fosse melhor eu seguir outro caminho...

V. S. T. — *Dificuldades de que natureza?*

F. C. — Ele pensava que a minha visão do filme seria pouco lisonjeira em relação a Évora. Por outras palavras: queria que eu fizesse uma colecção de bilhetes-postais. Coisas de produtor. Lembrei-lhe, na altura, as minhas condições, de resposta muito simples: ou sim ou não. Disse-me que sim. A partir de então, não voltou a aparecer. E eu fiz o filme absolutamente à minha vontade. Filmei o que me apeteceu, como me apeteceu, no tempo que me apeteceu. Mas tenho uma pequena história a contar...

V. S. T. — *Venha ela...*

«DESGRAÇADO...»

F. C. — Há um texto do Torga sem o qual o filme não teria sido possível No final deste texto existe uma expressão — de resto puramente poética — que impressionou bastante as pessoas que encomendaram a fita. A expressão é esta: «que faz de mim o homem desgraçado que sabemos». A palavra *desgraçado* não podia ficar no filme. «Que horror, *desgraçado*, não pode ser, a coisa pode ser levada para outro lado, é muito mau, você vai cortá-la». Fiquei muito espantado a olhar para o senhor que me pedia isto. Note bem: as coisas cortam-se assim sem mais nem menos, sem contar que há um autor por detrás — um autor que neste caso até tinha sido candidato ao prémio Nobel. Fiz ver tudo isto a esse senhor, que admitiu, depois, ter cometido uma «gaffe». Simplesmente, insistiu dizendo: «Tenha paciência, a palavra *desgraçado* não pode ficar». E eu respondi: «Então talvez não valha a pena continuar o filme. Eu só posso cortar a palavra *desgraçado* se a tanto o Miguel Torga me autorizar. Se ele disser que não, tenho que prescindir do texto e sem o texto não há filme».

Escrevi então ao Torga, expliquei-lhe as coisas desde o princípio: o filme tinha-me ocorrido por causa do texto dele, no fundo eu estava a fazê-lo porque esse texto existe; contudo, parecia-me que a palavra *desgraçado* não faria muita falta, poderia até ser uma redundância, embora me chocasse cortá-la devido à exigência do comanditário e por razões que não eram as minhas. O Torga respondeu-me numa carta de quatro linhas, muito seca, muito concisa, muito irónica, autorizando-me a cortar a palavra. Dizia, em resumo: «A palavra *desgraçado* não a podem eles cortar do texto que está publicado. Se para fazer o filme você pode passar sem ela, pois faça-o». Tudo isto me parece bastante significativo: na realidade, existe um desprezo absoluto pelas pessoas que criam qualquer coisa. Mas há mais: quando escrevi ao Torga, dizia-lhe que depois do filme pronto eu lho iria mostrar — o que é perfeitamente normal. O produtor comprometeu-se a ceder-me uma cópia para o efeito, mas terminado o filme mudou inteiramente de atitude. A cópia sincrona só ma deixou ver uma vez, e foi a cópia zero. Todas as outras foram feitas sem o meu controlo, com a cor totalmente adulterada e erros de laboratório absolutamente incríveis. O produtor aceitou-as e, além disso, mandou-as para exibição. Fui eu pessoalmente ao «Império» exigir do exibidor (que aliás me atendeu prontamente) que fosse retirada de exibição uma cópia que tinha «flashes» no meio. Para que se veja até que ponto um produtor não percebe nada do seu *métier*, basta dizer isto: há um produtor que se está perfeitamente nas tintas para as cópias dos filmes que ele próprio produz! Além de não me ter entregue a cópia que eu fiquei de mostrar ao Miguel Torga...

V. S. T. — *Quer dizer: o Torga não chegou a ver o filme...*

F. C. — Se o viu, tê-lo-á visto por acaso, em Coimbra. Estou em falta com o Torga sem que tenha a menor culpa. O caso deve-

F. C. dirigindo «Rota de Colombo». Colaboradores (na imagem) J. Franco e Moedas Miguel

ficasse escrito»

José Fonseca Costa

-se à falta de (como hei-de dizer?...) *educação* do produtor.

O FUNDO DA PISCINA

V. S T. — *Mas se você conseguiu fazer o filme à sua vontade, do mal o menos...*

F. C — Bom. Todos os contactos com as entidades que pagavam o filme foram assegurados por mim. Devo dizer que levei um ano e meio a teimar com eles, a teimar pela minha ideia.

É um ano e meio de vida duma pessoa a bater-se por aquilo em que acredita. Finalmente, consegui convencê-los. A cópia síncrona estava pronta a sair quando aparece outra vez o produtor. Acontece que havia em Évora uma piscina feita não sei por quem, um verdadeiro mamarracho. O produtor contudo, gostava muito dela, além de outra pessoa, ligada aos comanditários, e que também via muito interesse em que ela aparecesse não se percebe muito bem porquê. Já depois da cópia estar pronta para sair em síncrono, o

Um ano e meio a lutar por aquilo em que se acredita...

produtor faz uma manobra subterrânea e força-me, à última hora a meter aquele trambolho. Vi-me coagido a isso. Foi, digamos, a única transigência que fiz. Tudo no filme é meu excepto esse plano. De resto, várias pessoas me disseram que se nota perfeitamente que aquilo foi ali posto de qualquer maneira — e na realidade assim foi. Porem, depois de projectada a cópia, a situação virou-se toda ao contrário: as pessoas contra quem eu tinha lutado gostaram do filme e adoptaram-no. Aí, o filme deixou de ser meu e passou a ser delas. E até me disseram: «que pena, você tinha razão, a piscina de facto não faz falta nenhuma está a mais» — no que eram apoiadas também já pelo produtor. Veja-se a que ponto um produtor pode ser nocivo. Quando é inútil (como é o caso deste) limita-se a conseguir um negócio e a ganhar dinheiro com ele. No fim, se o filme resulta bom, faz-se passar por *autor*...

V S. T. — *E se resulta mau, cabe ao realizador a responsabilidade...*

F. C. — Exacto. O produtor mandou para os jornais fotografias em que está a receber o prémio, fotografias cujas legendas dizem mais ou menos o seguinte: «Entrega do prémio *Sol de Bronze* ao filme *A cidade..., Évora*, de Francisco de Castro.» Ele não tem vergonha de dizer que aquele filme é *de* Francisco de Castro! Acho que isto é a usurpação mais completa dos direitos de autor de um filme!...

ROTA PARA O TESTEMUNHO

V. S. T. — *Mudando de assunto: em que é que está a trabalhar neste momento?*

F. C. — Noutra encomenda: *Rota de Colombo*, para a TAP. No decorrer deste filme tive oportunidade de ficar a saber uma quantidade de coisas não só acerca de Colombo mas também dos navegadores portugueses — além de me ter permitido viajar de uma maneira útil. Para mim, viajar de uma maneira útil é viajar com uma máquina de filmar. Como se sabe, nós aqui não temos condições para o fazer sem que haja uma encomenda. Como havia a encomenda, recolhi não só imagens para o filme de Colombo mas outras que me vão servir para uma curta metragem sobre uma tradição que permanece nalgumas ilhas dos Açores e que corresponde ao sentimento profundamente religioso daquela gente. Com esse filme — que será talvez o mais interessante de todos os que fiz até hoje — tentarei, em certa medida, não desmistificar mas simplesmente mostrar. Um filme-testemunho.

A entrega do prémio...

Das mãos de um membro do júri (Nuno Rocha), Francisco de Castro recebe o «Sol de Bronze»

«O QUE A GENTE FAZ, FICA»

V. S. T. — *Você tem uma personalidade irritante. Será isso que está na base da má vontade da crítica (e até de alguns colegas seus) em relação a si?*

F. C. — Julgo que a grande razão se deve às circunstâncias em que vivemos todos. A nossa terra é uma terra de gente zangada, andamos sempre zangados uns com os outros. E às vezes a culpa não é nossa. No meu caso pessoal, sucede que tenho uma certa aversão a várias coisas que, em princípio, têm muita importância para os meus colegas. Eu não vivo em grupos, não dou contas a ninguém daquilo que faço, não me interesso por manifestações mundanas como festivais, telefonemas para os críticos, etc. Enfim, interesso-me, de facto e só, pelo meu trabalho. Mas viver isolado não é uma escolha que se faça, é consequência de um temperamento que se tem — o que pode ser visto pelas outras pessoas como uma espécie de atitude *snob* em relação a elas... Não é o meu caso.

V. S. T. — *Mesmo nos filmes que faz, acusam-no justamente de um certo snobismo, de um brilhantismo formal a roçar a vacuidade, mero jogo de imagens...*

F. C. — Não me espanto nada. Depende dos filmes.

V. S. T. — *Por exemplo, «A Metafísica dos Chocolates»...*

F. C. — Efectivamente, trata-se de um filme com um certo brilhantismo formal. Propositado. Por detrás dele, todavia, existe qualquer coisa mais — parece-me. Se as pessoas se ficam apenas pelo brilhantismo formal, a culpa naturalmente não é delas. Trata-se de uma incapacidade de expressão minha. As coisas que eu quis dizer são pouco claras... De qualquer modo, verifico que existe em relação a mim essa hostilidade toda, já a tenho verificado várias vezes. Enfim, é o ostracismo da crítica, são os jornais que têm má vontade contra os meus filmes... Mas, no fundo, o problema é mais deles do que meu — a minha atitude continua a ser exactamente a mesma. O que me interessa é

(Continua na 7.ª página)

PRONTUÁRIO DAS LETRAS

«Líricas Portuguesas» (4.ª série)

Onze anos depois da publicação, pela Portugália Editora, da 3.ª série das suas **«Líricas Portuguesas»**, com selecção, prefácio e notas de Jorge de Sena, está a ser ultimada a 4.ª série entregue ao critério e aos cuidados de António Ramos Rosa. As últimas provas foram já remetidas aos poetas antologiados.

Recordamos, a propósito, que os autores mais jovens incluídos na 3.ª série estão hoje com pelo menos 40 anos de idade. É o caso de Fernando Echevarria (40), Alberto de Lacerda (40), Fernando Guedes (41), José Terra (41) e Jorge de Amorim (41). Teria também 41 anos o malogrado António Maria Lisboa, que morreu na cidade sua homónima a 11 de Novembro de 1953 (no Hospital de S. Luís dos Franceses, onde também faleceu Fernando Pessoa).

Wole Soyinka

O melhor dramaturgo moderno da África anglófona, como lhe chamou Lilyan Kesteloot, está preso. Para Wole Soyinka, nigeriano de raça yorubá, chegou a hora do cativeiro por ordem dos militares de Lagos, que consideram demasiado perigoso este estrangeirado (licenciado em Letras pela Universidade de Londres). Um documento pedindo ao chefe do Estado, Gowon, que reconsidere a situação do escritor foi agora assinado por vários intelectuais portugueses.

Outra vez Semprun

Deve estar na memória de muita gente o nome de Jorge Semprun, autor desse extraordinário romance (traduzido para português em edição de Arcádia) que se chama **«A longa viagem»**. Pois Semprun regressou aos escaparates. É de novo um romance e tem por título **«La deuxième mort de Ramón Mercader»**. Uma editorial de Lisboa manifestou já o seu interesse em adquirir os direitos da obra.

A fronteira

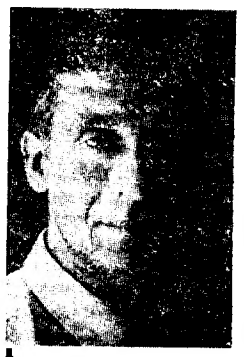
Apesar de algumas referências elogiosas que pudémos ler, os três ficcionistas por-Vergílio Ferreira, Álvaro Guerra e Almeida Faria) não figuram na lista dos melhores autores estrangeiros da **saison** proposta pelo suplemento literário do **«Le Monde»**. Descobrimos aí, sob a rubrica «Romances Estrangeiros», obras como **«Cien años de solitud»**, do colombiano Gabriel García Márquez, ou **«Grande Sertão; Veredas»**, de João Guimarães Rosa. Outros autores seleccionados: Le Roi Jones, o cubano Reinaldo Arenas,

William Styron, Izaak Bashevis Singer, Aleksander Soljenitsyne, Henry Miller, Vladimir Nabokov e um segundo cubano, Herberto Padilla.

O regresso de Aleixo

Vimos na Bertrand do Chiado a 2.ª edição (Faro, 1968) do **«Auto da vida e da morte»**, de António Aleixo, que passara injustamente despercebida quando no ano passado o dr. Joaquim Magalhães promoveu a sua publicação com o objectivo de acudir ás necessidades (muitas) da viuva e da filha do poeta-cauteleiro. Agora o **«Auto»** vende-se, até, razoàvelmente e há quem pergunte por outras coisas de Aleixo (**«Quando começo a cantar»** e **«Intencionais»**). Será da televisão?

LIVRARIA BERTRAND



EXÍLIO PERTURBADO

POR

URBANO TAVARES RODRIGUES

2.ª EDIÇÃO

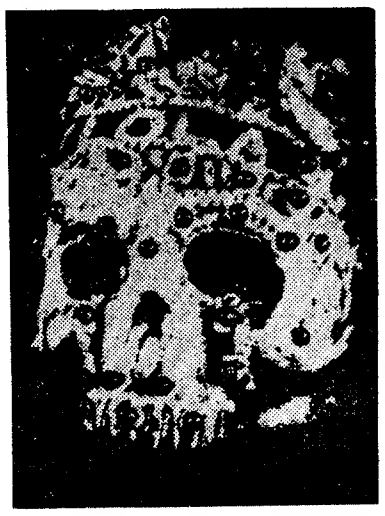
do romance de um exílio:

educação sentimental, educação literária

com um prefácio de José Palla e Carmo

COLECÇÃO AUTORES PORTUGUESES

292 páginas: 45$00



VIDA, MORTE E CÉSAR VALLEJO

por Felipe Obarrio

NO SEU LIVRO *César Vallejo, Itinerário del Hombre,* Juan Espejo Asturrizaga conta uma visão que teve César Vallejo, quando escondido na casa de Antenor Orego, alguns dias depois dos acontecimentos de Agosto de 1920 em Santiago de Chuco, Peru e que resultou numa estadia de 112 dias na prisão da cidade de Trujillo. Vallejo sonhou — mais tarde afirmou que estava acordado — que estava em Paris, morto. Gente estranha à sua volta; sua mãe, sorrindo, estendia-lhe as mãos e outra mulher, escura e desconhecida, olhava para ele. Esta visão premunitora é o símbolo da sua vida; morto embora acordado, um ser vivo obcecado pela ideia da morte. Quando finalmente descobriu a vida, já tinha morrido em Paris *com chuva forte*, tempestuosa.

Desde o seu primeiro livro de poesia a morte desempenhou o papel principal que continuaria a ter no resto da sua obra. *Los Heraldos Negros* (título do seu primeiro livro) perseguem-no inexoràvelmente desde a primeira página, e o poeta, cujo patético e profundo «Eu não sei!» revelava, ao princípio, o enigma da sua existência, confessaria mais tarde que os amava:

Eu amo a vida enormemente
mas, no fim de contas,
Com a minha querida morte e o meu [café.

Porquê este amor? Porquê esta obsessão? Porque Vallejo sentia que a vida era de certo modo voraz e nunca conseguiu compreendê-la. A sua corrente vital era tão forte que a possibilidade de perdê-la constituía para ele uma obsessão, e sofria perante a impossibilidade de exprimi-la. Vallejo, como ele próprio com sabedoria escreveu, não morreu da morte ou do tempo, antes morreu da vida.

O tema da morte inspirou inúmeros poemas, é certo, e não pode haver um único poeta que em dada altura não o tenha afirmado em palavras e sofrimento, mas em Vallejo o tema atinge um tom singular. Rilke, por exemplo, igualmente obsecado pelo tema, via a vida como uma preparação para receber a morte, e, nesta medida, também ele era um homem morto. Contudo, para ele, a vida existia, ainda estava vivo. Para o poeta peruano, em contrapartida, a vida não existia salvo se tivesse estado morta para sempre. A morte não se encontrava no fim da estrada da vida, antes teria sobrepujado a vida, tendo-a morto. *Todos estão mortos,* escreveu ele em *Poemas Humanos*. E assim foi para ele, que tinha o olhar fixo no túmulo aberto de amanhã.

César Vallejo, cujos nervos tinham uma sensibilidade rara nos seres humanos, foi muito cedo tocado pela morte e de uma maneira fatal e implacável. A primeira morte que o afectou profundamente foi a de Maria Rosa Sandóval, seu primeiro amor, com quem manteve uma amizade profunda e pura. Morta aos 24 anos, só e tuberculosa, nas montanhas onde buscara recuperar a saúde, Maria Rosa abriu a primeira grande ferida de tristeza no espírito cândido, sensitivo e genial. Informado da sua morte por um amigo, o poeta recebeu um de *esos golpes tan fuertes como del odio de Dios* e, conforme com a missão kierkegaardiana do poeta, transformou a sua ferida num poema; *Dios mío!; Estoy Yorando, porque vivo!; / Me pesa haber tomádote tu pan; / Pero este pobre barro pensativo / no es contra fermentada en tu costado: / Tu no tienes Marías que se van!*

Depois disto morreram alguns dos seus irmãos e irmãs, a sua mãe índia, seu pai, os filhos abortados que não podia ter, o milhão que morreu na Guerra Civil espanhola, o trolha que *cai do telhado, morre, e não mais come o almoço.*

A sua atitude em relação à morte é variável. Ele ama-a, odeia-a, pede que a matem — *voluntarios / por la vida, por los buenos. Matad a la muerte!* — confia nela examina-a, é magoado por ela.

II

O estreito laço entre Vallejo e a morte tem diversas origens. Primeira: a sua educação religiosa. Ele era uma daquelas almas sinceras e ilimitadas. Quando lhe falavam de Deus, da eternidade, de Cristo crucificado ele assimilava o ensinamento, guardava-o bem fundo, e ficou misticamente enamorado do céu. Sabe-se que quando criança, Vallejo leu muitos livros religiosos na biblioteca que pertencera aos seus avós, e esta leitura dever-se-á ter gravado na sua alma com o ardor e intensidade com que tudo ali se gravava. Como adolescente, a morte já era o seu amor, que por mais distante estava bem próximo no seu espírito, a vida eterna era a verdadeira vida que se abria com a chave da morte, e o reino deste mundo não era o seu reino. Mais tarde, o tempo destruiu a sua candura, os instintos vitais acordaram o seu desejo e o sexo começou a pulsar carnalmente. E em Vallejo tudo era irreprimível.

Quando começou a aperceber-se da vida, do sol, não pode haver dúvida de que ficou maravilhado como poucos. O sangue deve ter dançado nas suas velas mestiças, a torrente vital brotado dentro dele, fazendo-o sofrer ardentemente.

Era vida de mais, sensação humana de mais para um só homem. Nem mesmo César Vallejo podia resistir-lhe.

Sentir assim tão intensamente o sol, implica também sentir as sombras negras, o buraco escuro onde o sol não penetra. Sentir amor assim tão intensamente, também implica sentir ódio, a inexplicável ausência de amor, onde há violência e crime. Sentir tudo assim tão intensamente, faz sentir o nada. De igual modo sentir a vida assim com tanta intensidade, conduz invariàvelmente a sentir a presença sombria e tortuosa da morte. O poeta sente-se, pois cercado pelo terrível fantasma da dualidade. Tudo é duplo, tudo tem o seu contrário, tudo tem o espelho que o inverte. Os pares acasalados giram à sua volta e envolvem-no em dúvida. É dividido em dois e de novo não pode viver. Entre as duas metades ele procura desesperadamente agarrar uma para salvar-se. Ora escolhe a positiva, ora a negativa, mas escolher alternadamente as duas é não escolher nenhuma.

E não escolher nenhuma é, todavia, ter escolhido a morte (aquele que não é por mim, é contra mim).

No seu vocabulário, as palavras «morte», «estou a morrer», «caixão», «funeral», aparecem muitas vezes. Em *Los Heraldos Negros* vemos: *la muerte ha estado alegre y ha cantado en su hueso; amada, moriremos los dos juntos, la tumba es todavia / un sexo de mujer que atrae al hombre.*

Em *Trilce* seu livro intermédio: *aunque la Muerte concibe y pare / de Dios mismo; aceite funéreo, el café; no temamos, la Muerte es asi.*

Em *Human Poems* as referências são contínuas. Vallejo sabe que se aproxima do encontro: *Confiança no cadáver, não no homem. Mas quando eu morrer da / vida, e não do tempo; com a minha querida morte e o meu café; Nunca, senhor ministro da saúde, foi a saúde / mais mortal, a morte das coisas resumidas por força dos últimos direitos; com que pé morrer? E erguer-se através da sua morte hora a hora; que não há ninguém no meu túmulo; Morte? Confronta-a com toda a tua roupa! / Vida? Confronta-a com parte da tua morte!; escovando a minha roupa ao som de um cadáver / ou sentando-me embriagado no meu caixão; Enfrentar a morte no tronco vivo; Não é agradável morrer, senhor...; Deixa-me em paz! A vida atingiu-me hoje exactamente na minha morte!*

O livro *España, Aparta de Mi Este Cáliz* é todo ele um cântico à morte. A somar às referências directas, Vallejo refere-se frequentemente ao cemitério, rosas negras, à chuva que afasta o desejo de viver, e assim por diante.

No seu «Sermão sobre a Morte», escrito uns quatro meses antes de morrer, Vallejo expressa de novo a dúvida que o amargura:

É para isto que morremos assim tanto?
Só para morrer
temos de morrer em cada instante?

Ele continua a não poder vencer a sua obsessão. Nunca soube que em cada instante tinha de viver e não morrer. Não sabia que a única coisa que existe é a vida. Que a morte existirá, mas que o que existirá também não existe. Que nunca deveria pensar na morte, que a vida é um instante em cada instante, um contínuo hoje, e que a morte surge tão repentinamente que nem mesmo este hoje se aperceberia que tinha morrido. E ele não sabia que esta é a única maneira de morrer.

Mais tarde na Rua Delambre com Vallejo bebendo *calvados*
e cerveja nos copos imensos da Rua Alegria,
porque nesse tempo o meu irmão tinha alegria no copo
e erguíamos juntos a felicidade dum minuto que ardia no ar
e que na morte dele se apagaria deixando-me cego.

PABLO NERUDA

(In «Antologia Breve», n.º 2 dos Cadernos de Poesia de Publicações Dom Quixote. Tradução de Fernando Assis Pacheco).

A vida não lhe perdoou o contínuo desrespeito e zangou-se com ele. Como alguém que, em vez de a viver, troça dela, anunciando a sua própria morte, a chuva que então cairá, a enfermidade no osso. O grande pecado de Vallejo foi o de contemporizar com a morte, pensar em algo que não existe como se existisse. A morte de outros existia; mas *existia* já não existe. Pensar assim é fazê-la existir e, portanto, matar-se.

No seu «Sermão sobre a Morte» é evidente o que anteriormente afirmei: Vallejo, apercebendo-se que o fim chegaria, já não pode viver e lamenta-se:

Está na ordem findar
amanhã em fototipo da exibição fá- [lica...

Como última possibilidade de sobreviver rebeldemente, procura enaltecer a sua condição, diz à morte que se ela é feita para conquistar, ela conquistará graças a ele, porque ele existe e sente-se honrado por viver:

Honrar-me-ei enquanto viver — devo [dizê-lo;
porque, no centro, eu existo, e para a [direita
igualmente, e, para a esquerda, [também.

Vallejo é humano, tremendamente humano; não quer morrer, quer viver eternamente, porque ainda não conhece O Segredo, ainda não possui O Caminho, A Verdade e A Vida.

Diz-se que em 1917, numa noite de vinho e de esquecimento pegou num revólver e disparou. Dizem que soube então que a arma só tinha uma bala no tambor e que estava no orifício errado para o matar. Suponho que mesmo que todas as balas ali estivessem, nenhuma o teria morto. A morte não tinha qualquer motivo para se preocupar com alguém que já está morto. Vallejo morrera no dia em que, após uma dor insuportável, descobriu a vida e cantou o seu nascimento.

Vallejo: amar a vida, a morte e o café...

A sua mulher, a morte, não lhe perdoou esta infidelidade, tal como a sua amada, a vida, não lhe perdoou o *não*, sua negativa.

Mas Vallejo era acima de tudo um ser autêntico. Se esteve morto tanto tempo sem conseguir descobrir a vida foi porque não quis enganar-se, não quis gritar palavras para criar uma ilusão de falsa eternidade. W. H. Auden disse: «Devemos amar-nos ou morrer»; Vallejo sabia que, mesmo quando amava e era amado, a morte viria de qualquer maneira. Pablo Neruda poderia dizer: *«Oh sol rosa rubia, siempre hirviendo de fuego siempre consumiéndo-te»; Vallejo sabia que no túmulo o sol não* seria para ele mais do que uma ausência, um disco mudo, negro. Paul Eluard diria: «Finalmente emergi do meu sonho, eu vivo»; Vallejo sabia que isto era um intento, uma mera esperança, mas que ninguém diria como sairia do seu sonho, quando se viu em Paris, morto à chuva, como *uma pedra negra sobre uma pedra branca.*

Para Vallejo a morte era tal como a morte de Sánchez Mejías para García Lorca *(Porque te has muerto para siempre / como todos los muertos de la tierra / como todos los muertos que se olvidan...)*; era talvez a mesma morte de Unamuno, só que mais vivida e menos meditada.

E no fim Vallejo escreveu:

Senhores! Hoje é o primeiro dia em que me apercebo da presença da vida! Senhores! Peço-vos que me deixem só por um momento para que eu possa saborear esta maravilhosa, espontânea emoção de nova-vida, que hoje pela primeira vez me arrebata e me torna tão feliz que eu choro.

Foi o instante em que finalmente compreendeu O Segredo. A Vida atingiu-o hoje exactamente na sua morte.

Nunca, até agora, a vida foi... Como vivi pouco! O meu nascimento é tão recente que não há nenhuma unidade de medida para dizer a minha idade. Ora, acabo de nascer! Ora, ainda não vivi!... Nunca, até agora, uma criança se aproximou de mim e me olhou tão profundamente com a sua boca.

Vallejo está agora serenamente vivo, inteligentemente vivo. A morte pode vir agora, arrebatar-lhe a chuva parisiense, beijá-lo com o seu beijo inefável, metafísico. Ele sorriu-lhe com a sua boca peruana. Já não tinha importância.

Felipe Obarrio é um poeta e escritor argentino.

FAMO LOUSADA
MOBILIÁRIO DE ESCRITÓRIO

CARDOSO & RIBEIRO, LDA.
SALÃO DE EXPOSIÇÃO E VENDA
PRAÇA RAINHA SANTA, 1-B
TELEFONE 794532 LISBOA-5

«Antígona» no Primeiro Acto

(Continuação da 2.ª página)

farces. O chão é duma betonilha agreste que grita debaixo dos pés. Mas o palco chama. E' um palco longo, aliciante, com sortilégio de todos os palcos. Onde pode acender-se um texto. Onde uma forma de arte, que só existe com a vida humana, pode atear-se. Um palco com luzes: o verde das manhãs, o cinzento da penumbra da tristeza do final do dia, os gritos vivos da tragédia, o amarelo seco do que restou depois de todos haverem partido.

Antígona pôde ali, num bocado dum espaço duma cave com um prédio por cima, dizer não a Creonte.

Creonte vê os seus negócios e as suas intenções cortadas por uma mulher ainda quase criança e percebe quanto vale para os poderosos ficar completamente só, apenas num universo habitado por cadáveres, onde impor uma vontade férrea que para nada já serve.

A obra de arte viva poderá existir em «Primeiro Acto». Os dados estão lançados. O labor que congrega tantos elementos diversos mas não aparece sem os seres humanos, vai conseguir ser um apelo mais forte para as actividades que numa agremiação cultural, onde as burocracias serão mínimas, e que precisa de não parar.

Em toda a parte estão a perceber-se movimentos culturais que são consequência instintiva de que é preciso traduzir as grandes preocupações de hoje, de que tudo caminha, nada pára.

Com as suas tentativas de Teatro infantil, a sua galeria de pintura, os seus ciclos de divulgação de conhecimentos sobre Teatro, a sua actividade de iniciação musical, de fotografia e de cinema, em que muitos pensam sèriamente, «Primeiro Acto» Clube de Teatro», como outras agremiações, poderá constituir uma semente de que pode frutificar um novo Teatro Português, que seja um meio de divulgação da nossa Cultura, do nosso Pensamento, das formas de expressão plástica com raízes bem nacionais. É possível que nem sempre «Primeiro Acto» acerte, que cometa os seus erros. A lucidez, a discussão, porém, hão-de sempre possibilitar uma procura do que não esteve certo, do que não significou uma medida exacta da nossa maneira de ser. «Primeiro Acto» será sempre uma voz portuguesa, que não deixará perder a oportunidade para clamar que somos racionais, que somos civilizados, ou que poderemos ser racionais, apesar de todas as crises.

O Teatro é uma forma de vida. «Primeiro Acto» escolherá essa forma de vida e volta as costas ao silêncio, a forma de morte escolhida por Creonte.

J. F. S.

Entrevista com Fonseca Costa

(Continuação da 5.ª página)

aquilo que eles fazem. O que dizem, o que se diz, passa. O que a gente faz, fica — e é sobre isso que todos nós vamos ser julgados.

V. S. T. — *Você vai ter a oportunidade de fazer a grande metragem?*

F. C. — Durante muito tempo eu só fazia filmes de publicidade — e fazia-os numa altura em que

F. C.: nem bolsas nem subsídios

nenhum dos meus colegas os fazia. Era muito mal visto por isso, chamavam-me muitos nomes, «que horror, é o abandalhamento completo», etc. Mas eu queria fazer cinema. Ao contrário da maior parte deles, nunca tive bolsas de estudo — sempre mas recusaram. Também nunca tive subsídios — sempre mos recusaram. Se queria fazer cinema só me restava uma possibilidade — era *mesmo* lançar mão dos filmes de publicidade. Eu gosto do cinema, gosto *fisicamente* do cinema, gosto da matéria. No dia em que for privado disso, talvez já não consiga mais respirar. E então comecei a fazê-lo. Que é que acontece? Passaram-se uns anos, doze exactamente, e todos os meus colegas fazem filmes de publicidade. Bom, como eu fazia filmes de publicidade por não ter oportunidade de fazer outros e eles andavam a fazer outros porque a tiveram, começaram a dizer de mim: «ele não faz outros filmes porque não é capaz». Ignoravam que eu não fazia outros filmes porque de facto não tinha oportunidade — ou porque as oportunidades que me iam oferecendo não me convinham. Dos compromissos de cada um, cada um responderá. Eu respondo pelos meus. Tudo aquilo que fiz até hoje e que tem o meu nome é de minha inteira responsabilidade. Trata-se pois de coisas feitas sem desculpa, sem remissão. Até que um dia pude fazer um documentário, dentro das condições que imponho sempre. Nessa altura, emendaram a mão. E começaram a dizer: «ele faz filmes de publicidade e documentários, mas não sabe fazer mais nada». Deve ser por isso que o Lauro António me chama documentarista. Ele, que é muito influenciável, também deve estar convencido de que eu não sou capaz de fazer mais nada — o que me dá uma prodigiosa vontade de rir.

V. S. T. — *E também lhe dá uma prodigiosa vontade de fazer mais alguma coisa?*

F. C. — Não. Essa vontade nunca deixei de a ter — e não para provar o que quer que seja. Neste momento talvez tenha condições para isso — mais do que ninguém. E sem estar comprometido. O facto de eu ser um indivíduo com um feitio esquisito — quezilento, como eles dizem —, o facto de impor inteira liberdade para trabalhar e o facto de teimar nas coisas a ponto de as fazer mesmo, criaram à minha volta uma certa aura — que eu não procurei, aliás. Neste momento, essa aura é-me vantajosa e eu vou tirar partido dela.

N'O LABIRINTO

V. S. T. — Já tem alguma ideia definida?

F. C. — Tenho muita coisa escrita. Mas, de momento, há duas histórias que me interessam muito. Vou fazer uma delas.

V. S. T. — *Título?* ...

F. C. — O filme que vou fazer talvez se chame «O Labirinto». Mas mais não digo: é sempre um erro e acaba por se virar contra as pessoas. Isto vale para mim e penso que também devia valer para os meus colegas. Todo o novo cinema português só teria a ganhar se se libertasse de certos vícios característicos do velho cinema. É que nós, portugueses, temos a pecha de falar de mais — o que só serve para que depois as coisas apareçam deturpadas.

V. S. T. — *Sou da mesma opinião.*

VÍTOR SILVA TAVARES

Uma leitura de «As Aves»

(Continuação da 8.ª pág.)

curso poético de Gastão Cruz. A isso ele indubitàvelmente nos convida desde a temática à composição passando, evidentemente, pela própria linguagem utilizada. São características fundamentais da epopeia o seu carácter narrativo (adjectivo verbal + gerúndio), a ausência ou o obscurecimento da primeira pessoa do discurso e a revaloridação da terceira como caracterizadora de uma aventura comum. A tudo isto alia esta poesia o facto de se objectualizar sob a figura do soneto e a utilização de uma terminologia a que decerto não é alheia a actual experiência do autor. Terminologia que, evidentemente, é aqui reaproveitada em novas dimensões. Fàcilmente o leitor a recolherá do livro pelo que nos dispensamos de apontá-la.

De que nos fala então *As Aves*? Fundamentalmente de um corpo — é isso evidente. É aliás esta a palavra que no livro mais se repete: 43 vezes. De um *corpo instalado em linhas / / tensas de solidão*, de um *corpo / que em valas internado / se arruina*. De um corpo e de um Outono húmido e frio, entre um *exausto mês inútil de Novembro / em que tudo sacobra e se desude* e o *mês seco e duro de Dezembro*. Evidentemente que existe um lugar, uma *zona que a terra cobre só provida / de áridos ramos e da luz iníqua*. Gastão Cruz no-la descreve em termos de desolação: *céu pálido; terra pálida; folhagem árida; ar morto; árvores ásperas; zona de angústia aglomerada*. Há também uma casa *coberta e lajeada*, com *corredores extensos como um tiro* onde apenas passa uma *luz estéril*. Trata-se pois de um corpo; ou de corpos — já que o plural é aqui igualmente frequente: *corpos separados; corpos desunidos; corpos isolados; corpos rígidos*. Um corpo martirizado por um Outono inútil, numa zona seca e desolada onde se ouvem tiros no *cérebro inútil aloiando seu significado*. Todos estes sinais seriam igualmente verificáveis através dos signos que no livro mais frequentemente os traduzem: corpo (43), Outono (30), aves (21), armas (20), folhas (18), morte (17), céu (16), fogo (13), terra (11), amor (8), voz (5).

Eis-nos pois em presença de um poema essencialmente narrativo, de função estritamente referencial. *Mensagem* que se utiliza de um código que nos reenvia a um contexto preciso, fàcilmente identificável. Apesar da resistência que algumas das suas frases impõem à nossa leitura (leitura difícil porque sempre renovada, sempre imperfeita) a impressão que nos fica é a de uma leve claridade, uma transparência de sentidos que se nos traduzem através de uma limitada variedade de signos. Entre codificador e descodificador, entre destinador e destinatário — para utilizarmos a terminologia de Jakobson — estabelece-se desta forma uma fácil plataforma de comunicação. Daí que a *mensagem* possa ser legível na total ambivalência dos seus signos. Interpretar este poema a nível simbólico ou metafórico é encetar um percurso que dele cada vez mais nos afastará. Tudo aqui é pura descrição, as figuras alinham-se às figuras e é sobre si mesmo que se movem. *Mover* é aliás um verbo predilecto. Ele se repete ao longo do livro, nas suas diversas formas, por 24 vezes: *movem-se as folhas; movem-se as aves: ar morto que se move; movendo as lentas madrugadas; movimento da manhã e da tarde; movimento pálido do ar*. A descrição alia-se deste modo um outro aspecto: a sucessibilidade. É um Outono dramático e inteiro o que se desenrola diante de nós. Da chegada à despedida, do amanhecer ao *crepúsculo das terras poluídas. Terras que desconhecem os corpos* e os recebem portanto sempre com a mesma indiferença, sempre com a mesma vontade de em si próprias os soterrarem, os engolirem em valas lamacentas como amarelas folhas caídas do Outono. Mas assim como chegam os corpos se despedem do *violento / som breve com que as armas se despedem / agora do Outono. E assim começa e cessa / a solidão da zona / / destruída*, zona de angústia onde o ciclo dos corpos periòdicamente se repete, como o movimento das folhas e das aves sob a luz de um Outono que se não esquece jamais sob o *silêncio escavado nas palavras*. Palavras que ficam soterradas como o murmúrio dos corpos; palavras gastas mas que aqui se nos oferecem como pura representação.

NELSON DE MATOS

(1) Iniciativas Editoriais, Lisboa, 1969.

O tempo não apagou a ira

(Continuação da 8.ª pág.)

nero, as faltas (imaginadas ou não) de Lutero denunciam a grandeza do seu pacto com Deus (ou com o Diabo).

É, por outro lado, magistral a maneira como se vai desenhando a figura de Lutero, nas suas particularidades físicas, no seu comportamento perante os superiores, na sua incompreensão da modernidade, na contradição que quase o destroi entre o reformista religioso e o anti-reformista político e social.

«O Sangue dos Bamberg» é a mais atrevida das peças de Osborne — pena que a sua expressão dramática não corresponda a esse atrevimento conteudístico... O sarcasmo que serve de veículo à acerada crítica com que Osborne ataca a sagrada instituição monárquica (e a outros símbolos do «Establishment»: a Imprensa e a Rádio) aparece-nos como que sobreposto: Osborne não conseguiu fazer da peça um todo em que essa crítica (via sarcasmo) surgisse como cerne. Todavia, não se julgue que a peça não tem interesse, sobretudo na cena em que nos aparece a personagem fabulosa da mulher que passou dois dias e duas noites deliciada entre a roupa suja da Casa Real.

Por sua vez, a peça em um acto «Estritamente Confidencial» que, a certa altura, parece entroncar-se no teatro de absurdo, acaba por se resolver numa pungentíssima elegia (aliás não isenta de sarcasmo) ao amor humano desconhecedor de qualquer espécie de fronteiras.

Dir-se-ia que nestas três peças de Osborne o tempo tornou mais amarga a ira impremeditada de «Look Back in Anger». Contudo, pode dizer-se que o tempo não apagou a ira. Talvez mais desiludido, não direi mais conformado, Osborne continua a arremeter contra uma sociedade que não pode aceitar. As suas críticas parecem agora mais aceradas, mais duras, menos epidérmicas. Mas não são ainda uma saída.

Os textos das peças são precedidos por um notável ensaio de José Palla e Carmo que nos faz lamentar, uma vez mais, que este crítico não «apareça» mais vezes.

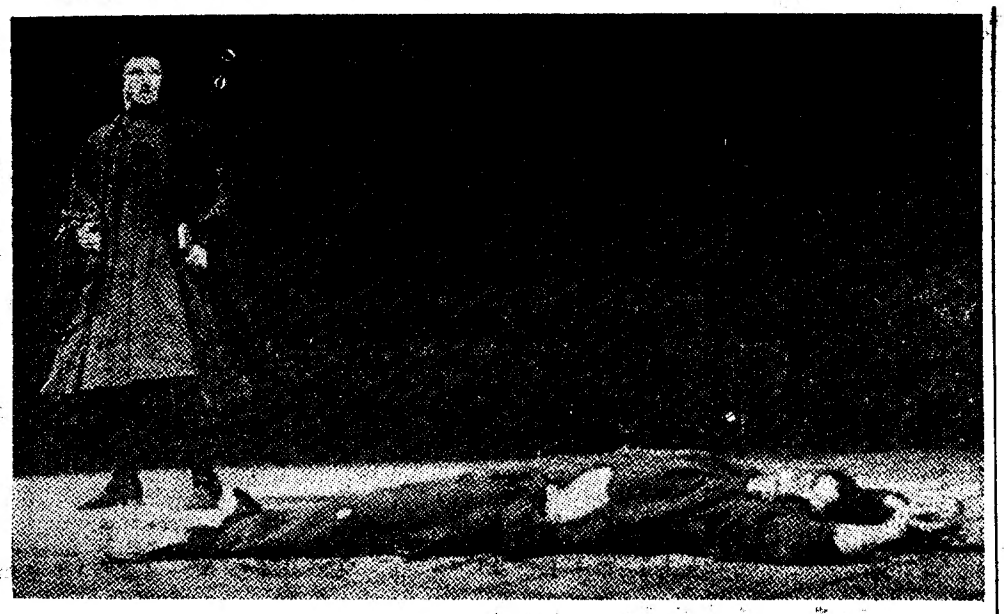
CARLOS PORTO

(1) John Osborne — TEATRO — LUTERO («Luther»); DUAS PEÇAS INGLESAS («Estrictamente Confidencial» — «Under Plain Cover»; e «O Sangue dos Bamberg» — «The Blood of the Bambergs»). Trad. de José Palla e Carmo e António Neves Pedro). Pref. de José Palla e Carmo. Edição da «Portugália Editora».

(2) «O Tempo e a Ira» («Look Back in Anger») — Edição da «Editorial Minotauro»; «O Comediante» («The Entertainer») — Edição «Delfos».

O tesouro na gaveta...
Faqueiros de Prata
TOPÁZIO
duplamente trabalhados
valem cada vez mais
Vendem as melhores Ourivesarias

Pierre Vaneck, actor recentemente falecido, na magistral interpretação de «Lutero»



«Lutero»: menos a análise dum reformador que o estudo duma ira...

OSBORNE:
o tempo não apagou a ira

por Carlos Porto

UM NOVO VOLUME com peças de John Osborne (1) vem juntar-se aos anteriormente publicados. (2) permitindo-nos um conhecimento mais lato da obra daquele dramaturgo inglês. Recordemos, antes de mais nada, o significado da estreia da primeira peça de Osborne, para melhor podermos situar as peças agora editadas. Ouçamos o que diz Kenneth Tynan:

— «Na candente atmosfera (da sociedade britânica) John Osborne, um frágil e esfomeado actor de 27 anos, atirou uma obra intitulada «O tempo e a ira», que resumia o que muitos dos seus contemporâneos sentiam para com os seus governantes e os seus maiores. Estreou-se no «Royal Court Theatre», e a denotação daquela noite de Primavera ainda ecoa na pudica antecâmara da cultura inglesa. Foi como se no elegante sussurrar de uma reunião alguém tivesse soltado um berro ensurdecedor.»

Com as três peças que compõem o volume agora lançado pela «Portugália» volta a pôr-se o problema da posição do dramaturgo perante as estruturas de classe da sociedade inglesa, e mais pròpriamente perante aquele a que se convencionou chamar «Establishment». Embora essa posição não constitua segredo para quem conhecer mesmo parcelarmente (é o meu caso) a obra deste jovem irado (ou dever-se-à dizer, ex-jovem irado?).

Posto em confronto com a sociedade em que está marginalizado, Osborne assume perante ela uma atitude de rebeldia que se gasta a si própria, que se encerra num círculo. A sua crítica não pode, consequentemente, deixar de ser ao mesmo tempo, irada e ineficaz. No entanto, como os factos o documentam, não há rebeldia que não possa transformar-se em qualquer coisa de mais concreto, e de definitivo...

A ira de Osborne era (é) alimentada por sentimentos e paixões que excessivamente a pessoalizavam, e pessoalizam. Conseguirá o dramaturgo passar da explosão», à reflexão, desta à interpretação? Eis a dúvida que se levanta.

Das peças que compõem este volume, a mais importante é «Lutero». Mais importante não só pela amplitude da sua problemática, como pela densidade ideologia, pela expressão estética em que teatralmente se realiza. Creio bastante significativo, em relação ao que foi dito, o facto de ao escrever «Lutero» ter interessado a Osborne visìvelmente muito menos a personagem histórica e o seu respectivo contexto, do que a *facies* humana e a sua caracterização psicológica. Ou seja, interessa-lhe mais o Lutero na sua individualidade (aliás excepcional) do que o Lutero na sua totalidade histórica, social, politica (embora Osborne tenha seguido fielmente a biografia do religioso alemão). Por isso me parece excessivo falar em Brecht a propósito desta peça. Não que Brecht não esteja aqui presente (na composição de algumas cenas, no distanciamento conseguido através das constantes referências aos padecimentos físicos de Lutero), mas creio essa presença insuficientemente assimilada para que se possa falar em peça brechtiana.

Osborne: um berro contra o «Establishment»...

A peça constitui assim menos a análise dum reformador do que o estudo duma *ira* — Lutero aparece-nos dito com um certo exagero, como um prolongamento de Jimmy Porter, na medida em que a sua revolta surge mais como um caso pessoal (ver as cenas dos sonhos e os diálogos com o pai) do que em função de um determinado processo histórico.

Dir-se-ia que nesta interpretação de Osborne, as motivações de Lutero são de dois tipos: por um lado como resposta à descrença do pai nas suas possibilidades; por outro, como substituto de uma presença cuja inexistência o angustia tremendamente: «A única coisa que sinto, a única, é o ódio de Deus por mim» (pag. 23). Nem os homens nem Deus: é a solidão absoluta. Lutero aceita o desafio: a sua revolta é uma resposta ao desprezo dos homens (do pai, em especial) e ao ódio de Deus. É claro que a própria ira de Osborne transparece claramente no meio de tudo isto: os seus ataques à hipocrisia e às «tendências comerciais» são óbvios, sobretudo pela demolidora ironia de que se revestem. Há ao longo da peça uma luta constante entre a carne e o espírito — ambos estão sempre presentes (pelo processo mais directo por vezes) — dando ao «Lutero» esta tensão permanente que a torna viva.

O que me impressionou em «Lutero» foi a sua construção, a perfeita definição das personagens (em especial Lutero), a maneira como estão caracterizadas, a partir do próprio discurso. Como exemplo lembro a cena (teatralmente magnifica) em em que Lutero aparece com outros irmãos confessando as suas faltas. Enquanto as faltas dos outros são apenas mesquinhas e quase risíveis faltas de atenção, ou do gé-

(Continua na 7.ª página)

Uma leitura de
«AS AVES»

por Nelson de Matos

A LEITURA DE UMA OBRA impõe-nos, como exigência primeira, a delimitação do seu proprio espaço. Só depois nos interrogaremos sobre o modo de funcionamento dos elementos que esse espaço preenshem para, finalmente, reflectirmos sobre preenche, para, finalticular que a articulação desses elementos suscitou á nossa leitura. Três fases que, por agora, pressupomos como essenciais a qualquer leitura que se não queira limitar a uma abordagem de superfície: a definição do espaço (ou a obra como objecto); o modo de funcionamento do discurso; e a sua significação dentro de um Sistema — que aqui poderá ser indistintamente a produção anterior do artista, um estilo, ou a totalidade de uma Cultura.

Falemos pois do espaço já que só ele nos identificará o objecto a analisar. Trata-se de um livro de poemas intitulado *As Aves*, publicado em Portugal, no ano de 1969. O seu autor, Gastão Cruz, nasceu em Faro no ano de 1941 e esta é a sua sexta publicação em livro; estreou-se integrado no grupo de *Poesia 61* com uma *plaquette* intitulada *A Morte Percutiva*. No mesmo ano publicaria ainda *Hematoma*, seguindo-se-lhe, com intervalos regulares de dois anos, *A Doença*, *Outro Nome*, *Escassez* e o presente livro. Paralelamente á sua presença na poesia tem exercido uma irregular actividade crítica que se tem centrado na investigação e estudo das novas linguagens poéticas. Actividade que, apesar de irregular, se mostrou de extraordinária importância como contributo para a discussão e ensaio de um método de crítica a que impròpriamente se tem chamado *não impressionista* ou *universitária*.

As Aves é um conjunto de vinte e oito poemas de regular composição estrófica. Todos se compõem de duas quadras e dois tercetos, o que, por enquanto e para maior facilidade de designação, nos levará a considerá-los como sonetos. Não existe no livro qualquer sinal de pontuação e, da totalidade dos poemas, dez terminam sob a forma de adjectivo verbal. Analisaremos já um pouco detalhadamente esta tentativa de revalorização e reaproveitamento das formas de particípio passado o gerúndio tentada por Gastão Cruz, o que introduz numa poética decisivamente moderna um raro saber classicista. Vejamos pois como se repetem estas formas ao longo da totalidade do livro já que os numeros serão como sempre bem mais elucidativos:

Formas em adjectivo verbal, 79; formas em gerundio, 31.

Da próprla leitura dos poemas ressalta aliás uma certa ressonância do discurso camoniano que não pode ser senão consequência da elevada utilização destas formas. A figura do soneto e esta concatenação linguistica são decerto os meios através dos quais este discurso nos transmite em ressonância o modelo do discurso camoniano. Outros poetas, aliás, com ele se nos identificaram logo após uma primeira leitura: Carlos de Oliveira — pela composição, pelo rigor, pela constante desconfiança em relação ao material utilizado, Jorge de Sena — por alguma imagética, pelo jogo de construção, pela alteração da ordem da frase e sobretudo pelo tema *aves* que tanto nos sugeriu o belo poema *...de passarem aves* incluído em *Pedra Filosofal*, sobretudo em fases como esta: *mais do que as folhas que do alto caem/mas sem sol grande as aves não se movem/ nem já não caem com a calma as aves;* e Camões, evidentemente, já o dissemos, e também talvez Sá de Miranda, pela *significancia* do discurso.

Gastão («As Aves») Cruz

Reflectimos pois um pouco sobre as formas de adjectivo verbal e gerúndio nas quais parece centrar-se toda a articulação da linguagem do poeta. A primeira remete-nos a uma acção passada, com características de irremediável, acentuadamente trágica: *o fogo simulado o fogo bárbaro / de nuvens desabridas o furor / e o terror no corpo separado / e simulado ou simulado morto.* Mas é essa acção passada e no presente rememoriada, é a acentuação do irremediável e da tragédia de tudo, que tende aqui a compensar-se pela acção ocorrente do gerundio: *É um Outono inteiro emerso em armas / é um sopro de dias / movendo as suas lentas madrugadas / e nas manhãs e tardes repetindo.* A conjugação destas duas formas leva-nos sobretudo a um prolongamento da acção. O adjectivo verbal assinala um acontecimento anterior à sua enunciação pela *mensagem*; o gerundio acentua esse acontecimento e inscreve-o no presente, quer dizer no momento de produção dessa mesma *mensagem*. Trata-se pois de um conjunto de factos acontecidos, irremediáveis, prolongando-se num presente que os rememoriza. Esta concatenação de formas virá ainda a ter como consequência mais funda o transmitir a este discurso um elevado carácter narrativo. E é tudo isto que, aliado à total ausência de uma primeira pessoa, nos poderá levar a designar como *épico* o dis-

(Continua na 7.ª página)

FRIGORÍFICOS
IGNIS
· Maior capacidade em menor espaço
· A maior e melhor linha
Uma marca de prestígio ao seu dispor nas melhores condições de aquisição em:
ELGA, LDA.
AV. ALMIRANTE REIS, 104-B
T. 42175 — LISBOA